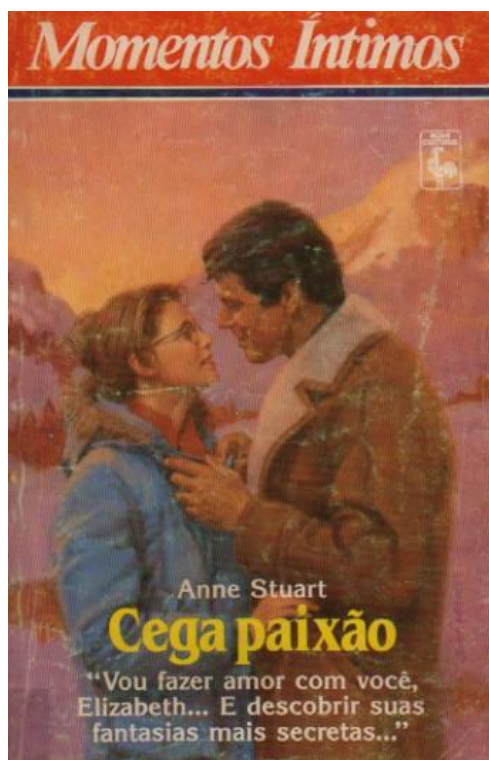


Cega paixão

Anne Stuart

"Vou fazer amor com você, Elizabeth... E descobrir suas fantasias mais secretas..."



Título original: Special Gifts (1990)

Coleção: Momentos Íntimos 216 (1990)

Protagonistas: Elizabeth Hardy & Sam Oliver

Digitalização e revisão: Tinna

Um homem e uma mulher lutando contra o desejo e o medo da entrega.

Ansiosa, Elizabeth vê que Sam se aproxima, trazendo no olhar uma intenção inequívoca. Ele a toca nos ombros e suas mãos se insinuam pelo decote ousado. O beijo que se segue é exigente, e Elizabeth se entrega trêmula, cativa. Nada mais há para fazer, não consegue resistir à atração que sente por Sam. O vestido vermelho desliza para o chão. Uma noite de paixão e delírio os espera.

Elizabeth toca os lábios, lágrimas escorrem-lhe pelo rosto. Tudo não passara de uma visão, mais uma de suas visões de paranormal. Mas sabe que cedo ou tarde tudo aquilo acontecerá, da maneira que viu. É fatal que aconteça: mesmo que não tenha um vestido vermelho, mesmo que Sam continue a tratá-la como inimiga!



SPECIAL GIFTS

© 1990 Anne Kristine Stuart Ohlrogge
Originalmente publicado pela Silhouette Books,
Divisão da Harlequin Enterprises Limited

CEGA PAIXÃO

© 1990 para a língua portuguesa
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Todos os direitos reservados, inclusive o direito de
reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.
Esta edição é publicada através de contrato com a
Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.
Silhouette, Silhouette Desire e o colofão são marcas
registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Tradução: Maria Fernanda Bittencourt Nabuco

NOVA CULTURAL: Av. Brig. Faria Lima, 2000 — 3º andar
CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil
Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressa na Artes Gráficas Parâmetro Ltda.

CAPÍTULO I

O sapato vermelho estava caído no chão empoeirado. O couro era brilhante, novo, com poucas marcas para macular o brilho impecável. O salto, quebrado. Havia manchas de sangue por toda parte. Secas, de um vermelho bem escuro, envelhecido, mas não havia dúvidas de que eram de sangue. Algumas delas no sapato, no chão, nos degraus de madeira tosca da entrada da construção abandonada. Ninguém que perdesse tanto sangue sobreviveria.

Tudo tinha se passado na montanha. Elizabeth conseguia enxergar os picos recortados das montanhas Rochosas atrás da construção, sentia a neve ainda suspensa no ar. Um carro, não, um caminhão estava parado a um canto. Um caminhão azul e ainda novo, com listras douradas de um lado e o pára-choque traseiro amassado.

Elizabeth parou de súbito. Sentia muito, muito frio; como se estivesse sob uma camada grossa de gelo que nada conseguiria derreter. Ela sentiu a dor irradiar-se dos ombros por todo o corpo, ondas insuportáveis de frio congelando-lhe os músculos, cortando-lhe a pele. Então, gritou, e começou a suar frio, um suor estranho que deixou-lhe as mãos molhadas e as pernas frágeis, roubando-lhe por completo as forças.

Ela fechou os olhos, apertando-os bem, procurando ignorar a dor e se concentrar na carga do caminhão. Mas o cheiro de sangue continuava entranhado em suas narinas, fazendo-a sentir o estômago enjoado. O frio era cortante, e a cabeça parecia prestes a explodir.

Frustrada, afundou-se na cadeira de metal e abriu os olhos, destruindo a visão.

— O que você viu, Elizabeth?

Eles não se encontravam, de fato, numa construção abandonada nas montanhas Rochosas, nem tampouco havia sequer uma gota de sangue por perto. Elizabeth Hardy estava sentada na sala de interrogatório de uma simples delegacia de Denver; os dedos agarrados aos braços metálicos da cadeira desconfortável. O detetive de polícia Phil Grayson a olhava, um tanto cético, contribuindo para o seu mal-estar.

A respiração dela estava ofegante, como se tivesse corrido muito, e o suor frio que lhe molhava o corpo magro a fez estremecer apesar de a sala ser aquecida.

— Quase nada de novo — disse, por fim, a voz rouca e baixa. — O sangue, o sapato, os degraus da frente; tudo exatamente como já havia descrito. Agora tenho certeza de que era nas Rochosas, como presumíamos.

Phil assentiu, o rosto largo de meia-idade fechado numa expressão preocupada.

— Não importa; é sempre bom termos uma confirmação.

— Concordo. — Elizabeth já conseguia falar com mais desenvoltura e o frio ia aos poucos passando sob o calor das lâmpadas. — Sei que ainda duvida do mérito da minha colaboração.

Phil enrubesceu.

— Já trabalhamos juntos há algum tempo, Elizabeth, e não posso negar que você vê coisas que não se pode explicar. Coisas que por diversas vezes se mostraram muito úteis, só que sou um homem pragmático. Passei vinte anos no Exército e outros dez aqui na corporação e é difícil para mim admitir que preciso da ajuda de uma... uma...

— Paranormal — ela completou com o termo certo, arrepiando-se de novo sob o suéter de lã.

— Por que você se oferece para ajudar assim? — Grayson indagou, curvando-se em direção à pequena mesa de metal que os separava. — Nota-se que isso a deixa completamente esgotada. Por que continua se oferecendo como voluntária? Não era melhor deixar de lado e esquecer?

— E acha que eu não faria isso se pudesse? — disse, cansada, puxando para trás uma mecha de cabelos castanhos que havia se desprendido do coque baixo. — Pena que isso não seja como uma televisão, que se desliga a hora que quer. As visões vêm independente da minha vontade e, já que é assim, acho melhor empregá-las para tentar ajudar outras pessoas. — E soltou um longo suspiro. — Desta vez consegui ver mesmo o caminhão.

— Ótimo. — Grayson apanhou um bloco de anotações. — Será que é demais perguntar se deu para ver a placa?

— O caminhão não tinha placas — garantiu sem vacilar. — Era novo... último tipo, eu diria. Azul com listras douradas, amassado no pára-choque traseiro. Ele tinha... tinha... — e procurou a melhor forma de se expressar. — Tinha uma inscrição no lado da porta. Ou, pelo menos, já teve. Acho que as letras foram apagadas com uma demão de tinta mas ainda dá para lê-las. — E fechou os olhos. — Spandau Corporation.

O lápis que Grayson segurava partiu-se em dois.

— Tem certeza de que leu Spandau Corporation? — perguntou, visivelmente inquieto.

— Sim, tenho, por quê? Nunca ouvi falar dessa firma, você já?

— Sim, já — ele afirmou simplesmente.

— Será que tem algo a ver com o desaparecimento de Mary Nelson?

— Jamais pensaria isso. Aparentemente a Spandau Corporation não poderia ter nada a ver com o caso do desaparecimento de uma simples dona de casa de trinta e dois anos. Vamos ter que investigar a história. — Mais do que incrédulo, ele parecia confuso. — Deu para ver mais alguma coisa?

— Não — ela disse e bocejou, estirando os músculos dos braços. — Quem sabe mais tarde.

— Sim, quem sabe. Quer uma carona para casa?

— Não, obrigada, vim de carro. E a neve ainda não está muito forte. Se eu sair já, consigo chegar bem em casa.

— Telefone se aparecer alguma novidade, sim, Elizabeth?

Era visível que Grayson ainda relutava em confiar plenamente naquelas informações.

— Claro, mas pode demorar alguns dias. Sabe que preciso de um tempo entre uma sessão e outra.

Elizabeth o observava com atenção. Phil Grayson estava nervoso, agitado e indisfarçavelmente ansioso por sua partida. Normalmente oferecia-lhe um cafezinho, um lanche ou apenas batiam um papo enquanto ele fumava um cigarro atrás do outro. Ela era da mesma idade da filha dele e Grayson a tratava de modo quase paternal.

Mas hoje não. Algo o preocupava e, se Elizabeth ainda tivesse forças, tentaria descobrir o que era. Contudo, suas últimas reservas de energia esgotavam-se rapidamente e um bate:papo não daria em nada. Grayson era teimoso demais e Elizabeth estava exausta, portanto a única alternativa seria esperar até que resolvesse lhe contar do que se tratava.

— Dirija com cuidado, sim? — Grayson estava de pé e Elizabeth notou-lhe a impaciência. — Você vai estar em casa este fim de semana? Posso procurá-la, se precisar?

— Claro, não vou viajar.

Phil observou-a sair, sentindo-se confuso. Elizabeth estava muito magra, constatou. O pescoço parecia fino demais para sustentar o peso do coque basto à altura da nuca e os olhos um tanto grandes para o rosto oval tão delicado.

Era incrível quanta energia uma sessão daquelas lhe roubava. Ao chegar, Elizabeth lhe parecera pálida, sim, mas cheia de vida. Ao final da sessão, lembrava um atleta depois da maratona: pálida, suando, a respiração difícil. Incredulidade à parte, não havia dúvidas de que os dons paranormais eram desgastantes e traumáticos para ela.

Porém, não havia tempo no momento para se preocupar com Elizabeth. O nome que ela citara com tanta ingenuidade despertara um ódio que Grayson trazia no íntimo há dez anos.

Esticando o braço, apanhou o telefone e discou vários números passando por quatro departamentos até chegar ao homem que procurava.

— Oliver falando.

— Sam — Grayson disse com alívio. — Pensei que não fosse conseguir encontrá-lo. Desde quando o Serviço de Inteligência do Exército tornou-se tão inacessível?

— Desde que você saiu daqui, Grayson — Sam Oliver respondeu com incrível presença de espírito. — Eles me mantêm preso aqui, longe da tentação. Têm medo de que eu fuja para as montanhas Rochosas, como você.

— Eu estava farto disso aí. Não sei como consegue suportar esse departamento há tanto tempo.

Houve uma longa pausa do outro lado da linha.

— Nem eu — Sam admitiu. — Sei que não telefonou para bater papo, Phil. Conheço-o bem para saber que não é dado a este tipo de coisa. O que houve?

— Problemas, para variar. Só que, desta vez, são seus. A questão está fora da minha alçada e não sei como lhe explicar o caso sem que pense que enlouqueci.

— Experimente.

— É sobre a Spandau Corporation, Sam. — Silêncio outro lado. — Você me ouviu? Temos uma moça aqui e...

— Não diga mais nada, Phil. — Sam falava num tom tenso, baixo, apreensivo. — Vou até aí. Não comentou nada com ninguém, não é?

— Sam, trabalhamos juntos muito tempo e acho que você me conhece melhor do que ninguém. Quando acha que pode vir?

— Vou chegar hoje à noite, mas não diga a ninguém que estou indo. Apareço na sua casa. Ainda mora sozinho?

— Marge levou as meninas. Pode vir, estou sozinho. Você ainda gosta de um bom uísque?

— Não, agora só bebo vinho branco — Sam brincou. — É claro que ainda gosto. Até mais tarde, Phil.

— Até.

Phil olhou para o telefone e, então, recolocou-o no gancho. Sua intuição estava correta. Sabia que a Spandau Corporation representava problema. Dos grandes. Graças à ajuda de Elizabeth as investigações tomariam novo rumo.

Grayson achava curioso o fato de sentir-se tão pouco à vontade na presença dela, apesar de serem amigos. Suas visões, que eram quase tranSES, haviam ajudado muito nos últimos dois anos, salvando vidas, encontrando coisas e até pessoas desaparecidas. Mas preferia que tudo fosse mais racional, que houvesse uma explicação concreta para o que se passava com ela.

Não ia ser fácil explicar seus dons paranormais a Sam Oliver sem passar por imbecil. Sam era bastante franco quando queria e não se interessava nem um pouco por metafísica.

Mas tinha que preveni-lo, claro. Elizabeth Hardy não era do tipo que se submetesse a sua tática intimidadora e, conhecendo-o bem, sabia que Sam não iria engolir facilmente a "paranormalidade" dela. Se fosse preciso, serviria de intermediário entre os dois, pois não pretendia ficar de braços cruzados vendo Sam tentar colocá-la contra a parede. Por outro lado, Elizabeth tinha mais garra do que se polia supor e talvez conseguisse encará-lo com mais coragem do que muita gente.

Tentado a preveni-la, pegou o telefone, mas mudou de ideia. Sam lhe pedira para não comentar sobre sua vinda e tinha razão. A Spandau era um caso muito sério. Se Sam dissera que viria ainda esta noite, viria mesmo e nada no mundo o deteria. Por sorte o caso estaria fora de sua responsabilidade em poucas horas.

"Devia ter aceito a oferta de carona", Elizabeth constatou ao dirigir sob a neve. As estradas estavam muito escorregadias, parecendo

um ringue de patinação, e mal lhe restavam forças para prestar atenção ao caminho.

Entretanto, se abandonasse o carro ali, teria que voltar para buscá-lo mais tarde ou ficaria presa em casa, sem meio de transporte durante todo o tempo que durasse o que o rádio chamara de uma "tempestade de neve típica desta época". Porém, apesar de já morar no Colorado há dois anos, ainda não se acostumara com o clima da região.

Jamais se aventuraria a dirigir pela estrada no auge da tempestade, mas não gostava da sensação de isolamento que a falta de carro lhe proporcionava. Era muito mais o efeito psicológico que a afetava. Não gostava de sentir-se presa num lugar.

Elizabeth mal via a hora de chegar em casa. Seria a conta de acender a lareira, tomar um banho bem quente e deitar sob as cobertas.

Sempre dormia um sono profundo depois dessas sessões, procurando refazer as energias perdidas. Para, em seguida, começar tudo de novo. Agora, o que mais a preocupava era a estrada. Daqui a uns dias, sim, tentaria mais uma vez descobrir o corpo de Mary Nelson.

Na verdade, já não tinha mais a mínima esperança de encontrá-la com vida. Porém, como Phil Grayson havia dito, a polícia precisava saber o que havia acontecido. De um dia para o outro Mary Nelson, uma simples dona de casa, residente em Golden, Colorado, desaparecera sem deixar pistas. Com certeza fora morta mas ninguém sabia por quê, como ou onde.

Era a quarta mulher a desaparecer nos últimos meses. Os outros três corpos haviam sido encontrados logo depois, violentados, a garganta cortada sem que ninguém soubesse por que o assassino as escolhera.

Mas Mary Nelson ainda não tinha sido encontrada. Salvo esta exceção, seu caso era exatamente igual ao das demais, só que uma semana já se passara desde que a polícia iniciara a busca. E a tensão na área de Denver aumentava a cada dia.

A entrada para carros de sua casa estava praticamente coberta pela neve e o carro derrapou para o lado quando Elizabeth fez a curva. Por sorte tinha comida bastante para vários dias no freezer e na despensa, pois não planejava sair até que a neve parasse e o céu voltasse a ficar azul.

Com um pouco de sorte, as malditas visões lhe dariam uns dias de sossego. Não queria mais pensar no destino de Mary Nelson, não queria ver seu corpo jogado em algum lugar, o rosto desfigurado...

Mas como é que sabia disso? A palma de suas mãos suava e o coração disparou no peito. Parou o carro na frente de casa, sem sequer se preocupar em guardá-lo na garagem, e correu para dentro.

Exausta, não se lembrou de acender a lareira nem foi direto para o banho. Apenas tirou os sapatos, ligou o aquecedor elétrico e rumou para o quarto, onde se atirou na cama e enfiou-se debaixo das cobertas. Sob o cobertor elétrico, fechou os olhos com força para esquecer as visões e conseguiu dormir.

Sam Oliver esticou as pernas durante o voo no jatinho e deu graças por não ter que usar um daqueles aviões comerciais com assentos pequenos e corredores apertados. Bastava discar um número, solicitar um avião e meia hora depois tinha um a sua disposição num campo de pouso particular fora de Langley.

Conseguira um dos melhores pilotos do governo norte-americano para levá-lo até Denver sob a tempestade de neve e nem se importava em não ter serviço de bordo. Desde que não faltasse um gole de uísque.

Sozinho, tudo o que tinha a fazer era relaxar e pensar. „ Pensar no súbito reaparecimento da Spandau Corporation e sua possível conexão com um caso de seqüestro em Golden, Colorado.

Tudo isso Sam ficara sabendo antes mesmo de decolarem. Sua secretária lhe providenciara um exemplar de cada um dos principais jornais do Colorado, onde o desaparecimento de Mary Nelson figurava como manchete de primeira página. O texto dizia que a polícia trabalhava com diversas pistas. Sem dúvida, uma delas devia ser a Spandau Corporation.

Sam precisaria fazer de tudo para que nada fosse veiculado sobre a Spandau. O que poderia ficar difícil se realmente a Spandau tivesse algum envolvimento no desaparecimento de Mary Nelson, como parecia ter no seqüestro terrorista de Shari Derringer — a loira de trinta anos, filha de um secretário de Estado norte-americano.

Até o momento, O caso do seqüestro de Shari continuava um mistério. Ela desaparecera três dias atrás e os seqüestradores haviam dado pouca notícia. Fora com um peso no coração e muita surpresa que Sam

Oliver vira a foto de Mary Nelson e constatara sua incrível semelhança com a grã-fina seqüestrada em Washington.

No entanto, não tivera tempo de conversar com seus superiores. Havia um grupo especial trabalhando no caso de Shari, e Sam não estava envolvido com a investigação. Até que tudo se esclarecesse, o melhor seria ficar em silêncio. Danny e os rapazes tinham mil pistas a seguir e ele teria tempo de sobra para seguir esta que se apresentava no Colorado.

Desde, claro, que conseguisse chegar lá com vida.

Olhando pela pequena janela do avião militar, Sam viu a tempestade de neve cair com mais intensidade e se arrepiou. Há tempos não sentia medo, principalmente medo de morrer. Caso o piloto não conseguisse pousar, não havia nada que Sam pudesse fazer e, caso conseguisse, seria hora de começar a trabalhar.

Como ainda lhe restava algum tempo de vôo, resolveu relaxar, fechar os olhos e tirar um cochilo.

CAPÍTULO II

Em meio à noite de sono agitado, Elizabeth preferira tirar a roupa em vez de diminuir a temperatura do cobertor elétrico. Quando os primeiros ruídos começaram a incomodá-la durante o sono, resmungou mal-humorada afundando-se sob as cobertas, a cabeça sob o travesseiro.

Os ruídos, no entanto, persistiram, atravessando a camada de plumas do travesseiro, penetrando seu sono e ativando seu instinto natural de proteção.

Devagar, ainda dopada pelo sono, tirou a cabeça de baixo do travesseiro e olhou para o relógio. Eram três e meia da madrugada — dormira apenas nove horas quando, na realidade, precisaria de pelo menos doze. Em silêncio, aguçou os ouvidos e verificou que o ruído cessara. Porém, antes de retomar o sono, decidiu ir ao banheiro.

No exato momento em que pegava o robe de flanela na guarda da cadeira, ouviu o ruído inconfundível de pessoas na sala.

Petrificada de medo, sentou-se na beirada da cama, o robe amarrado com força, os ouvidos e a mente aguçados. Será que se esquecera de trancar a porta? Não... não poderia ter sido tão descuidada sabendo que havia um perigoso assassino solto na redondeza.

Seria um ladrão ou o próprio assassino? Seu coração continuava a bater no ritmo normal e Elizabeth enviou um comando para o próprio cérebro, banindo o pânico. Mesmo não confiando cem por cento em seus instintos e intuições, parecia-lhe que o invasor era absolutamente inofensivo.

Sem barulho, levantou-se da cama e, cruzando o assoalho de tábuas, abriu a porta. A luz do quarto inundou o cômodo quase escuro revelando um vulto alto e sombrio, de pé, perto da lareira. Ele parecia prestes a acendê-la, arrumando as toras de lenha, e ao ouvi-la voltou-se com absoluto autocontrole.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa? — Elizabeth perguntou, parecendo mais uma recepcionista do que uma pessoa cuja casa havia sido invadida.

— Desculpe-me por ter entrado assim. — Sua voz era grave, agradável, com um ligeiro sotaque texano. — Não pude prosseguir viagem por causa da tempestade. Bati várias vezes na porta mas acho que

você não ouviu. Fui obrigado a quebrar uma janela mas já remendei-a por enquanto; prometo consertá-la quando o tempo melhorar. Espero não tê-la assustado.

— Não, não assustou.

No escuro e sem óculos, ficava difícil para ela enxergá-lo direito. Via apenas uma figura alta e esguia, cabelos grossos e escuros, com a gola do casaco acolchoado cheia de neve.

— Você é bastante corajosa, levando-se em conta o que os jornais locais têm noticiado. E se eu fosse um estuprador ou um assassino?

— Mas não é — ela garantiu com tranquilidade. — Seu carro saiu da estrada?

— A mais ou menos um quilômetro daqui. Eu não deveria ter insistido nesta viagem — admitiu, parecendo aborrecido consigo mesmo. — Espero que não se importe com minha entrada tão brusca, mas eu teria morrido congelado se tivesse ficado no carro.

— Não tem importância — Elizabeth disse, ignorando a inquietação que crescia em seu íntimo. — Vou fazer um café enquanto você chama um reboque.

— Gostaria muito de um café, mas já chamei a equipe de socorro e eles só poderão vir pela manhã.

Elizabeth procurou disfarçar a irritação.

— Neste caso, vou lhe trazer um cobertor; você pode dormir no sofá. Quer pôr algo no café que o ajude a dormir?

— Uma dose de uísque seria perfeito — admitiu, jogando um fósforo aceso na lareira. Assim que as chamas começaram a crescer, afastou-se em direção ao sofá. — E não precisa do café.

— Volto já. — Seu mal-estar persistia. Não era um desconforto físico diante daquele estranho mas uma sensação de que algo não estava bem. — Meu nome é Elizabeth Hardy.

Ele então cruzou a sala a passos largos e seguros e ali, sob o clarão da luz vinda do quarto, ela pode vê-lo bem pela primeira vez. E o mal-estar aumentou.

Era um homem muito bonito. Os cabelos escuros cortados bem curtos, os olhos de um azul intenso, o rosto bronzeado e agradável. Mas Elizabeth não acreditou naquela beleza afável.

— Sam Oliver — ele se apresentou, estendendo a mão forte, larga, de dedos longos.

Quando Elizabeth apertou-lhe a mão, uma espécie de choque elétrico percorreu-lhe o corpo. Assustada, soltou-a e, sem disfarçar a surpresa, deu um passo atrás. A mesma expressão de pânico estampou-se na fisionomia de Sam, que também se espantou com o ocorrido.

— O ar está carregado de estática — ela murmurou. — Vou buscar seu drinque.

Sam observou-a sair, a mão ainda quente pelo contato de sua pele com a dela. Também sentira um choque estranho, diferente, ainda mais intenso que aquela reação sensual, quase mística, do toque entre duas pessoas fisicamente atraídas. Elizabeth Hardy era uma moça miúda, calada, quase sem atrativos, mas aqueles seus olhos castanhos eram bonitos e intrigantes.

Mas não era só isso... Então, pensando no que Phil Grayson lhe dissera a seu respeito, seguiu ao encalço de sua anfitriã, os olhos azuis muito atentos.

Tinham sido necessárias duas horas para percorrer os trinta quilômetros entre o aeroporto e a modesta casa onde Phil Grayson morava sozinho havia três anos, quando a esposa o abandonara levando consigo as filhas do casal. E mais três horas de bate-papo regado a uísque e pizza até que Phil o convencesse de que não estava maluco.

— Você só pode estar brincando — Sam dissera a princípio. — Uma paranormal? Não me diga que acredita nessas bobagens!

— Não, não acredito — Phil respondeu. — Mas, também, não posso negar que existem os paranormais. Diversas vezes Elizabeth descobriu pessoas e coisas que ninguém conseguia encontrar. E não há nenhuma explicação lógica para o fato. Tudo o que sei é que ela entra naquela espécie de transe e vê fatos que ocorreram a distância.

Sam retrucou-lhe:

— Ora, Phil, não me venha com essa. Você já passou da idade de ter esse tipo de crise.

— E você é moço demais para ser tão cético! Estou convencido de que ela consegue enxergar coisas. De outra forma, como ficaria sabendo da Spandau Corporation?

— É o que pretendo descobrir. E espero que ela tenha uma explicação bem convincente.

Mas Phil sabia tão bem quanto Sam que não havia explicação nenhuma.

A Spandau Corporation era um dos maiores fracassos criados pelo Serviço de Inteligência Americano, envolvendo desde o presidente dos Estados Unidos, passando pela CIA até os mais simples departamentos de inteligência. Um escândalo que, apesar de já ter dez anos, continuava bem vivo na lembrança de todos.

A princípio, fora um plano engenhoso, coberto de glórias. A Spandau Corporation tinha sido uma companhia imaginária criada pela CIA para servir de disfarce à infiltração em diversos grupos terroristas europeus e do Oriente Médio nos anos setenta. Sam Oliver, bem como Phil Grayson, estavam entre seus funcionários fictícios.

Porém, a certa altura, tudo começou a dar errado. Burocracia demais, muitos agentes duplos, chefes em demasia. Ninguém saberia dizer como mas, quando a poeira assentou, os planos para o controvertido míssil Unicorn, acordos secretos assinados entre supostos países inimigos, e os detalhados planos dos EUA para a América Central e o Oriente Médio tinham caído nas mãos da pior coleção de terroristas internacionais jamais vista. Que, para completar, se autodenominavam Spandau Corporation.

Não havia nada que se pudesse fazer para salvar a situação. Os planos tiveram que ser mudados, o míssil Unicorn teve que ser substituído por outro muito menos eficiente e os agentes foram obrigados a voltar para os EUA.

O nome da Spandau Corporation, a companhia imaginária, e todos os seus planos tinham sido mantidos em segredo e pouquíssimas pessoas a conheciam.

Sam permanecia de pé no living ouvindo os movimentos de Elizabeth na cozinha. Talvez ela fosse uma dessas poucas pessoas. Phil tinha gravado em vídeo suas sessões com ela e Sam ficara mais de uma hora vendo as fitas à procura de alguma pista — uma fala em falso, uma mudança de entonação, uma hesitação qualquer. Ela mencionara o nome da Spandau de modo muito inocente, e casual demais para ser verdade. Isso poderia fazer parte de um treinamento qualquer por que passara.

Outra coisa que o havia intrigado fora o modo despreocupado com que Elizabeth entrara na sala para ver quem estava lá; principalmente havendo um perigoso assassino à solta na região.

Mary Nelson não tinha sido a primeira a desaparecer e, com certeza, não seria a última. Nenhuma mulher em sã consciência receberia

um invasor no meio da noite com tanta tranquilidade. "Mais um dado contra ela", Sam constatou. Ninguém demonstraria tanta calma diante de um estranho naquelas circunstâncias a menos que tivesse certeza de controlar a situação.

Intimamente estava preparado para vê-la sair da cozinha com um revólver na mão. Aliás, Elizabeth tinha mãos bem pequenas. Um rosto pálido, delicado, os cabelos em cascata pelas costas estreitas, o robe de flanela amarrado na cintura fina. Ia ser difícil para ela esconder uma arma vestida daquela maneira.

Ansioso, flexionou os dedos como se quisesse prepará-los; inteiro em alerta. De onde estava, ouviu o ruído dos cubos de gelo, o uísque sendo despejado no copo... Então, a figura frágil de Elizabeth surgiu na passagem com um copo de uísque em cada mão. Sam reparou que os bolsos do robe continuavam vazios.

Descalça, ela curvava os dedos dos pés por causa do frio e foi este seu gesto tão singelo e frágil que o fez afastar a mão já prestes a apanhar o revólver sob o casaco.

Elizabeth sorriu-lhe — um riso no qual ele não acreditou — e entregou-lhe um copo de uísque. Sam tomou o primeiro gole, deliciando-se com o sabor e só então algo interessante e curioso chamou-lhe a atenção. Ela lhe trouxera o uísque exatamente como ele preferia — num copo alto, com dois cubos de gelo e um pouco de água. E Sam não era homem de acreditar em coincidências.

— Do jeito que eu gosto — disse com um riso ensaiado. — Como você sabia?

Só um homem muito observador teria reparado na sombra que lhe cruzou o olhar. Elizabeth sorriu e tomou um gole do próprio uísque, com mais água e mais gelo.

— Intuição — confessou, dando de ombros. E afastou-se. — Você deve estar cansado. Vou lhe trazer umas mantas e pode se deitar no sofá. Conheço bem o serviço de guincho e sei que não dão prioridade para esta área por julgarem que há poucos moradores por aqui. Para mim, só vão chegar amanhã por volta do meio-dia. Sabe como é; estas tempestades de inverno...

Elizabeth estava tagarelando sem parar, Sam reparou, e ela não lhe parecia ser do tipo que falava tanto normalmente. Além do que parecia um pouco nervosa.

— Sim, eu sei — afirmou num tom baixo e suave. — Espero que não se incomode por eu ter de abusar de sua hospitalidade.

Ela balançou a cabeça e a massa de cabelos castanhos se agitou.

— Claro que não; eu não o deixaria sair com este tempo no meio da noite. Tire o casaco e fique à vontade.

Sam observou-a sair da sala. Se Elizabeth Hardy tinha mesmo os tais poderes que Phil garantia, havia percebido que ele trazia uma arma no casaco e sua sugestão teria outro significado além de mera demonstração de hospitalidade. Mas, se fosse mesmo o caso, saberia também que ele trazia outra arma consigo.

Duas, na verdade: um revólver pequeno preso num coldre atado ao tornozelo e uma faca dentro da manga esquerda. O que lhe permitia cuidar muito bem de qualquer assassino perigoso, por mais armado que estivesse. Quanto mais, então, de uma garota tão frágil. A menos que ela tivesse posto algum sedativo no uísque.

Mas Elizabeth não teria motivo algum para sedá-lo ou matá-lo, concluiu. Pelo menos não por enquanto. Bebendo mais um gole, tornou a admirar-se com a mistura perfeita que ela lhe trouxera supostamente por acaso. O que mais ela sabia sobre ele?

Viera até o Colorado para seguir-lhe os passos. Apesar das alegações de Phil em contrário, tinha certeza de que estava de alguma forma envolvida com a Spandau Corporation e seu propósito era descobrir toda a verdade. Na melhor das hipóteses, Elizabeth não passava de um simples brinquedo nas mãos da organização. Sam se recusava a pensar na pior hipótese.

Logo ela voltava trazendo uma pilha de mantas. Satisfeita, colocou-as sobre o sofá.

— Acho que são suficientes. Sinto não poder oferecer-lhe uma acomodação melhor, mas não tenho mobília no quarto de hóspede. Além do que aqui na sala é mais quente.

Sam notou que Elizabeth não trouxera travesseiro e concluiu que, não tendo uma segunda cama, não teria tampouco travesseiros extras. Mas ele não deixava de se perguntar até que ponto os chefes da Spandau haviam pesquisado sua vida particular, seus gostos e hábitos.

— Você tem um travesseiro? — perguntou e viu, mais uma vez, a sombra cruzar-lhe o olhar.

— Um travesseiro? — ela repetiu, sem jeito. — Claro. Desculpe, devo ter esquecido.

Elizabeth virou-se e saiu, feliz por fugir àquele olhar que a inquietava. Suas mãos tremiam e ela abriu novamente o roupeiro, onde guardava um enxoval completíssimo — legado de sua avó índia. Por que achara que ele não fosse querer um travesseiro? E como descobrira sua preferência sobre o uísque?

Que pergunta mais idiota, admitiu. Já devia ter se acostumado a tais coisas, a agir de modo inconsciente. Se estivesse mais alerta, não teria sido pega desprevenida com tanta freqüência. Era embaraçoso ter que se explicar, dar satisfação às pessoas sobre suas decisões puramente intuitivas. Mas era tudo muito estranho, constatou, puxando o travesseiro de penas alto e uma das fronhas de linho bordadas pela avó. Normalmente não costumava saber tanto a respeito de uma mesma pessoa. Talvez fosse consequência da sessão daquela tarde com Phil. Ainda não repousara o tempo que precisava e talvez ainda estivesse numa espécie de transe.

Ele a observava quando Elizabeth voltou, e apanhou o travesseiro com aquelas mãos largas e fortes, a pele bronzeada contrastando com o branco da fronha. Sam tinha tirado o casaco acolchoado e lhe pareceu mais magro do que imaginara. Só de suéter, ele era mais elegante e... atraente. Elizabeth o preferia de casaco.

Obviamente Sam não era um simples esquiador a caminho de Steamboat Springs, como fazia crer, tampouco viera parar em sua casa por acaso. Mas a única maneira de saber ao certo que ele não lhe representava perigo de espécie alguma, a única forma de conseguir relaxar o bastante para dormir era tocá-lo.

Elizabeth relutava, ainda impressionada com o primeiro aperto de mão, mas, àquela altura, ainda tinha dúvidas a seu respeito. O único modo de saber se podia confiar na voz da intuição era tocá-lo.

Não ia ser fácil, constatou, vendo-o observá-la atentamente, abraçado ao travesseiro. Não era de sua natureza tocar as pessoas e seria um gesto forçado se, ao desejar-lhe boa noite, o tocasse de leve no braço.

E Sam não parecia disposto a facilitar-lhe as coisas.

— Obrigado por tudo — ele disse, mal disfarçando um bocejo, visivelmente ansioso por ficar só.

Sam a fitava com aqueles olhos azuis escuros mas Elizabeth não conseguia ler-lhe os pensamentos.

— Boa noite — disse ela, por fim. — Vou só apagar a luz da cozinha e... — E deu um passo em sua direção.

— Deixe que eu apago — Sam disse, movendo-se ao mesmo tempo.

Ambos colidiram. Ele esticou as mãos e segurou-a pelos braços impedindo-a de cair, e, por um momento, pressionou-a contra o peito. Seu corpo irradiava um calor intenso, Elizabeth constatou, o coração batia forte, e a lâ do suéter roçava-lhe o rosto. Os dedos longos a seguravam com firmeza e Elizabeth fechou os olhos tentando captar algo mais a respeito dele. Sam, no entanto, interpretou mal sua atitude.

— Se é isso que você quer, não precisa disfarçar — disse com voz dura e, antes que ela desse por si, beijou-a.

Era um beijo rude, cruel, como um castigo. Sam deslizou as mãos pelos braços até apertar-lhe a cintura fina, pressionando-a contra si. As mãos dela continuaram em seus ombros, tentando empurrá-lo para longe sem muita convicção.

Então, de repente, tudo desapareceu: as mãos em suas costas, a boca sedenta, o perfume másculo. Elizabeth só via sangue por toda parte. No sapato vermelho, nas mãos dela, nas de Sam Oliver. E uma poça de sangue em torno de Phil Grayson.

Ela estremeceu tentando afastar-se de Sam, mas aquele toque humano, o calor de seu corpo tinham o efeito de clarear as visões, tornando-as incrivelmente nítidas e reais. E ela viu Sam olhando para Phil com o rosto transtornado de ódio ao assisti-lo esvair-se em sangue.

Um grito formou-se na garganta de Elizabeth e suas mãos se fecharam lutando por se afastar dele, se livrar da visão terrível. Um segundo depois, viu-se recostada contra a parede, os olhos fixos em seu visitante inesperado.

Sam deu de ombros:

— Desculpe, devo tê-la interpretado mal. Não queria fazer nada que a desagradasse...

Ele representava muito bem, ela constatou, desempenhando de modo convincente o papel de esquiador preso pela neve, conquistador barato sempre pronto a uma aventura. Mas Elizabeth não acreditava nele. Aquele toque, aquele beijo, aquela visão terrível puseram abaixo os disfarces. "Quem é você?", perguntou-lhe em pensamento mesmo sabendo que Sam não responderia.

— Sim — disse —, você me interpretou mal.

E foi até o telefone, imaginando se ele a deteria. Mas não. Sam sentou-se no sofá e apenas ficou olhando para ela.

— Se está chamando a equipe de socorro, não se incomode. Como já disse, não vou perturbá-la.

— Estou chamando a polícia.

— Olhe, garota — Sam lamuriou, os olhos agudos e atentos! — Por favor...

Phil Grayson respondeu no quarto toque, com voz sonolenta.

— Aqui é Elizabeth, Phil — ela disse num tom sereno.

— O que aconteceu? Você está bem?

— Sim, estou. Só quero saber se foi você quem o mandou aqui.

A pausa prolongada do outro lado da linha disse tudo.

— Elizabeth, eu...

Mas ela simplesmente desligou o telefone e voltou-se para Sam.

Ele a observava já sem se preocupar em disfarçar a atenção que lhe prestava.

— Me devolva o travesseiro.

— Está querendo me dizer que não posso mais ficar?

— Sim, pode. Confio em Phil, embora ele não pareça confiar em mim — afirmou num tom gélido.

— Então, por que quer o travesseiro?

— Porque ambos sabemos que você não dorme com travesseiro.

Sem alternativa, ele o devolveu, indagando:

— Não vai me perguntar nada?

— Amanhã teremos tempo de sobra. Espero que você não ronque.

Desta vez, Sam não ocultou o ceticismo e lançou-lhe um risinho torto.

— Você deve saber — revidou.

Elizabeth sentiu uma ponta de raiva por ele, mas manteve o controle.

— Boa noite — disse, já voltando para o quarto.

— Tenha bons sonhos, Elizabeth.

CAPÍTULO III

Phil Grayson chegou ao encontro do amigo por volta das nove horas da manhã seguinte. Graças às pressões do departamento de polícia de Denver e do governo federal, as equipes de socorro e liberação de estradas trabalharam com eficiência máxima dando total prioridade à passagem da casa de Elizabeth. O carro de Sam tinha realmente ficado atolado na neve, apesar de não ter sido o único motivo que o levara a invadir a casa de Elizabeth Hardy.

Tendo acordado com vozes vindas da sala, ela se encolheu toda sob as cobertas e tornou a dormir. Com um pouco de sorte, ao acordar, estaria sozinha.

— E então, qual a sua opinião? — Phil indagou aceitando uma xícara de café que Sam preparara, sentando no sofá da sala.

Sam tomou um bom gole de café antes de responder. Não dormira mais do que quatro horas nas duas últimas noites e, embora já estivesse bastante acostumado a viver com o sono atrasado, apreciava um bom café para fazê-lo despertar de vez.

— Acho que ela está fingindo — disse, tranqüilo, os ombros apoiados na lareira. — Deve ser uma agente da Spandau muito bem treinada, e não acredito numa palavra do que diz.

— Trabalho com ela há quase dois anos... — Phil começou mas Sam o interrompeu.

— Você sabe perfeitamente que um agente bem treinado pode viver anos como um cidadão normal sem que ninguém suspeite de nada.

— Mas não estamos falando da KGB, Sam, e sim de um bando de lunáticos. Os terroristas são pessoas instáveis, não suportariam algo tão complexo. Para não falar na paciência que um plano desse tipo envolveria...

— A Spandau Corporation... Meu Deus, como odeio este nome! — exclamou num tom amargo ao terminar o café. — Lembre-se de que a Spandau não é composta por principiantes, mas pela elite dos mais rápidos e terríveis fanáticos que se conhece.

— E você acredita que esta garota, pequena e frágil, que está dormindo ali naquele quarto seja um deles?

— Frágil? — Sam repetiu. — Phil, o que está acontecendo com você? Aquela garota pequena e frágil, como diz, pode ser uma assassina e você só se baseia na intuição e no sentimentalismo para julgá-la em contrário. Ambos sabemos aonde este tipo de pieguismo pode nos levar.

Phil Grayson balançou a cabeça.

— Acho que esta vida de policial está afetando o seu cérebro, Sam.

— E acho que, apesar de tudo o que já viu, você não enxerga um palmo à frente do nariz! — Sam revidou, pondo a caneca sobre a lareira com uma batida surda. — Quero mais informações sobre ela. Suas fichas eram muito superficiais.

— Mas, Sam, não a estamos investigando...

— Pois eu estou. Surgiu algum dado novo no computador esta manhã?

— Até a hora em que saí, não. Há uma diferença de horário...

— Phil, se você não queria ajudar, por que me chamou? — Sam interrompeu.

— Eu quero ajudar; só não quero vê-la sacrificada em nome do trabalho, como... — E deixou a frase incompleta.

— Como Amy Lee — Sam completou num tom seco.

— Sam, eu não queria mencioná-la.

— Sim, eu sei, mas não adianta nos escondermos da verdade. Ambos sabemos que Amy Lee morreu e que poderíamos tê-la salvo, mas aprendi a conviver com esse peso na consciência e pensei que você também.

— Por que você acha que me aposentei? — Phil indagou. — Diabos! Sam, você pode ter esquecido que sua esposa morreu mas é muito difícil para mim aceitar esta verdade.

— Acha mesmo que esqueci?

Seguiu-se um longo e desconfortável silêncio entre os dois quebrado apenas pelo crisar da lenha no fogo e os pingos de neve derretida do lado de fora da janela.

Sam olhou para o velho amigo ali sob a luz impiedosa do dia e toda a raiva desapareceu. Phil tinha envelhecido muito desde que Marge o deixara, e aparentava bem mais do que os cinquenta e um anos que tinha. Phil tivera a infelicidade de se casar com uma mulher que o amava muito, mas que não suportava ter um marido com um estilo de vida tão perigoso. Marge preferira abandoná-lo, e isso lhe partira o coração.

Sam esticou uma das mãos e tocou-lhe o ombro caído, num gesto singelo e amigável. Phil ergueu o rosto e sorriu sem jeito.

— Tem mais café?

— O suficiente para inundar meia Denver. Vou buscar mais duas canecas e discutiremos tudo o que sabemos a respeito de Elizabeth.

— O que não é muito — Phil disse, seguindo o amigo até a cozinha impecável onde, pelo visto, quase não se cozinha.

Aliás, a casa toda dava a Sam a impressão de um convento, um lugar onde não se cultivavam os prazeres do físico.

— Que idade ela tem? Vinte e nove, não é? — Sam indagou, servindo o café. — Solteira, nascida na Carolina do Norte, criada pela avó, mudou-se para Denver há cerca de dois anos, certo?

— Certo.

— Há quanto tempo exatamente ela mora nesta casa?

— Dois anos.

Sam olhou à volta, perplexo, reparando na cozinha pequena e nem um pouco hospitaleira.

— É mesmo? Bem, a casa não é o que eu chamaria de confortável, apesar de bem ajeitada. Do que ela vive? Isto é, de onde provém sua renda? Este aluguel não deve ser barato.

— Não sei, ela não tem emprego fixo. Elizabeth não recebe um centavo pelos serviços que me presta e toda vez que lhe telefono encontro-a em casa. Pelo que sei, sou seu único amigo.

— Único amigo — Sam repetiu, desejando poder acreditar na informação de Phil. — E amantes?

Phil manteve a mesma expressão.

— Que eu saiba, nenhum. Mas, também, nunca perguntei.

— Mas eu posso perguntar; quero saber de tudo a respeito dessa moça: o que aconteceu com seus pais, de onde tira dinheiro para manter a casa, o que faz o dia todo. Quero toda sua biografia em detalhes, dia por dia.

— E como planeja conseguir isso?

— Tenho amigos muito influentes. — Sam sorriu. — Você já se esqueceu de como eles podem ser eficientes quando têm... motivação? Não se esqueça de que a Spandau Corporation tem prioridade na polícia, para não mencionar o caso... — E parou para pensar.

— Não mencionar o quê? Há algo relacionado com a Spandau que eu não saiba? Algo que o tenha feito vir para cá com tanta rapidez?

— Pode ser. Mas não sei se há alguma relação entre sua princesinha e o que está acontecendo e decidi não me adiantar enquanto não tiver checado tudo por aqui.

— E não vai me contar do que se trata?

— Não sei se...

— Não me venha com desculpas, Sam! — Grayson esbravejou. — Não estou mais na ativa e se quiser minha ajuda vai ter que se abrir comigo. Diabos, o que está acontecendo?

Sam permaneceu imóvel no centro da cozinha espartana, iluminada pelo sol.

— Por que não perguntamos a sua amiga Elizabeth?

— Pare de gracinhas, Sam. Ela não precisa ser submetida a nenhum teste para provar seus dons. Além do mais, ela provavelmente não irá acordar tão... — O ruído baixo do chuveiro chegou-lhe aos ouvidos e Phil balançou a cabeça. — Você tem um ouvido privilegiado, não? Tudo bem, perguntaremos a ela. Mas, primeiro, dê-lhe tempo de tomar um café.

Sam sorriu:

— Está bem — concordou, voltando para a sala.

O banho estava tão bom que a vontade de Elizabeth era permanecer sob o chuveiro até que seus visitantes partissem. Porém, logo descartou a idéia. Primeiro, porque sua caixa d'água era pequena; segundo, porque Sam Oliver não era do tipo que desistia com tanta facilidade.

Mas, afinal, o que queria com ela? Era mais do que óbvio que não acreditava em seus poderes e em suas palavras. Para Elizabeth, tanto melhor. Preferia o ceticismo à fascinação por vezes macabra de certas pessoas. Porém, o que fizera, com que Phil Grayson — um homem que acreditava nela, se não em seus poderes — buscasse a ajuda daquele estranho?

Estranho mesmo... Apesar do riso fácil e de sua beleza máscula, Sam Oliver era um homem distante e perigoso. Alguém cujos disfarces nem ela conseguia desmascarar. Ele a amedrontava, constatou fechando a torneira. E a atraía.

Talvez fosse apenas pelo fato de terem dividido o mesmo teto, alegou a si mesma, enrolando uma toalha nos cabelos molhados. Afinal, desde que Alan morrera, não permitira que nenhum outro homem se

aproximasse e lhe quebrasse as defesas. Sam Oliver chegara sem que ela percebesse e, depois de tanto tempo só, era natural que se perturbasse com aquele beijo. Apesar dos esforços em contrário, o desejo que a invadira continuava bem vivo em seu íntimo.

Por que ele viera a Denver? Por que Phil o mandara buscar? E o principal: quando iria embora?

Ao sair do quarto, já vestida, constatou, irritada, que ambos continuavam na sala. Seus pés descalços encolhiam-se sobre as tábuas do assoalho, o suéter bem comprido chegava-lhe quase aos joelhos e combinava bem com a calça jeans desbotada. Os cabelos tinham sido presos num coque no alto da cabeça.

Os dois conspiradores ergueram o rosto ao vê-la. Cada um havia sentado num sofá, apossando-se dos dois únicos sofás da sala, e o cheiro de café fresco invadira todos os cômodos.

— Espero não estar incomodando-os — disse, cínica, seguindo direto para a cozinha.

Sam apressou-se, tomando a dianteira, e, só com o olhar, a fez deter-se. Sob a luz do dia, ele pareceria menos ameaçador aos comuns mortais, mas não a ela.

Olhando-o bem dentro daqueles olhos azuis belíssimos, teve certeza de estar diante de um homem frio, incapaz de se comover com a miséria humana. Sua boca se curvava num sorriso, e ela observou os maxilares altos, os cabelos cortados bem curtos. Como no Exército, constatou.

Elizabeth esperou, imperturbável. Aliás, paciência e autocontrole sempre foram seu forte. Poderia ficar ali parada diante dele para sempre.

— Deixem disso vocês dois — Phil disse lá do sofá. — Traga um café para Elizabeth e então conversaremos. Venha até aqui, querida. Sinto muito ter mandado Sam para cá sem avisá-la.

Elizabeth voltou-se para Phil dando as costas a Sam. Como gostasse verdadeiramente de Phil, ficava fácil perdoá-lo. Porém, perdoar aquele grandalhão arrogante que entrava na cozinha como se fosse dono da casa era diferente.

Em silêncio, sentou-se em frente a Phil, no outro sofá, e encolheu as pernas sobre o assento.

— Quer me contar o que está acontecendo, Phil? — pediu com educação. — Encontraram Mary Nelson?

— Ainda não se tem notícia dela — ele admitiu e Elizabeth viu seu olhar amistoso fixar-se nela. — Quanto ao que está acontecendo, nem eu saberia dizer. Sam esperou até que você acordasse para me contar.

— Mas por que você o chamou?

Elizabeth percebeu que Sam voltava da cozinha, mas recusou-se a virar-se para fitá-lo.

— Aqui está o seu café — disse Sam contornando o sofá para entregar-lhe a caneca.

Ela olhou para o café e reparou em suas mãos grandes, os dedos longos e finos que envolviam toda a circunferência da caneca. Então, apontou para a mesa, não se arriscando a tocá-lo de novo.

— Pode pôr na mesa.

Sam continuou imóvel, fitando-a com olhos opacos, num misto de desconfiança e desafio. Elizabeth entendeu que Sam poderia ser tão ou mais teimoso do que ela própria e, como quisesse o café, suspirou:

— Não acha que já passou da idade de fazer estes joguinhos, sr. Oliver?

— Coronel Oliver, do Serviço de Inteligência do Exército— ele corrigiu. — Mas pode me chamar de Sam. Não vai querer café, Elizabeth?

— Sam... — disse Phil mas ambos o ignoraram, os olhos dela mergulhados no azul infinito dos de Sam numa troca de farpas, ressentimentos e algo mais.

— Sim, quero.

— Então, pegue a caneca da minha mão.

Elizabeth poderia fazê-lo sem tocá-lo. Tinha bastante experiência e sempre evitava o contato com estranhos por não saber ao certo o que poderia lhe desencadear. E, em se tratando de alguém tão perigoso quanto o coronel Sam Oliver, todo cuidado era pouco. Muito séria, esticou o braço.

Sua mão tremia e mesmo contra a vontade tocou os dedos de Sam antes da caneca. A pele dele era morna, viva, suave... e Elizabeth encolheu depressa o braço. Na pressa, acabou derrubando a caneca, deixando cair a bebida nas pernas de Sam e em suas próprias mãos.

Sam pegou a caneca do chão, colocando-a sobre a mesinha, e voltou para perto da lareira.

— Vamos partir do princípio de que você não tenha nada a ver com o que anda acontecendo — disse, ignorando o incidente. — Já que se recusa a admitir que é membro da Spandau Corporation...

— Spandau Corporation? — ela repetiu. — Foi ela que deu início a tudo?

— O que é que você sabe sobre a Spandau? — Sam perguntou pondo de lado o disfarce de esquiador charmoso para revelar sua verdadeira natureza de militar.

Elizabeth o fitou e reconheceu que seu rosto bonito de certa forma tornava suas maneiras rudes ainda piores.

— O nome da firma estava pintado na lateral do caminhão. Aliás, tentaram apagar o nome com tinta. Foi a primeira vez que vi este nome.

— Onde?

— Não entendi. Onde o quê?

— Onde você viu o caminhão?

Elizabeth calou-se e voltou-se para Phil, que assentiu. Sam Oliver sabia exatamente onde ela tinha visto o caminhão e estava tentando importuná-la fazendo-a ter que se explicar.

Pois aquele era um jogo que ela se recusava a jogar.

— Não me venha com pegadas, coronel Oliver. Sabe tão bem quanto eu que vi o caminhão numa visão. Numa experiência paranormal, se preferir. Agora, por que não cai na gargalhada?

Sam conteve a irritação:

— Não estou com vontade.

— Ótimo. Nem eu. Ajudo Phil e a polícia só porque quero, não lhes devo nada. E digo mais: quero que saia imediatamente da minha casa!

Ele nem se mexeu, imperturbável.

— Se estiver de fato falando a verdade, então nos deve algo, senhorita. A nós e ao país. Tem que nos ajudar.

Era impossível para Elizabeth recusar um pedido de ajuda pois a única coisa que lhe permitia suportar a vida com aquelas visões era a certeza de poder usar seus dons em favor de outras pessoas, de quem precisasse de auxílio. Mesmo detestando Sam Oliver, não poderia dizer-lhe não.

Phil esticou o braço sobre a mesinha de centro e tocou-lhe os joelhos, pois sabia que Sam a deixara totalmente indefesa. Elizabeth

gostaria de saber se Phil não se sentia nem um pouco culpado por ter provocado aquilo tudo.

Olhando-o dentro dos olhos, constatou que sim e, por causa da amizade sincera que os unia, deu um sorriso.

— Muito bem, coronel Oliver; conseguiu me pensar contra a parede. Se eu responder as suas perguntas, suspeitam que eu esteja envolvida na trama e, se não responder, sou acusada de covarde traidora. Pois bem, o que deseja de mim?

Sam a fitou com uma certa malícia nos olhos, mas ela ignorou.

— Quero encontrar o lugar onde você disse que viu o caminhão — Sam garantiu sem hesitar. — Quero que nos mostre onde estão o sangue e o sapato.

— Eu não sei... — começou.

— Mas pode encontrá-lo, não pode, Elizabeth? — Sam insinuou, tornando a pressioná-la num tom de desafio. — Alguém com seus... talentos não deveria ter dificuldades em apontar o local. Já sabemos que é nas montanhas e, portanto, não muito longe daqui. Agora, só falta você nos leve até lá.

— Não tem medo de que alguns de meus companheiros terroristas estejam de tocaia prontos para pegá-lo? — ela revidou.

— Como sabe que estamos falando sobre terroristas, Elizabeth? Ninguém falou nada a respeito.

— Sam — interrompeu Phil —, pare de pressioná-la. Ninguém pode fazê-lo acreditar em Elizabeth, mas também não precisa maltratá-la.

— Ela não parece magoada.

— Não se preocupe comigo, Phil — Elizabeth falou, esticando os braços e as pernas numa falsa demonstração de calma. — É preciso mais do que um simples soldadinho para me abalar. Se ele quiser ficar brincando de adivinhação, podemos jogar o dia inteiro. Não tenho nenhum outro compromisso marcado para hoje.

— Mas eu tenho — disse Sam.

— Eu sei.

Sam olhou-a, reparando nas mãos pequenas, nos pés delicados, nos óculos de armação dourada. Então disse:

— A Spandau Corporation é uma organização terrorista; suspeita-se que tenha raptado Shari Derringer.

— A filha do secretário de Estado? — Phil perguntou. — Eu nem sabia que ela tinha desaparecido.

— Ninguém sabe. Temos mantido segredo absoluto até ver que tipo de exigências serão feitas. Queremos saber se foi de fato um rapto ou se ela foi por vontade própria.

— Uma garota tão rica e tão bonita? — protestou Phil. — Que piada!

Um sorriso quase selvagem iluminou o rosto de Sam.

— Você sempre teve um fraco por garotas bonitas, Phil. — Elizabeth percebeu que Sam referia-se a ela e ficou satisfeita.

— Mas, Sam, qual é a relação entre os dois casos? — Phil perguntou.

Sam voltou-se para Elizabeth.

— Você quer contar a ele? — desafiou-a.

Ela o fuzilou com o olhar.

— Só o que posso fazer, coronel Oliver, é arriscar um palpite.

— Qual?

— Sei que Shari Derringer e Mary Nelson têm mais ou menos a mesma idade e tipo físico. Portanto, arrisco-me a dizer que talvez alguém quisesse substituir uma pela outra.

Sam assentiu:

— Parabéns. Só que só nós temos esta pista. Pelo jeito seus poderes são mesmo para valer — ele ironizou.

— Acredite ou não, eles existem!

— Bem, precisamos de todo tipo de ajuda! — Sam já não ironizava. — Vai nos ajudar, não vai?

Elizabeth o fitou e mil idéias cruzaram-lhe o pensamento, inclusive a de que não pretendia tê-lo por perto um segundo além do estritamente necessário. Muito mais perigosa do que a hostilidade com que Sam a tratava era a atração que sentia por ele. Mas Elizabeth não tinha escolha.

— Posso tentar... Posso tentar, coronel...

CAPÍTULO IV

Elizabeth não estava acostumada a sentir ódio por alguém. Aliás, tinha domínio perfeito sobre as próprias emoções. Podia sentir ódio, raiva, alegria e até medo através de uma visão, através de uma outra pessoa, mas as suas emoções haviam sido há muito enterradas. Gostava de Phil e confiava no carinho quase paternal que ele lhe dispensava; sabia que Phil jamais a exploraria. Já tinha vivido rodeada de amigos, familiares, pessoas de quem realmente gostava mas, de dois anos para cá, vinha vivendo totalmente só, à parte de tudo e de todos. Phil Grayson era seu único amigo.

Isso até que Sam Oliver surgisse. Agora, de olhos fechados, sentada no banco dianteiro do carro de Phil, Elizabeth ia sentindo as curvas da estrada montanha acima.

Nem a presença calma de Phil no banco traseiro aplacava seu ódio. Mesmo sabendo que ambos eram amigos e que Phil confiava em Sam, Elizabeth alimentava uma raiva incontida por aquele estranho insolente, que viera tirá-la da apatia em que vivia. As mãos quentes e magnéticas de Sam Oliver romperam suas defesas que, talvez, jamais voltariam a ser reerguidas.

— Este lugar lhe é familiar?

A voz grave de Sam cortou o silêncio como um trovão, carregada de sarcasmo.

Elizabeth voltou-se para fitar aquele perfil tão bonito, os cabelos curtos, os olhos muito frios.

— Nunca estive aqui antes.

— Nem em transe?

— Eu não tenho transes — revidou, odiando-o. — Tenho visões, o que é diferente.

— Ah... tem visões, claro. Tudo bem. Então, diga-me: alguma vez já viu este lugar?

Ao perceber que fechava os punhos, ela deliberadamente abriu as mãos, relaxando-as.

— Acho que não. Continue seguindo em frente.

Notando que Phil se movimentava no banco de trás, Elizabeth percebeu que ele censurava o modo como Sam a tratava. Censurava mas não dizia nada, o que fez com que sua raiva se estendesse a ele também.

Curvando-se para a frente, abriu a garrafa térmica que trouxera consigo e tomou um bom gole de café. Apesar de o aquecedor estar ligado, sentia um frio terrível. Lá fora, o sol brilhava forte, derretendo a neve, mas Elizabeth permanecia com o sobretudo, os braços cruzados sobre o peito.

Ao perceber que Sam a observava, voltou-se para encará-lo.

— Ainda sobrou café? — ele quis saber.

— Este tem creme e açúcar, você toma puro.

— Não pense que me impressiona com seus truques de adivinhação. Dê-me o café.

Sem discutir, ela entregou-lhe a garrafa e o viu beber o café sem reclamar. Em seguida, devolveu-lhe a garrafa com um olhar de desafio.

Bebendo também no gargalo, ela terminou com o resto.

— Da próxima vez, traga o seu — ela disse.

— Próxima vez? O que a faz pensar que haverá uma próxima vez?

A idéia o horripilava e Elizabeth achou graça.

— Detesto roubar-lhe a ilusão, coronel Oliver, mas a vida não é tão simples quanto pensa. Não posso indicar o caminho mais curto para o lugar que vi. Não sei onde fica aquela casa. Só nos resta dirigir por aí até que eu comece a sentir alguma coisa.

— Pois fique sabendo que já estou sentindo uma porção de coisas: irritação, cansaço, desesperança.

— Isso não é nada comparado ao que estará sentindo daqui a uns dias — Elizabeth garantiu, a voz meio maliciosa.

Phil, cansado de ver tanta provocação, curvou-se no banco de trás, aproximando-se dela.

— Nada aqui lhe é familiar, Elizabeth?

— Não — garantiu. — E já está escurecendo.

— Você não consegue enxergar no escuro? — Sam indagou. — Que tipo de paranormal é você?

— Das melhores. Mas não é preciso nenhum dom especial para saber que você não passa de um...

— Ei, vocês dois, parem com isso! — Phil interrompeu pousando uma das mãos no ombro dela. — Não vamos brigar; afinal, estamos

trabalhando juntos pelo mesmo propósito. Sugiro que voltemos para casa e amanhã, depois de uma boa noite de sono, recomeçaremos a procura.

Elizabeth recostou-se no banco estofado, forçando-se a relaxar. Mal tivera tempo de se recuperar daquela sessão cansativa na delegacia quando o maldito coronel Sam Oliver invadiu sua casa, sua privacidade e sua vida, roubando-lhe o resto das forças. E, se pretendia de fato encontrar aquele fatídico lugar nas montanhas Rochosas, ia precisar de muito descanso. No momento era o que mais queria.

Porque só depois de encontrar o tal lugar conseguiria se ver livre de Sam Oliver. Qualquer pessoa normal, sem poderes especiais, sabia que ele era mais obstinado e teimoso que um cão de guarda. Não a deixaria em paz enquanto não conseguisse tudo o que desejava. Mas Elizabeth queria-o longe o quanto antes para poder voltar ao seu mundinho onde o ódio e a frustração não tinham lugar, a não ser como reflexo das emoções de uma outra pessoa. Seus sentimentos estavam bem aquilatados e presos no fundo dela mesma, e não tinha a menor intenção de ressuscitá-los.

Sam praguejou ruidosamente enquanto o carro seguia pela estrada coberta de neve em direção a Mile High City. Lá fora, a temperatura caía bruscamente à medida que o sol se punha. A camada de gelo que cobria a estrada tornava-se mais e mais escorregadia.

Aos poucos, Elizabeth foi ficando mais tranqüila. Intimamente, sabia que tinham estado bem perto do local onde Mary Nelson morrera.

— Está se sentindo melhor? — Phil perguntou, tocando-lhe de novo o ombro.

— Sim, obrigada — agradeceu, percebendo que Sam a observava atentamente com o canto dos olhos.

— Por quê? Não se sentia bem?

— Estávamos chegando perto do local e isso me afeta.

— Droga! Por que não me disse isso antes?

Sam pisou com força no freio fazendo o carro derrapar na pista, indo parar num banco de neve no acostamento.

— Não se pode breicar deste jeito numa estrada nessas condições — Phil comentou, cauteloso, temendo deixá-lo ainda mais nervoso. — Quer que eu dirija?

Sem se importar com a presença de Elizabeth, Sam respondeu-lhe em termos grosseiros enquanto engatava a ré, derrapava os pneus na neve e voltava para a pista.

— Pelo que sei, vocês estiveram juntos no Exército — ela murmurou. — Ninguém aprende esta linguagem fora dos quartéis.

— É o que pensa — garantiu Phil. — Precisa ver os tipos com que lido no dia-a-dia. Sam ia parecer um cavalheiro perto deles.

— Impossível — Elizabeth disse num tom doce sendo recompensada pelo olhar furioso que Sam lhe dirigiu.

— Por que não falou antes? Você disse que o lugar não lhe era familiar.

— E não era, mas devemos ter chegado perto. Eu estava com muito frio.

— Droga! Isso está parecendo um romance policial dos mais baratos! Ou um filme de suspense!

— Se preferir, pode voltar para Washington. Estou certa de que Phil é capaz de cuidar do caso sozinho.

— O problema é que não confio em você. Nem na confiança quase cega que Phil lhe deposita.

— Vá para o inferno, Sam — Phil resmungou.

— Você sabe muito bem que já estive lá.

— E não esqueça que eu estava ao seu lado.

— Não dá para esquecer.

Elizabeth recostou no assento e fechou os olhos. Os dois amigos, mergulhados em lembranças tenebrosas do passado, pareciam tê-la esquecido. Ela podia sentir o sofrimento que os unira, como um laço de sangue, e puxou o sobretudo sobre o peito. Então, ocorreu-lhe um nome; um nome que nunca ouvira antes.

Quando o carro parou, abriu os olhos e percebeu, surpresa, que estavam de volta a sua casa. A silhueta da construção solitária ressaltava na brancura da neve iluminada pelo luar.

— Por que não teve a idéia de deixar uma luz acesa? — Sam perguntou, irritado, batendo a porta do carro já a caminho da casa.

Elizabeth permaneceu parada no mesmo lugar onde estava e perguntou para Phil:

— Quem era Amy Lee?

— Por Deus, não pergunte isso a Sam! — Phil pediu, visivelmente chocado. — De onde você tirou este nome?

Elizabeth deu de ombros. Ambos sabiam que ela não teria uma resposta para aquela pergunta.

— É por causa dela que ele se transformou num idiota?

— Sam não é um idiota, Elizabeth. É um homem bom. Eu confiaria minha vida a ele. E mais: confiaria você aos cuidados de Sam. Não sei o que anda acontecendo ultimamente mas, assim que ele se acalmar, você verá que tenho razão.

— Eu preferia que ele fosse embora.

Ela sentiu que Phil a observava, preocupado.

— Seja paciente.

— Parece que não tenho escolha — disse, conformada, descendo do carro. — Tenho?

— Não. Acho que não.

Mohamed Ali Reza sabia que estava ficando cada vez mais frio, mas há muito tempo treinara seu corpo para suportar qualquer adversidade: fome, falta de sono, frio ou calor. Ele nunca vacilava, nem mesmo diante das piores torturas. Podia experimentar as sensações mais desagradáveis, porém jamais permitia que elas o alterassem ou dilapidassem sua determinação inquebrantável.

De pé no escuro, escondido nas matas perto da casa de Elizabeth, sentia os cristais de gelo formarem-se em suas narinas. Os dedos começavam a ficar adormecidos e Mohamed os flexionava dentro do bolso do casaco para não perder os movimentos.

Estava ansioso por agir mas sabia que aquela não era a hora certa. No entanto, mantinha-se sempre alerta para evitar qualquer surpresa.

Qualquer outro homem em seu lugar já teria partido. Já havia feito sua parte e não seria preciso fazer mais nenhuma vítima; porém, um de seus defeitos era ser meticuloso ao extremo.

Para Ali, os americanos em geral, particularmente a polícia, eram pouco inteligentes. Ele deveria deixar o país e contar com a pouca esperteza do homem que entrara na casa — o policial cujos passos vinha seguindo — para que a farsa montada funcionasse, e as mortes das mulheres fossem atribuídas a um maníaco sexual. Mary Nelson era apenas mais uma vítima, de uma série, cujo corpo jamais seria encontrado. Pelo menos, não como sendo de Mary Nelson.

Mas algo lhe dizia que não ia ser assim tão simples; o outro homem, que chegara na véspera, tinha um jeito esperto, e parecia representar perigo. Ali Reza não o conhecia mas bastava ver o modo como se comportava, seu andar, o rosto inexpressivo, o porte militar e

imponente. O homem que se juntara a Grayson era como ele próprio: um lobo solitário e perigoso.

Porém, sua maior preocupação era a garota. Ali tinha uma grande fraqueza — ser supersticioso — e toda vez que a via benzia-se como se estivesse diante do diabo. À noite, durante o sono, não sonhava com os olhos azuis e aterrorizados de Mary Nelson nem com os de outra garota que tivesse matado. Eram os olhos de Elizabeth Hardy que o seguiam, vigiando-o onde quer que estivesse.

Tinha que fechar aqueles olhos para sempre; seria sua última vítima antes de partir. No entanto, para garantir seu sossego, talvez matasse também o detetive Phil Grayson.

A casa estava toda iluminada; o carro esporte continuava parado na passagem. Ali Reza friccionou uma mão na outra para aquecê-las. Não seria aquela noite. Ainda não. Não sabia ainda quantas informações estavam em poder deles, o quão próximos estavam da verdade. A espera era difícil, mas importante para o sucesso da missão.

Sam estava na cozinha de Elizabeth preparando um drinque. A neve voltara a cair, cobrindo o parapeito da janela, e ele estreitava os olhos procurando enxergar a mata lá fora. Na sala, Elizabeth conversava com Phil num tom bem mais ameno do que aquele que lhe reservava. Também, pudera, era culpa sua. Não queria lhe dar nenhuma chance quando estivessem perto um do outro, pelo simples motivo de não confiar em si próprio.

De qualquer forma, a última vez que se apaixonara fora aos dezoito anos, no Vietnã, por uma garota de Da Nang. Amy Lee. Ela fora sua esposa, e a última mulher a fazer parte de sua vida. Não tinha intenção de reviver um romance tão cedo; muito menos com Elizabeth Hardy.

Na certa ela pediria a Phil que o mandasse embora. Phil iria resistir. O amigo o conhecia melhor do que ninguém, e sabia que não faria nenhum mal a Elizabeth, apesar de a estar tratando secamente e até amedrontando-a. O estranho era que não costumava assustar pessoas inocentes. Talvez Elizabeth estivesse lhe escondendo algo... Essa era uma possibilidade. Afinal por que ela ficava insegura, pouco à vontade ao seu lado? Devia ter bons motivos.

— Você vai precisar comprar mais uísque — Sam disse sem se voltar ao sentir a presença dela na cozinha.

— Bebo muito pouco.

— Mas eu bebo bastante.

— Neste caso, compre seu próprio uísque, coronel. Não posso pô-lo da porta para fora, mas também não preciso sustentá-lo ou agradá-lo.

Ele se moveu com a mesma agilidade que aperfeiçoara nas selvas durante a guerra, e que já se tornara parte de sua natureza. Elizabeth permaneceu onde estava e o fitou sem piscar, despertando-lhe admiração.

— Não — admitiu. — Não tem nenhuma obrigação de me agradar. Tenha só um pouco de paciência, Elizabeth. Vou embora dentro de mais uns dias. Até lá, relaxe e tome um drinque.

Ele segurou-lhe uma das mãos e a fez pegar o copo de uísque. Notou, então, que Elizabeth não se retraía, não fugia ao seu toque, mesmo fitando-o assustada. Uma sombra estranha lhe cruzava o olhar; algo que Sam não conseguia identificar.

— Gostaria de saber no que está pensando, mocinha.

— Não, não gostaria. — Sua voz era baixíssima, quase inaudível; o coração batia forte no peito. — Você não ia querer saber o que se passa em minha mente.

— Talvez não mas, por outro lado, talvez eu goste de surpresas.

Era loucura, mas não havia como escapar. Desejava beijá-la de novo. Sem hesitar, curvou-se e roçou os lábios nos de Elizabeth, que não se esquivou, mas entreabriu-os num gesto involuntário e inconsciente.

Sam ia beijá-la quando Phil entrou na cozinha, sem se dar conta de que os interrompia.

— Puxa, que demora! Posso lhe preparar um drinque, se quiser, Elizabeth.

O copo de uísque espatifou-se no chão quando ambos o soltaram ao mesmo tempo, dando um passo para trás.

— Droga! — Sam exclamou, procurando algo com que enxugar o chão.

— Não se preocupe — ela disse, do outro lado da cozinha, fora de seu alcance. — Eu limpo depois que você sair.

— Mas eu não vou embora — Sam garantiu surpreendendo a si mesmo.

Elizabeth voltou-se para Phil com um olhar significativo mas, pela primeira vez, ele a ignorou.

— É uma boa idéia. Não gosto de saber que Elizabeth dorme sozinha nesta casa com um maníaco à solta por aí.

— Se for um maníaco! — Sam frisou.

— Além disso, confio em seu julgamento, Sam. Aliás, não me surpreenderia se você também fosse um paranormal!

Phil deu uma gargalhada, achando graça da própria piada. Sam, no entanto, viu Elizabeth fitá-lo, intrigada, e maldisse a língua comprida do amigo.

— Claro — brincou. — Não sabia que leio tarô nas horas vagas?

— Não precisa ficar comigo — Elizabeth garantiu. — Vou trancar as portas e as janelas antes de ir para a cama.

— Mary Nelson também deve ter trancado... e lembre-se de que Sam arrombou sua janela com muita facilidade na outra noite.

— Não estou correndo perigo nenhum, acreditem. Saberá, se algo estivesse para acontecer.

— Será? — perguntou Sam.

Elizabeth se recostou contra a parede e, muito pálida, fechou os olhos. Sam teve um ímpeto irracional de abraçá-la ao vê-la tão frágil.

— Não sei... — ela falou depois de uma pausa. — Estou tão cansada que já não sei de mais nada.

— Então, vá dormir — Phil pediu-lhe. — Vou sair para comprar uma pizza e, depois de jantar, Sam pode dormir aqui no sofá.

Sam fez uma piadinha qualquer mas Elizabeth o ignorou e, depois de se despedir, foi direto para o quarto.

— O que está havendo com você, Sam? Por que a trata como se fosse uma criminosa? Elizabeth só está querendo ajudar.

— Tem certeza de que ela é mesmo uma inocente e não uma espiã enviada para cá há dois anos, aguardando a hora de agir?

— Aprendi há muito tempo que não se deve confiar totalmente em nada, mas Elizabeth é inocente.

— Um erro destes pode levar qualquer um de nós à morte.

— Como Amy Lee.

— Como Amy Lee — ele revidou num tom quase selvagem.

— Só lhe peço que pare de provocá-la, sim? Não suporto vê-los brigando!

Sam achou graça.

— Está bem. Traga uma pizza sem anchova, certo?

- Sim, coronel. Mais alguma coisa?
- Não traga mais uísque; preciso ficar bem alerta.
- A expressão de Phil tornou-se séria.
- Você acha mesmo que há algo de errado por aqui, não?
- Eu sinto que sim, é pura intuição. E olhe que minha intuição sempre funcionou bem.
- Eu sei... Quer que eu peça ajuda?
- Não, posso cuidar de Elizabeth sozinho.
- Volto daqui a uma hora — Phil garantiu. — E fique longe dela, sim? Elizabeth precisa descansar.

Exausta, Elizabeth entrou debaixo do cobertor elétrico e fechou os olhos. Mesmo de longe conseguia ouvir os passos de Sam na sala, o tilintar do telefone e sua voz abafada. Provavelmente devia estar pedindo mais informações a seu respeito, mas não encontraria nada de interessante. Afinal, até dois anos atrás, ela levava uma vida normal, com família, amigos e até um noivo.

Enfiando-se mais sob as cobertas, ela estremeceu. Toda sua família havia morrido. A começar pelos pais, quando ela tinha apenas sete anos; os tios, pouco depois. Quando, bem mais tarde, perdera também a avó, que a criara, sentiu-se desolada. Seus amigos haviam se dispersado. Alan morrera havia dois anos, e então ela resolvera desaparecer, incapaz de aceitar o fato de que poderia ter impedido a tragédia.

Isso jamais se repetiria. Nunca mais se envolveria com alguém a ponto de atrapalhar seus poderes, desperdiçando um talento raro que a natureza lhe dera. Assim que tudo terminasse e Sam voltasse para Washington, tornaria a erguer suas barreiras para que ninguém se aproximasse. Até lá, torcia para que encontrassem uma solução para o caso de Mary Nelson o quanto antes.

CAPÍTULO V

Às três e quarenta e cinco da manhã, insone, Sam concluiu que a casa de Elizabeth era pequena demais. O sofá era curto para uma pessoa de estatura média para alta, como era o caso dele; as paredes finas deixavam-no ouvi-la ressonar no quarto ao lado, o sono agitado por pesadelos que a atormentavam. E havia só um banheiro.

Para ele, era preferível dividir uma cama do que um banheiro. Uma cama podia perfeitamente ser um lugar impessoal, neutro, mas usar a mesma pia que outra pessoa, o mesmo chuveiro, o mesmo sabonete era algo muito íntimo, que o deixava constrangido. Não gostava de intimidades com ninguém, menos ainda com Elizabeth.

Afinal, o que estava fazendo ali?, indagou-se pela milésima vez desde que chegara. Phil tinha um quarto de hóspedes excelente, com uma enorme cama de casal, lençóis de flanela e um estoque farto de uísque. Se tivesse resolvido ir para lá, poderia estar tomando um bom banho de imersão.

Não havia por que achar que Elizabeth corresse perigo. Mas se ela desaparecesse e seu corpo surgisse dias depois, mutilado como os outros, à exceção de Mary Nelson, não iria se perdoar. Não, não podia ir embora. Seria um erro primário. A organização envolvida nos assassinatos não era formada por principiantes.

Pela manhã, a obrigaria a comer. Já estava muito magra e precisava se alimentar. Já que estava disposto a acreditar em seus poderes, era melhor cuidar para que Elizabeth não desmaiasse de fome.

Phil tinha razão: aquelas briguinhas entre ambos não levavam a nada. Mas o problema era que Sam não queria amolecer. Era um homem frio, implacável, e não se deixaria levar por um par de olhos brilhantes e uns lábios doces.

Logo que amanhecesse, prepararia um café da manhã reforçado para Elizabeth e sairiam de novo à procura do maldito chalé com o sapato vermelho.

"Durma", ordenou-se. "Não vai conseguir raciocinar pela manhã se não conseguir dormir pelo menos duas horas." E, dono de um autocontrole invejável, obedeceu ao comando de seu cérebro.

No dia seguinte, por volta das três e meia da tarde, Elizabeth teve vontade de chorar, mas não o fez. Aliás, não chorava havia dois anos, quando, de pé nas margens do rio Potomac, viu a polícia tirar o corpo de Alan das águas geladas. Vira-o afundar, agitando os braços, pedindo por ajuda. Dois exatos dias antes do acidente... Mas recusara-se a acreditar na visão que tivera, preferindo ignorá-la; como estaria fazendo até hoje. A tragédia, porém, ensinara-lhe uma lição: não adiantava fugir.

Em seu íntimo, sabia que, se tivesse sido corajosa o bastante para encarar a visão e o tivesse avisado, talvez o homem que amava e com quem iria se casar não tivesse decidido nadar aquela manhã, ainda mais num rio de águas frias, tão frias que o tinham feito sentir câibras e acabar se afogando, apesar de ser excelente nadador.

Mas ela não dissera nada a Alan, temendo que ele a achasse mórbida, ou talvez mentalmente perturbada.

Desolada, balançou a cabeça como se quisesse livrar-se dos seus poderes, mas era inútil. Normalmente pensava em Alan nas primeiras horas da manhã, quando os pesadelos a despertavam. Quantas e quantas vezes revivera aqueles momentos dolorosos, que vira apenas em sonho? Quantas vezes vira os pais morrendo no incêndio na casa da fazenda, gritando por socorro sem ninguém para salvá-los? Ninguém acreditara no que uma menininha de sete anos predissera durante uma visita à casa da avó em Raleigh.

Phil e Sam conversavam em voz baixa, parados no acostamento da estrada. Elizabeth os observava, torcendo para que tudo logo chegasse ao fim. No entanto, depois de um dia inteiro rodando pelas montanhas Rochosas, não conseguiram nada e Sam Oliver parecia que jamais iria embora do Colorado.

Uma brisa fria soprou-lhe os cabelos presos. Longe dos dois, encostada a uma árvore e com as mãos enfiadas nos bolsos, se perguntava: "Onde está você, Mary Nelson?" E a única resposta era o assobio do vento entre as árvores.

Distraída, não notou quando Phil foi sentar-se ao volante, e tampouco quando Sam aproximou-se.

— Acho melhor voltarmos — ele disse. — Mais um dia perdido.

Ela se manteve imóvel.

— Talvez todo o tempo que está passando aqui seja perdido. Talvez eu não passe de uma neurótica com sonhos histéricos, e o famoso

"Degolador do Colorado" não seja mais que um assassino comum, sem conexão alguma com terroristas. Talvez você devesse voltar a Washington.

— Não gosto muito de Washington, sabia? Prefiro a Virgínia...

Seu tom não tinha nada de rude. Sam esticou os braços e, antes que Elizabeth pudesse se retrair, puxou-lhe a gola do casaco bem junto do pescoço, abotoando-o até em cima. Ele não usava luvas e seus dedos estavam gelados em contato com a pele quente do rosto delicado. Por quê, então, ela sentia a pele arder ao seu toque?

Não fazia sentido o fato de não se esquivar àquele contato ou o fato de ele continuar segurando-a. Ambos permaneceram ali por uns instantes, confusos, e Elizabeth teve uma visão muito clara, que não tinha nada a ver com Mary Nelson,

Eles estavam na cama. Ela, Elizabeth Hardy, ainda virgem, aos vinte e nove anos, na cama com Sam Oliver. Ele usava apenas uma calça jeans, e ela, um vestido vermelho. Uma torrente de emoções a atingiu provocando-lhe um calor súbito e intenso, um aperto no estômago; Elizabeth ergueu os olhos e o viu fitá-la, atento. Então, afastou-se no exato momento em que Sam a soltava e saiu correndo em direção ao carro, encolhendo-se no banco de trás.

— Você está bem? — Phil quis saber.

— Claro.

Era como se Sam tivesse lido sua mente, compartilhado a visão, percebido a súbita emoção — uma paixão quase cega — que brotara em seu íntimo. Mas isso seria impossível.

A porta ao seu lado abriu-se e Sam entrou. Elizabeth arrependeu-se de ter escolhido o banco de trás.

— Então, virei motorista? — Phil brincou. — Quero companhia.

— Dirija — Sam ordenou, seco, os olhos estranhos, fixos no rosto dela. — Afinal, temos uma tarefa a cumprir.

Elizabeth viu a expressão preocupada de Phil no retrovisor mas não havia nada que o amigo pudesse dizer. Nada que ela pudesse dizer, tampouco. Sam decerto pretendia fazer algo, mas nenhum dos dois sabia no que ele estava pensando.

— Tudo bem — Phil concordou, voltando a pegar a estrada. — Mas nada de namoro.

Elizabeth enfiou as mãos nos bolsos e encolheu-se a um canto do banco. Sam aproximou-se, tirou-as dos bolsos e segurou-as entre as suas.

— É só um aperto de mão, Phil. Os poderes de nossa amiga aumentam quando alguém se aproxima e quero ver se consigo ampliar seus poderes.

— Solte-me — ela pediu, tentando inutilmente se livrar.

— Não, não vou soltá-la, pelo menos por enquanto...

— Você é um idiota, Sam Oliver! Acha que isso vai ajudar-nos a encontrar Mary Nelson? — indagou, incrédula e irritada.

— Acho — foi a resposta seca e lacônica. — E você sabe que estou certo.

Elizabeth sentiu o sangue subir-lhe às faces e maldisse o momento em que se envolvera naquela história toda. Mas, afinal, por que se importava tanto com as opiniões e atitudes de Sam?

As mãos dele apertaram as suas com mais força, mas seus dedos a acariciavam apesar da expressão rude do olhar.

— O que o faz pensar que isso me ajuda a ver coisas? — indagou um tanto tímida, a voz trêmula.

— Intuição... — ele respondeu, com um sorriso irônico. Elizabeth ainda tentou soltar-se mais uma vez; cansada, desistiu e recostou-se no banco. Phil tinha ligado o rádio e assobiava uma canção, desafinado.

— Ouça — disse Elizabeth bem baixo para que Phil não escutasse. — Ambos sabemos que você me odeia. Por que não abandona o caso e vai embora? Não importa se acredita em mim ou não; acredite em Phil. Ele lhe avisará se eu tiver alguma novidade.

— Quem disse que odeio você? E o que isso tem a ver com o caso? Àquela altura, as defesas dela começavam a cair.

— Talvez nada; talvez muito.

Sam virou-lhe a palma das mãos para cima e deslizou-lhe o polegar pelos pulsos. Elizabeth viu naquele instante, com uma clareza incrível, as mãos deslizando sobre sua coxa coberta pelo tecido vermelho.

Desta vez, quando ela encolheu o braço, Sam a soltou e Elizabeth voltou a se encolher num cantinho do banco tal um animalzinho ferido. Sam observou-a, imóvel.

— Eu não a odeio mais do que você me odeia.

— Ora, eu...

— Não minta para si mesma, Elizabeth. Sabe o que sente, e eu também. Mas essa é uma questão que trataremos depois de descobrirmos Mary Nelson.

E, sem mais uma palavra, encostou a cabeça no assento e fechou os olhos.

Sam continuava muito próximo. Havia algo de acolhedor no banco traseiro do carro, que parecia abrigá-los como um casulo, proporcionando-lhes uma intimidade que a assustava. "Desligue-se", ela se ordenou. "Pense no verão, numa paisagem bonita, e esqueça-se de tudo o mais."

Ainda de olhos fechados, sentiu quando Sam tornou a segurar-lhe uma das mãos despertando-lhe uma onda de calor que lhe subia pelos braços e se espalhava por todo o corpo. Elizabeth relaxou os músculos das pernas e deixou que as emoções fluíssem, esperando, resignada, que as imagens eróticas prosseguissem.

Mas não prosseguiram. De repente, viu-se de volta à clareira nas montanhas, o vento soprando forte fazendo-a bater o queixo de frio. O caminhão havia desaparecido com sua carga sangrenta intacta; o chalé estava deserto, a porta aberta batendo ao vento. A neve tinha sido varrida pelo vendaval. Nenhum sinal do sapato vermelho, nenhum sinal de sangue. Nenhum indicativo de que Mary Nelson tivesse sido assassinada ali.

Elizabeth tremia de frio e era como se o carro com seu aquecimento potente não existissem. Bem como o homem que lhe apertava a mão.

— Pegue a primeira à esquerda — disse, sempre de olhos fechados.

Phil seguiu a instrução sem discutir. O rádio começou a irritá-lo e foi prontamente desligado. Os únicos ruídos que se ouviam eram o do motor do carro, do aquecimento, a respiração dos três e as instruções de Elizabeth.

Ela não se moveu quando o automóvel parou.

— Não podemos seguir adiante. O que quer que eu faça?

Lentamente Elizabeth abriu os olhos e viu o entardecer cercá-los. Um entardecer e um lugar inóspito. A estradinha estreita de chão batido coberto de neve que Phil seguira chegara ao fim, bloqueada por uma árvore caída. Elizabeth suava frio.

— Vamos descer e seguir a pé — afirmou, percebendo que ainda segurava a mão de Sam.

— Tem certeza? Está escurecendo — Phil alegou, virando-se no banco —, e você parece estar com frio. Podemos voltar amanhã.

— Amanhã talvez ela não consiga mais encontrar o lugar — Sam interferiu.

— Seja razoável, Sam. Ela não está bem.

— Você acha que consegue voltar aqui amanhã? Consegue se lembrar do caminho? — Sam indagou, sem muita convicção.

— Claro que sim — Phil garantiu. — Sou um profissional.

— Mas muito sentimental para o meu gosto. Vamos descer.

O tom de Sam era decisivo mas, antes que ele se manifestasse, Elizabeth já havia descido do carro. Sem se importar com os dois, começou a caminhar com determinação.

Estava mais próxima do que imaginara. Logo depois dos galhos caídos, havia uma clareira. A marca dos pneus ficara gravada na lama gelada e o chalé estava vazio. O sol se punha numa profusão de tons avermelhados e o mundo parecia estar todo congelado. Quando os dois chegaram, logo atrás, Elizabeth se encontrava parada no centro da clareira.

— É aqui? — Phil perguntou, ofegante pela caminhada forçada e o frio.

Elizabeth assentiu sem fitá-los, voltada para si mesma, procurando fugir ao sofrimento e à dor impregnados no ar a sua volta.

Mal notou quando Sam se aproximou da porta do chalé com uma arma na mão.

Durante quinze minutos, enquanto o sol se escondia atrás das montanhas, Sam e Phil vasculharam o local. Quando voltaram para junto de Elizabeth, encontraram-na praticamente congelada, as lágrimas correndo-lhe pelas faces muito pálidas. Ambos pareciam desapontados.

— Não encontramos nada. Deve haver dezenas de clareiras como esta por aqui — Sam afirmou. — Onde está o tal caminhão? E o corpo? Não encontramos nada; nem sequer uma pista.

— Sob a varanda — ela disse, simplesmente.

— Já olhei.

— Olhe de novo.

Desta vez ela o viu voltar à varanda e ajoelhar-se no chão gelado para olhar sob o assoalho de madeira.

— Me traga uma lanterna — pediu Sam, guardando a arma no bolso.

Phil aproximou-se e lhe entregou uma lanterna de bolso que sempre trazia consigo.

— Me traga também um lenço. Pode haver impressões digitais.

Elizabeth fechou os olhos procurando não ver mais nada mas era impossível não ouvir o vento através das árvores, o grito distante de um falcão.

— Vamos.

Sam segurou-a com força pelo cotovelo e ela o fitou, curiosa.

— O que você encontrou?

— Você sabe muito bem. O maldito sapato vermelho de Mary Nelson, todo sujo de sangue, e um toco de cigarro de uma marca inglesa.

— E o que pretende fazer comigo agora? Me prender, me acusar?

— Não posso prender ninguém, pertenço ao Serviço de Inteligência do Exército.

— Vamos, diga: o que você pretende fazer comigo, agora?

— Eu poderia matá-la.

Elizabeth mal acreditou no que ouvira.

— O quê?!

— Eu disse que poderia matá-la. Já fiz isso antes. Sabe, não acho que tenha tido nenhuma participação no crime, mas este é um caso perigoso, e se você desse com a língua nos dentes poderia pôr em risco a segurança nacional, sabia disso?

— V-você já matou alguém? — Elizabeth quis saber, horrorizada.

Como poderia estar atraída por um homem como Sam, insensível, sem consciência?

— Sim; foi preciso. — Sua expressão era distante mas os olhos azuis a observavam atentos. — O que acha disso?

Antes de responder, Elizabeth raciocinou com calma procurando não julgá-lo baseando-se apenas nas emoções.

— Você deve ter tido seus motivos. E deve ter sofrido muito.

Por um bom tempo, Sam continuou imóvel, a mesma expressão fria e distante, o mesmo olhar atento.

— Vamos voltar para o carro — sugeriu, por fim. — Você está gelada. E lembre-se, não comente isso com ninguém e, principalmente, não fale uma palavra à imprensa.

Ao ver o sapato vermelho no banco de passageiros ao lado de Phil, Elizabeth preferiu de novo o banco de trás e imaginou se Sam tornaria a juntar-se a ela para segurar-lhe a mão. Mas, para sua surpresa e resignação, viu-o ocupar o banco da frente ignorando-lhe a presença.

— Não podemos esquecer o caminho — ele falou. — A gente vai voltar para cá. Mas quando chegarmos à cidade, Phil, deixe-me num hotel.

Phil ficou surpreso.

—. Você acha que Elizabeth não corre mais perigo?

Ela esperou pela resposta com a respiração suspensa.

— Não sei. Se achar mais seguro, destaque outra pessoa para fazer-lhe companhia. Tenho que voltar a Washington.

— Mas não pense que vai levar o sapato com você. Ele é parte de uma investigação local. Não pôde levar a prova embora.

— É o que veremos. — Sam ergueu o sapato por um momento e Elizabeth não pôde deixar de vê-lo. O salto fino e elegante, o modelo sofisticado. E o sangue. — Quem diria que uma simples dona de casa do Colorado usaria um sapato como este?

Elizabeth reconheceu que devia calar-se, afinal Sam não merecia mais ajuda nenhuma, mas, por algum motivo, as palavras lhe escaparam antes que pudesse detê-las:

— Este sapato não é de Mary Nelson. É de Shari Derringer.

Era muito simples segui-los, mesmo na escuridão. Não suspeitavam de que alguém os observava e agiam com uma despreocupação quase infantil que o fazia rir. Até que encontraram o chalé e o sapato.

Mohamed Ali Reza sentiu um misto de ódio e vergonha; nunca cometera um erro daqueles. Aliás, fora divertido fazê-la calçar aquele sapato antes de executá-la, mas não reparara que um dos pés havia caído quando arrastara o corpo para dentro do caminhão refrigerado. Agora, ela jazia envolta num saco de lona com um pé descalço e o outro num sapato vermelho, que não era dela.

Tinha que recuperar o outro sapato e roubar-lhes a única prova do crime. Bastava uma fechada bem calculada, na estrada, perto de um

abismo profundo, e tudo não passaria de um mero acidente, uma coincidência trágica. Eles já iam a meio caminho de volta para a civilização e logo a prova seria do conhecimento de toda a polícia.

Agarrando-se com força ao volante do Toyota, Mohamed Ali Reza pisou fundo no acelerador.

CAPÍTULO VI

— Alguém está nos seguindo. É um Toyota — Sam garantiu, sem alarde, olhando pelo retrovisor.

Há mais de cinco minutos os mesmos faróis brilhavam atrás deles. Logicamente, numa estrada estreita de montanha, um motorista não tinha outra opção a não ser seguir o carro da frente, mas Sam sabia que não era apenas um. morador da região seguindo na mesma direção que eles. O carro que vinha logo atrás era um tanto suspeito, dizia-lhe a intuição, e Sam torcia para que Phil se mantivesse alerta e em forma. Há dez anos, ele fora considerado o melhor motorista do pequeno grupo de elite a que pertenciam. Com Phil ao volante, ninguém se aproximava.

Mas dez anos como policial, seguindo ladrões de banco, assaltantes comuns e se envolvendo com paranormais poderiam ter lhe roubado a perícia. Porém, o único jeito de saber era tentando. Phil conhecia a estrada melhor que ele e não podiam perder tempo trocando de lugar ao volante.

— Por que você está desconfiado? — Phil perguntou, com o mesmo tom calmo de antigamente, e Sam suspirou aliviado.

— Porque estão nos seguindo, sei que estão.

— Você sempre sabe.

Arriscando uma olhadela por sobre o ombro, Sam viu Elizabeth encolhida no banco de trás, ainda muito pálida.

— É melhor você colocar o cinto de segurança. A viagem vai começar a ficar mais movimentada — Sam garantiu num tom seco no momento em que o Toyota agigantou-se logo atrás do Chrysler em que estavam, a luz dos faróis altos inundando o interior do carro. — Esse sujeito está querendo nos matar.

Nesse instante, o motorista de trás abalroou-os de leve, dando uma encostada no pára-choque traseiro.

— Miserável! — Phil exclamou. — Ele não está para brincadeira. — E pisou no acelerador ganhando distância, seguindo pela curva fechada à direita, montanha abaixo, em direção à cidade.

Preocupado, Sam virou-se para fitar Elizabeth. Mas, para sua surpresa, encontrou-a mais calma que nunca, as mãos soltas sobre o colo.

— Faz idéia de quem esteja nos seguindo?

— Agora você tem a prova de que lado estou, não? — ela perguntou, irônica e magoada. — Se fosse algum comparsa meu, não estaria tentando me matar.

— Pode ser que sim, pode ser que não. Se estivermos de fato às voltas com a Spandau Corporation, devemos ficar prontos para tudo. Eles são capazes de matar a própria mãe sem hesitar. Tudo por uma maldita causa, que não se sabe qual é.

Phil jogou o carro violentamente para o acostamento e retornou à pista, fazendo com que Sam batesse a cabeça no vidro da porta, praguejando antes de voltar-se novamente para Elizabeth.

— Não perguntei se os conhecia pessoalmente mas, quem sabe, pudesse consultar sua bola de cristal e nos dizer quem está tentando nos matar.

— Não faço a menor idéia.

— Não fica nervosa sabendo que pode morrer numa brincadeira desta?

A pergunta a fez sair da letargia em que se encontrava. Elizabeth tirou os óculos e limpou-os na lã do casaco, procurando ganhar tempo.

— Não acho que vamos morrer — disse, afinal, fitando-o sem a proteção das lentes; os olhos castanhos mais vulneráveis que nunca, cheios de uma tristeza que o comoveu.

Sam voltou-se para a frente, os olhos fixos na estrada e-nos faróis refletidos no retrovisor. Havia um sem-número de coisas que poderia lhe dizer naquele momento, no entanto calou-se. Se Elizabeth não se importava com o fato de morrer, problema dela. Desde que conseguissem sair vivos daquela viagem e chegassem à cidade, levaria o maldito sapato de Mary Nelson — ou Shari Derringer — de volta para Washington e nunca mais tornariam a se ver. Se a polícia precisasse de mais informações, poderia enviar alguém diretamente ligado ao caso; preferia não mais encontrá-la. Olhando pelo retrovisor à procura do Toyota, surpreendeu-se observando-a; a expressão calma e fatalística de seu rosto plácido, a sombra profunda no olhar. Revoltado com seus próprios sentimentos, com a emoção que Elizabeth estranhamente lhe despertava, Sam praguejou baixinho.

— O que foi? — Phil quis saber ao fazer uma curva fechada em alta velocidade. O Toyota ia ficando para trás, incapaz de alcançar a

mesma velocidade do possante carro esporte. — Tenho-o sob controle. Por acaso esperava um pouco mais de ação?

— O que mais quero no momento é uma boa noite de sono e um vôo direto para Washington. Há algum lugar onde possamos parar e verificar quem é esse motorista que nos persegue?

— Não sei se conseguiremos nos afastar tanto assim. Ele ainda não desistiu de nos pegar, embora o carro não desenvolva muita velocidade.

— E se ele usar a tração dianteira?

— Derraparia para fora da estrada. Consigo descer a serra em alta velocidade mas isso não é para qualquer um. Além do que não creio que o nosso amigo do Toyota esteja acostumado a dirigir na neve.

— Ah, é? E ao que ele deve estar acostumado?

— Desertos. Areais. Aeroportos, talvez. Mas não com o Colorado.

De repente os faróis tornaram a iluminar o interior do carro. Só que, desta vez, o impacto foi muito maior. O Chrysler começou a rodopiar desgovernado, em direção ao precipício.

As estradas do Colorado eram desprovidas de boas grades de proteção, e somente a perícia de Phil ao volante os salvou do pior. Sam olhou-o de esguelha e viu-o sorrir enquanto lutava para recobrar o controle do carro. Virando-se, olhou para Elizabeth e viu-a segurar-se com força à maçaneta da porta e sorrir. Aquela frieza diante da morte era apenas aparente, concluiu.

Ainda bem. Desde que Amy Lee morrera, e que sua vida dera uma guinada para pior, nunca mais se importara com ninguém. Mas isso fora até conhecer Elizabeth Hardy. Apesar de se mostrar insensível e frio, preocupava-se com a própria segurança e, mais ainda, com a dela.

— Phil, será que não consegue controlar este maldito carro? — perguntou ao ver que derrapavam inexoravelmente em direção ao precipício. — Já chega de brincadeira.

— Há tempos eu não me divertia assim — Phil protestou, lutando com o volante.

Sua testa estava coberta de suor; o esforço marcava-lhe as linhas do rosto, os olhos brilhavam de emoção.

— Por Deus do céu, como pode brincar com uma coisa desta?! — Elizabeth perguntou, por fim, visivelmente horrorizada.

— Fácil — Phil garantiu pisando no acelerador e virando o volante em direção ao precipício.

Elizabeth arrepiou-se e cobriu os olhos para não ver. Sam, tranqüilo, observava a seqüência cinematográfica em que os pneus do Chrysler pararam a poucos centímetros do despenhadeiro e Phil voltou para a estrada com a mesma calma de um pai que sai no domingo à tarde para dar uma volta de carro com o filho. Mais de um quilômetro adiante, quando retornaram à estrada, a uma velocidade absolutamente normal, Elizabeth abriu os olhos.

— Você sabia que ele só estava brincando— Elizabeth disse, acusando Sam.

— Phil é o melhor motorista que conheço. Se ele não conseguisse escapar, ninguém mais conseguiria. Aliás, acho que você também saberia se sua hora tivesse chegado e, claro, nos avisaria. Como você parecia calma e Phil estava ao volante, tive certeza de que íamos escapar.

Ao alcançarem a rodovia principal, o Toyota já não estava mais por perto.

— Só espero que aquele idiota não tenha me amassado o carro — Phil comentou, alegre, ao se misturar ao tráfego ameno da rodovia. — Não faz nem três meses que o comprei. — E voltando-se para Sam: — Você, por acaso, não anotou a placa, não é?

— O tira é você. Por que não reparou no número?

— Caso não tenha notado, eu estava ocupado com o volante. Além do mais está escuro, coronel.

— O carro não tinha placas. — Elizabeth os informou. — Pelo menos, não na frente.

— Ora, ora. Da próxima vez que o encontrar, terei que multá-lo.

— Logo tornaremos a vê-lo. A Spandau não deixa nada incompleto e não costuma cometer erros. Tenho certeza de que nosso amigo vai fazer de tudo para consertar a burrada.

— Tomara que sim — Phil disse. — O que faremos com Elizabeth?

Sam retesou os músculos do pescoço mas resistiu ao ímpeto de virar-se para olhá-la.

— Como assim?

— Você acha que é seguro deixá-la sozinha? Será que ela não corre perigo?

— Na minha opinião, está segura mas, se preferir, pode destacar uma ou duas policiais femininas para ficar com ela.

— Amanhã. Afinal, com esta neve toda, não vai conseguir partir esta noite. Você pode ficar na casa dela esta noite.

— Já disse que tenho mil coisas para fazer.

— Ficarei muito bem sozinha.

Phil não deu ouvidos a nenhum dos dois.

— O que foi, coronel? Está com medo de não dar conta da missão?

Sam praguejou e acabou concordando, sem alternativa. Ele, que sempre fora admirado pela coragem, estava morrendo de medo de passar mais uma noite em companhia de Elizabeth Hardy. Ela era magra, frágil, arredia mas, toda vez que a via, sentia vontade de fazer amor com ela.

Era algo absolutamente sem sentido e, quanto antes se afastassem, melhor. Não queria passar mais uma noite em sua casa, preso pela neve, mas não adiantava argumentar.

— Posso dar conta de qualquer missão. Só estou farto de bancar a babá. Mas tudo bem: fico com ela esta noite. Desde que a srta. Hardy não resolva ter algumas de suas visões enquanto estou dormindo.

— Vá para o inferno! — ela exclamou.

— Amanhã logo cedo — Sam garantiu, dirigindo-lhe um sorriso amargo.

— Ótimo! Quero que se queime por lá!

— Farei isso, senhorita, fique tranqüila.

Phil balançava a cabeça, divertindo-se com aquela briguinha infantil.

Ambos não trocaram uma palavra quando Phil os deixou na casa de Elizabeth. A sala estava gelada e Sam ligou o aquecimento providenciando logo um pouco de lenha para a lareira.

— Eletricidade custa dinheiro — ela lembrou, ignorando o sapato vermelho que ele trouxera consigo. — É por isso que desligo o aquecimento quando saio.

— Pelo que vejo, dinheiro não é problema para você — Sam resmungou, sem fitá-la. — Aliás, de onde provém a sua renda? A polícia de Denver não lhe paga pelos serviços que presta e, pelo visto, você não trabalha. Então, como é que se sustenta?

Elizabeth não quis dar-lhe explicações dizendo que há dois anos vivia dos juros da pequena renda que os pais lhe haviam deixado, tendo abandonado o trabalho de professora de inglês e francês.

— O que o faz pensar que a polícia não me paga? — retrucou simplesmente. — Acha que meus serviços são tão irrelevantes que não merecem pagamento?

Elizabeth friccionava as mãos nos braços, por causa do frio.

— Não se trata de suposição — ele garantiu acendendo o fogo. — Perguntei a Phil. O que, aliás, não me surpreendeu. Ninguém aceitaria um par anormal no orçamento!

Parecia óbvio, agora, que ele mentira ao insinuar em um dado momento que acreditava em seus poderes.

— Claro.

— E, se quer mesmo saber, não acredito nestes seus... poderes — confessou, como ela já esperava. — Para mim, tudo não passa de uma bobagem.

— E o que me diz do sapato?

— Pura coincidência. Ou uma farsa. Talvez você não passe de uma moça solitária, carente, querendo chamar atenção.

— Pois eu gostaria de ser muito mais solitária e, se é isso que pensa de mim, por que está aqui?!

— Também não sei. Pode ser que, no fundo, eu alimente a esperança de estar enganado.

Elizabeth não conteve o riso.

— A mim, você não engana.

Ela deu meia-volta mas ele agarrou-a pelo braço, forçando-a a encará-lo. Depois de uma pausa tensa, disse apenas:

— Sorte sua me subestimar.

— É mesmo?

As mãos dele em seus braços pareciam aprisioná-la, embora Elizabeth soubesse que Sam não a segurava com força. O toque a queimava, ainda que a pele dele estivesse tão fria quanto a sua. Calada, esperou que a beijasse daquela forma implacável e sensual, capaz de roubar-lhe as forças, subjugá-la, mas, em vez do beijo, teve uma visão.

Sam piscou várias vezes, os olhos azuis vidrados, como se também visse alguma coisa e, então, soltou-a de repente.

— Vou sair — disse, de súbito, deixando-a plantada no, meio da sala. — Tranque a porta!

Elizabeth cruzou os braços sobre o peito, toda arrepiada, embora a lareira começasse a aquecer o ambiente. Voltada para si mesma, mal

ouviu a porta bater e a partida no motor do carro. Sua mente estava totalmente imersa na breve visão que estava tendo. Uma visão de sangue e de morte.

Mohamed Ali Reza não costumava errar, mas cometera muitos deslizes nesta última missão. E a experiência lhe ensinara que a melhor forma de apagar um erro era com sangue. Bastava seguir o motorista que o driblara na estrada. Ele deixara o companheiro e a garota de olhos estranhos na casa e saíra. Ali Reza o seguiu, desta vez com mais cautela. Havia inúmeros Toyotas como o seu em Denver, mas o tal tira não era bobo.

O melhor seria agir com calma e precisão, e descobrir o quanto eles sabiam, do que desconfiavam. Estava acostumado a arrancar confissões de qualquer tipo de pessoa difícil.

Aquela encrenca toda já lhe dava nos nervos. Seu plano era pôr fim àquela espera imediatamente e rumar para terras mais quentes em busca de novidade.

Mas o nervosismo só lhe complicaria a missão. Precisava manter o controle emocional. Seria absolutamente paciente ao "interrogar" Phil Grayson. Lento e paciente.

Sam dirigia depressa. Depressa demais. Em seu íntimo cresciam o pânico e o terror, fazendo-o suar frio. A convivência com Elizabeth só o atormentava. Tudo não passava de uma fantasia paranóica, provocada pelas conversas que tinha com ela, e só mesmo um louco sairia naquela disparada pela estrada coberta de neve.

Mas era inevitável. A sensação de horror e pânico que tivera fora bem real e mal via a hora de afastar-se dela, sair daquela casa estranha e ir ver se Phil estava bem.

Durante o dia todo vinha sentindo uma agitação estranha, uma ansiedade, mas preferira ignorar os sintomas, dizendo a si mesmo que tudo não passava de um profundo aborrecimento por estar perdendo tempo ali nas montanhas quando deveria estar em Washington. Nem o fato de ter encontrado o maldito sapato o sossegara. Pelo contrário, só contribuíra para aumentar seu mal-estar.

Devia estar ficando maluco! Nevasca nenhuma o deter ia mais um dia naquele maldito Estado. Mesmo que a fuga representasse um gesto de covardia, sairia dali, pois não era sua segurança que o preocupava mas a saúde mental. Queria esquecer Elizabeth Hardy e tudo o que ela

representava. Queria voltar ao seu apartamento de Washington, longe da neve e de qualquer paranormal.

La só certificar-se de que Phil estava bem. Não que tivesse dúvidas, afinal Phil era esperto e experiente, e aquele mau pressentimento que o invadira não devia passar de uma bobagem sem fundamento. Dividiria uma pizza com Phil e rumaria para o aeroporto deixando Elizabeth aos cuidados paternais do amigo.

As estradas estavam escorregadias e a neve recente que caía derretia sobre o asfalto morno para tornar a gelar em seguida. Sam não estava acostumado a dirigir sob a neve e sua mente continuava voltada para o mau pressentimento. Foi ao fazer uma curva muito depressa que o automóvel começou a derrapar. Ele ainda tentou segurar o volante e controlar o carro, mas era tarde. Segundos depois o carro chocava-se contra a grade de proteção, provocando um terrível ruído metálico.

Pronto; não precisava mais correr. Mais uma vez atolara na neve.

Talvez nem precisasse se preocupar mais com Phil. Enquanto ele saboreava uma deliciosa pizza congelada em frente à televisão, Sam ficava preso no carro, congelando. Era bem feito, afinal quem o mandara acreditar numa bobagem...

Elizabeth remexeu a lenha embora a lareira já estivesse bem acesa, ameaçando transformar sua casinha numa verdadeira sauna. Contudo, o frio chegava-lhe aos ossos e os calafrios a faziam estremecer. E a maldita visão se fora.

Phil não atendia o telefone e ela procurou não se preocupar, afinal ele não tinha dito que iria direto para casa. Talvez tivesse se lembrado de algo e seguido para a delegacia. Talvez fosse fazer um relatório do que haviam encontrado. Isso se Sam não fizesse as coisas a seu modo — o que era mais provável.

Aonde ele tinha ido, afinal? Talvez ambos tivessem ido se encontrar num bar para beber uma cerveja, assistir a um jogo pela tevê, deixando-a aflita sem saber o que pensar.

A expectativa era terrível!

Na pressa de sair, Sam deixara o par de luvas no chão, perto da lareira. Na certa, logo se arrependeria.

Elizabeth apanhou-as, deliciando-se com o couro velho e macio, o forro de lã. As luvas estavam quentes por terem ficado perto do fogo, mas para ela a sensação ainda era a das mãos de Sam.

Numa atitude natural, Elizabeth calçou-as, reconfortando-se com aquele calor. Porém, no segundo seguinte, veio-lhe uma visão muito clara, horripilante: Phil Grayson caído ao chão sem vida. E Sam Oliver curvado sobre ele, as mãos manchadas de sangue do amigo. Horrorizada, Elizabeth gritou e atirou longe as luvas.

Em menos de meia hora, chegava à modesta casa de Phil, torcendo e rezando para que estivesse enganada.

— Não, não — murmurava. — Por favor, não.

As luzes estavam acesas e o Chrysler guardado na garagem. Nem sinal do carro de Sam ou de qualquer outra pessoa.

Àquela altura, Elizabeth já não tinha mais esperanças de encontrá-lo vivo. Já passara pela mesma experiência inúmeras vezes, e já não se enganava mais.

A porta da cozinha estava entreaberta. Elizabeth escancarou-a e entrou, seguindo o fecho de luz. O som quase estridente da televisão chegou-lhe aos ouvidos. Elizabeth ficou aliviada, até perceber tratar-se de um show de variedades; Phil detestava show de variedades.

A única luz da sala era a da televisão. Phil jazia imóvel sobre o tapete escuro e Sam estava debruçado sobre o corpo dele. Mas o tapete da sala era bege e não vermelho vivo como a mancha que o cercava.

Quando Sam voltou-se e a viu entrar, sua expressão era de ódio e dor. Não foi preciso dizer nada.

CAPÍTULO VII

Elizabeth ficou paralisada diante da cena chocante. Embora já a tivesse visto numa premonição, a realidade era aterradora. Ela já sabia o que encontraria ao chegar lá pois as visões tinham continuado durante todo o caminho, apesar de seus esforços para ignorá-las.

A princípio, sentiu um medo muito grande diante da fragilidade da vida. Sam, que estivera ajoelhado sobre o corpo de Phil, ergueu-se lentamente e Elizabeth teve vontade de sair correndo, o mais rápido que pudesse, para fugir da morte, daquele quadro pavoroso.

Sam não fez menção de caminhar em sua direção e ela o encarou, vendo a fúria estampada naqueles olhos já tão familiares. Se Sam a julgasse responsável pela morte do amigo, a mataria sem hesitar.

Ela devia correr, correr antes que sua sentença de morte fosse pronunciada.

Então, olhou novamente para o corpo de Phil. Seu único amigo, quase um parente, teve o rosto mutilado, assim como o das mulheres assassinadas. Uma tristeza profunda abateu-se sobre Elizabeth, obscurecendo qualquer outro sentimento que pudesse ter naquele instante. Lembrou-se do sorriso largo e doce do amigo e então, dando um passo à frente, caiu chorando nos braços de Sam.

Há muitos anos não se permitia chorar e as lágrimas rolavam incontroláveis, dando vazão a uma série de emoções que trazia trancadas no peito. Elizabeth sentiu-o abraçá-la um tanto hesitante mas não se importou. Precisava de uma demonstração de carinho, de conforto, de um corpo quente para aquecê-la. Precisava de tudo — até mesmo da companhia daquele homem cujo coração parecia mais frio que as noites do Colorado.

Aos poucos, Sam foi deixando a fúria de lado e abraçou-a com mais força, carregando-a para fora dali. Elizabeth sentiu alguns respingos de neve gelada no rosto e Sam a colocou no banco do carro, que ela abandonara de qualquer jeito na ânsia de chegar logo dentro da casa de Phil.

A princípio, recusou-se a soltá-lo, preferindo não abrir os olhos, não se separar daquele corpo quente que a amparava durante o acesso de choro. Mas Sam tirou-lhe as mãos dos ombros, delicadamente, dobrou-as

sobre o colo e prendeu-a com o cinto de segurança. Ao abrir os olhos, Elizabeth viu as manchas de sangue das mãos de Sam em seu casaco.

Com uma expressão fria e pálida, ele não disse uma palavra ao seguir pela rua em alta velocidade. Elizabeth, no entanto, não se preocupou com o perigo, tampouco perguntou-lhe para onde iam. Tanto fazia. Ainda estava sob estado de choque e era preciso sua pouca energia para fazer o choro cessar.

Mas as lágrimas não paravam. Era como se tivessem vida própria e, revoltadas por terem ficado tanto tempo sufocadas, recusavam-se a ser controladas. Elas lhe escorriam pelas faces, pelo pescoço e, quando pendia a cabeça para trás, molhavam-lhe os cabelos. Estava frio demais para chorar, pensava; frio demais para sentir qualquer coisa.

Elizabeth não imaginava que ele fosse levá-la para casa e, quando o carro parou, ela olhou para o chalé modesto todo iluminado.

Sam não desligara o motor nem se mexera e ela se indagava se deveria descer do carro e deixá-lo sozinho. Sozinho e de posse de seu único meio de transporte, enquanto ficava ilhada naquela casa, assombrada pelas visões terríveis que a assaltavam.

Sem forças para lutar, pousou a mão sobre a maçaneta mas Sam a deteve.

— Espere um pouco. — Sua voz soou rouca, rude, e era a primeira vez que se dirigia a ela desde que se encontraram na casa de Phil. — Você deixou todas estas luzes acesas?

— N-não sei...

— Deixou a porta aberta?

Ela ergueu o rosto, estreitou os olhos e viu o fecho de luz vindo da porta da cozinha.

— Não sei. Não me lembro de quase nada. Acho que sim. Eu estava tão preocupada em conseguir...

— Tenho quase certeza de que alguém esteve aqui. — Sua frieza magoou-a. — O que acha, minha guru?

A brincadeira surtiu o efeito esperado, despertando-a do estado de choque.

— Não sei — repetiu.

— Você não sabe de nada mesmo, não é? De que adiantam estes tais poderes se não consegue prever que a própria casa vai ser invadida,

ou que um inocente vai ser morto? Aposto que foi por causa de alguma visão que você foi até lá.

— Exatamente. E você? Por que foi?

Ele não respondeu, a princípio, limitando-se a apertar-lhe a mão com mais força. Depois, brincou:

— Eu queria fugir de você.

Saber que Sam mentia, ou pelo menos não dizia toda a verdade, encorajou-a a fazer-lhe mais perguntas.

— Onde está o seu carro?

— Numa curva qualquer da estrada. Fui até a casa dele de carona.

— Pois não vou permitir que leve meu carro, a menos que eu vá com você.

Seus olhares se cruzaram por um segundo, como se ambos tivessem se assustado com o que acabara de dizer.

— Não quero que aconteça com você o mesmo que aconteceu com Phil, Elizabeth. Só não sei se é mais seguro esperar aqui no carro ou ir atrás de mim.

— Você acha que ele ainda está lá dentro?

— Não sei; você é quem devia me dizer. A menos que não possa e, neste caso, teremos que nos virar só com a minha intuição. Pois ela me diz que, se esse sujeito estiver por aqui, não é seguro você ficar dentro do carro; portanto, venha comigo. Siga logo atrás de mim, quieta, e esteja preparada para fazer qualquer coisa que eu mandar sem vacilar. Certo?

— Você acha que foi o "Degolador do Colorado?"

— Quer saber se acho que Phil foi morto pela mesma pessoa que tem matado várias mulheres na região? Sim. Não sei se ele está lá dentro a sua espera, mas creio que já esteve aqui.

Elizabeth estremeceu de medo. Extenuada, não pôde sequer usar seus poderes para tentar imaginar o que se passava no interior da casa. Sua única escolha era obedecê-lo e torcer para tudo dar certo.

Embora dissesse a si mesma que não se importava, tinha medo de morrer, principalmente nos braços de Sam Oliver. Pela primeira vez na vida sentia o desejo de ser feliz, alegre, extrovertida, mas sabia que, para isso, teria que atravessar muitos perigos.

— O que tem em mente?

— Vamos entrar e ver se alguém esteve ou ainda está na casa. Se estiver, será um homem morto. — Sam falou com tal determinação que

não deixava margem para dúvidas. — Se não estiver, pegaremos umas coisas e daremos o fora daqui. Vamos.

Sam a soltou e saiu do carro. Elizabeth o seguiu arriscando uma olhadela por sobre os ombros fortes. A mata em torno da casa lhe pareceu mais escura e ameaçadora que nunca. Como se as árvores estivessem fechando um cerco ao seu redor.

Sam trazia uma arma na mão e, apesar de detestar qualquer tipo de violência, Elizabeth sentiu-se mais segura ao vê-la.

No começo, ela não entendeu o que se passara na casa, pois Sam bloqueava-lhe a visão.

— Mantenha-se atrás de mim e feche a porta.

— Mas e se tivermos que sair correndo?

Como ele não respondesse, lembrou-se do alerta que Sam fizera no carro e o obedeceu sem discutir. Então, olhando à volta, viu os estofados todos rasgados, o carpete arrancado e estremeceu.

— Ele já foi — garantiu, ao guardar a arma, depois de dar uma revistada em todo o espaço.

Como um autômato, Elizabeth foi até o roupeiro onde guardava seus únicos pertences de valor — o enxoval que ganhara da avó. Ao vê-lo todo despedaçado pelo chão, soltou um grito de dor e ajoelhou-se.

O assassino destruíra tudo, todas as mantas tecidas pela vovó Mellon, as fronhas bordadas, os travesseiros de pena, as colchas de crochê.

Sam, impaciente, aproximou-se por detrás mas Elizabeth não ergueu o rosto para fitá-lo.

— Temos que sair daqui. Ele vai voltar.

— Por quê? Já destruiu tudo.

— E levou exatamente o que procurava: o maldito sapato. Agora vai querer nos eliminar.

Havia uma parte das roupas que ficara mais ou menos intacta — talvez despercebida — e Elizabeth puxou uma manta azul e rosa que pertencera a sua mãe, e a ela própria quando bebê. Comovida, abraçou-a junto ao peito como uma espécie de talismã. Pelo menos ele não conseguira destruir tudo, toda a lembrança que lhe restava de sua família.

— O sapato não está com ele.

Só quando Sam curvou-se e forçou-a a se levantar foi que Elizabeth percebeu o quanto Sam estava nervoso. Ela continuou agarrada à manta.

— Como assim? — Sam quis saber.

— Levei o sapato comigo, quando saí. Está debaixo do banco do carro.

— Minha nossa! — ele exclamou, correndo os dedos pelos cabelos.
— Vamos dar o fora daqui.

Elizabeth tentou se soltar.

— Preciso pegar umas coisas...

— Esqueça. Ele destruiu suas roupas, também. Compraremos outras quando amanhecer.

— Mas... para onde vamos?

— Para minha casa em Washington.

Washington, onde Alan tinha morrido!

— Não quero ir.

— Tem que ir. Se ficar, ele voltará para matá-la.

— Mas... e Phil?

— Não podemos mais ajudá-lo. O melhor que temos a fazer é voltar a Washington e prosseguir as investigações para vingarmos sua morte.

— Por que a vingança?

— Porque é preciso. Mais do que preciso, é essencial.

E, sem mais uma palavra, levou-a de volta para o carro e partiu.

Mohamed Ali Reza viu quando se afastaram e teve vontade de praguejar, mas conteve-se. Acessos de raiva já o haviam levado a cometer muitos erros!

O tira não fora de grande ajuda. Mais bem treinado do que imaginara e capaz de suportar bem a dor, morrera com dignidade, e Mohamed o admirou por isso. Teria que cuidar, agora, dos outros dois.

Mas não precisava pressa. Sabia para onde estavam seguindo: encontrara numa das gavetas de Phil Grayson um papel com o nome e o endereço do grandalhão em Washington. Além disso, logo, logo a polícia lerda de Denver entraria em alerta quando o corpo de Phil fosse descoberta, mutilado tal e qual o das outras mulheres.

Não tivera alternativa. Pensara em queimar a casa, mas não tinha o equipamento necessário. Além do mais, estava com pressa de achar logo a moça e o sapato. Porém, no fim, acabara perdendo-os.

Paciência. Depois de Washington rumaria para sua amada Itália, um país muito mais bonito e interessante que os Estados Unidos.

Observando Elizabeth dormir na poltrona ao seu lado, Sam achou-a com uma aparência muito frágil. E ele? Com que aparência estaria? As aeromoças o olhavam, desconfiadas, ao cruzarem o corredor, e serviam-lhe doses generosas do seu uísque preferido.

A aeromoça de nome Clarice estampado na plaqueta presa sobre o colo generoso o olhava com uma expressão de curiosidade, um misto de medo e fascinação. Afinal, não era comum dois passageiros pegarem o avião às pressas e sem passagem. Na certa, devia ser um alto funcionário do governo.

Elizabeth murmurou algo durante o sono e Sam voltou-se para ela, não se importando com a atenção da aeromoça. Sua pele, normalmente pálida, estava branca como cera; as olheiras profundas, os lábios entreabertos. A trança que fizera antes de embarcarem começava a desmanchar e os cabelos caíam-lhe pelos ombros. Continuava abraçada àquela manta e Sam ficou feliz por vê-la tranqüila.

Tinha tido muita sorte em conseguir um lugar naquele vôo. Estava decidido a chamar um avião militar para vir buscá-los e levá-los a Washington, mas levaria mais tempo, e não queria levantar suspeitas tendo que se explicar, detalhadamente. Afinal, o caso parecia mais complicado do que se podia imaginar, e poderia haver muita gente importante metida na confusão. Toda cautela era pouca.

Então, tecera os pauzinhos e conseguira dois lugares naquele que era o primeiro vôo comercial a decolar depois da nevasca. Mesmo às três e quarenta da manhã, o avião estava lotado. A maioria era de passageiros de outros vôos cancelados, com mais de cinco horas de espera.

Aterrissariam logo depois do amanhecer e seguiriam para o seu apartamento até decidirem qual o próximo passo. E em quem confiar.

— Sam?

A voz suave de Elizabeth tirou-o dos seus pensamentos. Era a primeira vez que ela o chamava assim, pelo nome. Antes era sempre "coronel Oliver", ou "Sam Oliver". Gostava do som de seu nome nos lábios dela.

— Sim? — indagou num tom desencorajador.

— O que vai acontecer com Phil?

"Droga!", pensou, tentando ignorar o nó na garganta. Não que tivesse esquecido a tragédia, mas procurava não pensar mais no assunto, como forma de se defender da dor.

— Como assim?

— Não quero que ele fique lá estendido por muito tempo. — Os olhos castanhos de Elizabeth estavam atormentados. — Isto é...

— Sei o que quer dizer. Vou dar um telefonema anônimo para a polícia assim que aterrissarmos, está bem?

— Não vão querer nos interrogar?

— Não, se conseguirmos escapar. Pelo menos, por enquanto. Assim que tivermos algumas respostas, poderemos voltar e ajudá-los.

Ela assentiu e recostou a cabeça no banco, abraçando a manta com mais força. Usava uma de suas roupas caseiras, de formas soltas e cores claras, pálidas como ela mesma. Sam imaginava, curioso, como Elizabeth ficaria num vestido de cor vibrante e formas justas. Vermelho, por exemplo.

— Você está bem? — Elizabeth perguntou.

Por um segundo, ele não entendeu a pergunta.

— O quê?

— Perguntei se está se sentindo bem.

— Não.

Não havia nada que pudesse dizer para confortá-lo. Mas, por outro lado, Sam não esperava mesmo nenhuma atitude nesse sentido por parte dela.

— Sinto muito.

— Já vi este filme várias vezes — confessou, bebendo um gole de uísque. — Inocentes morrendo à toa, por uma causa idiota, enquanto os culpados conseguem escapar. Já perdi muitos amigos assim mas... não pensei que fosse perder Phil também.

— Entendo.

Provavelmente entendia mesmo. Aliás, com aquele jeitinho frágil e doce, a sensibilidade fora do comum, Elizabeth Hardy entendia de tudo. Sam não sabia se Phil havia lhe contado sobre os momentos difíceis que haviam passado juntos e a amizade profunda que os unia, mas sentia que não havia muitos segredos para Elizabeth.

— Agora, durma, guru — murmurou, desligando a luz de leitura.
— Daqui a duas horas estaremos em Washington e teremos muito o que fazer. É melhor descansar enquanto pode.

CAPÍTULO VIII

No momento em que Elizabeth pôs os pés para fora do aeroporto, encheu os pulmões e olhou admirada a sua volta. O cheiro da cidade era diferente, bem como o tipo de frio. Sair de seu refúgio nas montanhas do Colorado, sempre coberto de neve, e chegar à poluída Costa Oeste, era uma mudança e tanto. Por uns instantes, permaneceu parada na calçada, meio zozna, sempre abraçada à manta, o que lhe dava um certo ar de loucura e desesperança.

A trança se desfizera completamente, mas estava cansada demais para se preocupar com isso, deixando os cabelos caírem, soltos, pelas costas. Aliás, deveria cortá-los o quanto antes para evitar o cansativo trabalho de desembaraçá-los. Alan gostava de cabelos longos e Elizabeth os mantinha assim numa espécie de homenagem, para prestar respeito ao homem que amara. Mas Alan estava morto.

E Phil também. Nervosa, olhou de relance para Sam ao seu lado. Um homem difícil, frio, implacável. Ninguém conseguiria matá-lo, concluiu, julgando-o imortal. Então, arrependida por tê-lo julgado de modo tão cruel, reconheceu que era inútil tentar enganar a si própria: importava-se, e muito, com ele.

Porém, naquele momento, não tinha sequer forças para pensar em nada. Queria apenas um bom banho quente e unia cama confortável para dormir quantas horas conseguisse. Só então estaria pronta para enfrentar a realidade.

— Venha — disse Sam, empurrando-a para dentro de um táxi de luxo. — Não quero ser visto aqui em Washington.

Ambos sentaram no banco de trás, bem juntinhos. Sam entregou o papel com o endereço para o motorista e imediatamente fechou a divisória de vidro que separava os passageiros do condutor.

— Por que está tão preocupado? — Elizabeth perguntou, consciente de que não podiam ser ouvidos. — Ele não poderia ter nos seguido, não é? E, mesmo que nos tenha seguido, você aqui está em seu próprio território, tem a retaguarda garantida, tem...

— Tenho uma porção de pessoas em quem não acredito.

— Isso não é novidade.

Sam franziu as sobrancelhas e a olhou como se a visse pela primeira vez.

— Continuo vivo mas todos os meus amigos morreram. Talvez essa seja uma amostra de que meu modo de pensar e agir seja certo.

— Ou de que há vidas que não valem a pena ser vividas. Viver sem amor e confiança, desconfiando até da própria sombra, é terrível.

Lá fora, a cidade de Washington passava e Sam voltou-se para Elizabeth, analisando-a em silêncio. O motorista, confinado ao banco da frente, parecia cantarolar junto com o rádio e os dois sentiam-se à vontade, isolados.

— Não me parece que você tenha preenchido sua vida com amor e confiança, Elizabeth.

Ambos estavam cansados demais para qualquer tipo de conversa mais séria, ela concluiu. Os últimos acontecimentos haviam sido devastadores, capazes de destruir-lhes as defesas.

— E quem disse que minha vida vale a pena ser vivida?

Ele meditou sobre a resposta friamente.

— Eu digo. E mais: acredito em você.

A confissão pegou-a desprevenida mas não representava novidade. A maior prova de que Sam realmente acreditava nela era o fato de tê-la trazido consigo a Washington, para lua própria casa. Só que Sam tinha dificuldade em admitir isso a si mesmo, e ela, por sua vez, não facilitava as coisas.

— Não está querendo dizer que acredita nos meus poderes, não é?

— Eu não chegaria a tanto. Digamos que eu não acredite que você esteja mentindo.

Elizabeth pensou na visão que teve da morte de Alan. E pensou em Sam; sua mão deslizando-lhe pela coxa coberta pelo vestido vermelho. Justo ela que só usava cores neutras.

— Quanta generosidade — murmurou, irônica, para disfarçar o medo e também a gratidão que sentia.

— Ei, afinal sou um bom sujeito — Sam brincou ao se recostar no banco e fechar os olhos.

O táxi cheirava a cigarro e a coxa de Sam roçava a de Elizabeth de leve. A manta caíra-lhe sobre o colo e seu tom combinava com o jeans desbotado que ele usava. Será que, na cidade, ele usava farda?, Elizabeth se perguntava. Como será que ela, uma pacifista convicta, reagiria ao vê-

lo fardado? Será que Sam cortaria ainda mais os cabelos? Será que se tornaria ainda mais inflexível, mais distante?

Mas por que se preocupar? Precisava de proteção, segurança; exatamente o que ele podia lhe dar. Se Sam realmente comesse a agir como um militar, seria apenas pensando em protegê-la. E ela continuaria criticando seus excessos, seus exageros, como vinha fazendo desde que se conheceram.

Um silêncio convidativo pairava no interior do táxi e Elizabeth já começava a cochilar quando o carro parou de súbito.

Elizabeth mal teve tempo de olhar a paisagem quando Sam conduziu-a para fora do táxi, desceu um lance de escadas, passou por um complicado sistema de segurança e a levou para dentro do prédio.

— Onde estamos? — perguntou, afastando-se dele o mais rápido possível, como de costume.

Não podia ficar muito próxima, arriscar-se a tocá-lo, de propósito ou por acaso. Cada toque desencadeava-lhe uma série muito intensa de emoções.

— Na minha casa — ele explicou, levando-a consigo através de um corredor largo em direção ao elevador.

Os dois subiram calados, depois caminharam por um outro corredor até que Sam parou diante de uma porta, destrancou-a e puxou-a para dentro, fechando os três trincos de segurança em seguida.

— Não se mexa — ordenou, afastando-se, caminhando pelo apartamento com o mesmo ar de desconfiança e alerta com que revistara o chalé deserto onde Mary Nelson estivera.

Sozinha, Elizabeth teve pena dele por viver sempre tão atormentado mas, logo em seguida Sam voltou e tornou a guardar a arma no cós da calça, tirando o casaco.

— Tudo bem; ninguém esteve aqui na minha ausência.

— E por que alguém viria aqui? — ela quis saber, curiosa.

— Não sei. A situação toda é muito confusa e me deixa sempre em alerta. Enquanto não tivermos explicações convincentes para o que anda acontecendo, é preciso todo cuidado.

Sam segurou a manta e, por um segundo, Elizabeth se agarrou ao seu talismã, recusando-se a soltá-lo. Mas os dedos dele roçaram os seus desencadeando uma onda de sensações que a amedrontaram e a fizeram

largar a manta, dando um passo para trás, ignorando a surpresa estampada naqueles olhos azuis.

Talvez Sam Oliver nunca chegasse a compreendê-la.

Ainda assustada, olhou para as paredes nuas e brancas, sem nenhum quadro, para o sofá de módulos em formato de "L" estofado de branco. O único toque decorativo eram as cortinas pesadas e as persianas nas janelas, agora abertas para permitir a entrada do sol. Mas Elizabeth sabia que não se tratava de um toque decorativo e, sim, de uma questão de segurança.

Os únicos sinais de vida humana por ali, que lhe permitiam ter certeza de que alguém morava naquele apartamento, eram a televisão, o aparelho de som e os livros empilhados pelos cantos.

— E você criticava a minha casa — comentou, balançando a cabeça.

— O que há de errado com meu apartamento?

— Há quanto tempo você mora aqui?

— Cinco anos.

— Parece que se mudou a semana passada.

— Não gosto de acumular muitos bens. A vida é muito curta e muito incerta para se pôr fé em objetos.

Elizabeth experimentou o sofá e constatou que, apesar de feio, era confortável.

— Se não se põe fé nas coisas, torna-se mais difícil pôr fé nas pessoas. É um círculo vicioso que não leva a nada. No que você acredita?

Sam pensou um pouco sobre a questão, parado no meio da sala branca, o sol da manhã infiltrando-se pelas lâminas da persiana.

Elizabeth o observou e percebeu sinais evidentes de cansaço em seus olhos, a barba por fazer. E parou por aí, preferindo não pensar no que ele realmente precisava.

Finalmente, Sam disse:

— Acredito na verdade. E na honra. Uma cerveja bem gelada numa noite de verão; uísque puro numa noite de inverno. Acredito em dar o melhor de mim mesmo sem saber o que me espera. E acredito no amor.

Ela o fitou, pasma, ardendo por tocá-lo, abraçá-lo, assumindo as conseqüências. Então, o nome de Amy Lee veio-lhe à mente mas Elizabeth preferiu calar-se.

— Bem, talvez ainda haja salvação para o seu caso — comentou, fingindo desinteresse e frieza, lançando um olhar perdido através da janela.

— Você vai ter que consultar sua bola de cristal, guru, e descobrir se há um final feliz a nossa espera.

— Mesmo que pudesse, não o faria. E se a resposta fosse "não"?

— Já era de se esperar. — Ele caminhou em direção a uma das portas abertas. — Vou tomar um banho e sair.

Elizabeth procurou disfarçar o pânico.

— P-posso ir com você?

— Não; estará mais segura aqui. O prédio tem um excelente esquema de segurança, como você viu, e, se alguém estiver interessado em nós, irá me seguir em vez de vir para cá. Aliás, acho que ainda não há ninguém sabendo que estamos em Washington. É melhor você aproveitar para dormir.

Não adiantava implorar para que à deixasse acompanhá-lo, e não lhe restava alternativa a não ser obedecer e acreditar.

Meia hora depois, já barbeado, Sam saiu fardado. Antes, porém, entregou-lhe a arma. Elizabeth resistiu mas Sam obrigou-a a segurá-la.

— Você sabe atirar?

— Não, nem quero aprender.

Sam ignorou a resposta e posicionou suas mãos frágeis, fazendo-a segurar a arma de modo correto.

— Primeiro, puxe aqui, depois aqui. Este é o gatilho que dispara.

— Não.

— Sim. — As mãos fortes apertaram as dela, segurando-as contra o metal frio. — Preciso demais de você para permitir que a matem.

Interpretando romanticamente as palavras, Elizabeth o olhou, impressionada. Mas a alegria durou pouco e o bom senso logo ocupou o lugar da fantasia. Sam precisava dela para elucidar a morte de Phil e Mary Nelson, nada mais:

— Não vou deixar que ninguém me mate até que você não precise mais de minha ajuda. Agora, solte-me.

— Você vai usar a arma? — ele perguntou sem soltá-la.

— Se for preciso.

Ambos sabiam que era mentira e ele praguejou. Afastou-se, então, e Elizabeth pôs a arma sobre o sofá; sua intenção era escondê-la sob a almofada assim que ele saísse.

Mas, antes, lembrou-se:

— Preciso de umas roupas. Não trouxe nenhuma comigo.

— Vou lhe trazer algumas. Feche as cortinas, não atenda o telefone nem a porta.

— A que horas pretende voltar?

— Ainda não sei. Sugiro que tome um bom banho quente, uma dose de uísque puro e vá para a cama.

— Não quero dormir. Tenho medo de sonhar.

— Meu bem — disse Sam abrindo a porta —, às vezes não se tem escolha.

E saiu.

Elizabeth não saberia dizer por quanto tempo continuou sentada no sofá. Em um dado momento, escondeu a arma sob a almofada e levantou-se, seguindo as instruções de Sam para que fechasse as cortinas.

O apartamento era pequeno, mas suficiente para um homem que morava sozinho. A cozinha, à esquerda, tinha um bom estoque de cerveja, manteiga e uísque. No armário, encontrou umas bolachas, porém não estava com fome. Tampouco tinha vontade de beber.

O banheiro e o quarto eram pequenos e brancos. Até a cortina do box era branca e Elizabeth não se surpreenderia se as toalhas fossem da mesma cor. Mas não: eram de fundo azul-escuro com desenhos pretos e turquesa. Os únicos objetos escuros da casa.

Ao ver a enorme cama de casal, riu lembrando-se de como Sam reclamara de seu sofá estreito e curto. Não era de se admirar. Os lençóis eram listrados e ela suspirou aliviada. A breve visão erótica que tivera não passara de um devaneio, disse a si mesma pela centésima vez. Nunca usara uma roupa vermelha e a cama que vira tinha lençóis cinzas, e não listrados.

Elizabeth tomou um banho de chuveiro. Depois, ao remexer, as gavetas à procura de algo para se vestir, arrependeu-se de não ter lhe pedido que a levasse para um hotel. Mas Sam não iria mesmo concordar...

Recusava-se a vestir as mesmas roupas com que viera. Usara-as por mais de vinte e quatro horas seguidas e com elas vivera momentos terríveis — encontrara o chalé onde Mary Nelson fora assassinada e vira

Phil morto em sua própria sala. Com aquelas mesmas roupas, vira toda sua casa revirada, seu enxoval despedaçado, espalhado pelo chão, e fugira com Sam, deixando tudo de seu para trás. Havia manchas de sangue, o sangue de Phil, naquela blusa, e Elizabeth teve vontade de queimá-la.

Por fim, resolveu vestir uma camiseta preta que lhe chegava até os joelhos e uma calça de agasalho do mesmo tom, que precisou enrolar um pouco na cintura, já que era enorme. Elizabeth vestiu-as devagar, com cuidado, lembrando-se da visão terrível que tivera ao calçar as luvas de Sam. Sentada no centro da cama de casal, começou a desembaraçar os cabelos com o pente que trouxera do banheiro, mas o sono acabou vencendo e, durante oito horas, conseguiu dormir sem sonhar.

Já começava a escurecer quando Sam voltou. Como não visse luzes nem ouvisse vozes, chegou a temer que Elizabeth tivesse saído, mas ela não cometeria tal tolice. Por outro lado, não havia sinais da presença de outra pessoa que pudesse tê-la raptado. A simples idéia de que algo pudesse ter acontecido a Elizabeth o transtornou.

Com o coração apertado, correu para o quarto. No escuro, viu apenas os lençóis embolados e, petrificado de medo, não conseguiu se mexer. Elizabeth estava coberta dos pés à cabeça com a manta azul e rosa, e Sam temia descobri-la. E se algo tivesse lhe acontecido?

Movendo-se devagar, sentou-se na beirada da cama e começou a puxar a ponta da manta. Elizabeth não se mexeu nem esboçou qualquer reação enquanto ele lhe revelava o rosto pálido. Mas, logo em seguida, ela abriu os olhos e, reconhecendo-o, sorriu.

Sam não entendia o motivo daquele sorriso uma vez que sempre se portara como um idiota, ainda que como único meio de se defender. Mas, em vez de repeli-lo, ela lhe sorria de modo irresistível, despertando-lhe o desejo de abraçá-la, com a manta e tudo, mergulhando no castanho profundo daqueles olhos.

— E então? Como foi?

Sua voz era meiga, enternecedora, e Sam perguntou-se o que estaria acontecendo com sua autodefesa. Brotou-lhe um ímpeto muito forte de abraçá-la mas, então, lembrou-se de que Elizabeth não gostava de ser tocada. Principalmente por ele.

Sam sentou-se do outro lado da cama, afastando-se dela, e acendeu a luz do abajur.

— Mal. Eles mentiram para mim.

— E o que disse a eles? — Sentando-se, Elizabeth começou a pentear os cabelos sob o olhar atento e fascinado de Sam, que a fitava, maravilhado, pensando em coisas que não devia.

— Menti também.

Ela suspirou:

— Mas pensei que estivessem do mesmo lado.

— Teoricamente. Quando você crescer vai descobrir que não se pode confiar nos governos. Nem mesmo no nosso.

A intenção de Sam era fazê-la reagir, e conseguiu.

— Vá para o inferno — ela exclamou, descendo da cama.

Com aquela roupa preta, Elizabeth parecia ainda mais magra. Sam sempre preferira as mulheres mais cheias de corpo e lembrava-se de como Amy Lee reclamava por ter ganhado cinco quilos após o casamento, que não conseguia perder. Mas ele a amara cada vez mais, até o dia em que a perdera. Garotinhas magras como Elizabeth não o atraíam.

Mas Elizabeth não era, na verdade, uma garotinha: tinha vinte e nove anos e, se as tais visões eram verdadeiras, passara por maus momentos, vendo acontecimentos terríveis antes mesmo que acontecessem. E o pior: sem que pudesse fazer nada para evitá-los, abrandá-los, torná-los menos ruins. Seu papel era de mera testemunha.

— Eles me escondem alguma coisa — disse Sam, esticando-se na cama com as costas apoiadas no travesseiro. Mesmo cansado ainda não ia dormir. — Estão mantendo sigilo absoluto sobre o desaparecimento de Shari Derringer e, por algum motivo, não revelam o que está acontecendo nem para mim.

— E por que não disse a eles o que sabe?

— Intuição.

— Só isso?

— Por enquanto, só. A menos que queira olhar na bola de cristal e descobrir mais alguma coisa. Acho que eles já sabem o que aconteceu com Mary Nelson. Sabem que há uma ligação entre os dois casos.

Elizabeth parou de pentear os cabelos e o fitou.

— Por quê?

— Porque deram a morte de Phil como suicídio.

— Suicídio?

— É... suicídio...

Elizabeth sentou-se na cama, perto dos pés dele. Sam jamais vira cabelos tão longos e brilhantes, nunca tocara uma mulher com aqueles cabelos, nunca fizera amor com alguém assim. Mas, de alguma forma, sabia que não demoraria a acontecer. Sentia-se cada vez mais atraído.

— O que você acha que está havendo?

— Não sei... Ou Mary Nelson vai aparecer no lugar de Derringer ou vice-versa, mas a Spandau Corporation está metida nisso. Só não entendo por que não me chamaram. Não há ninguém vivo que saiba mais a respeito dessa organização do que eu.

— Talvez pensem que você ainda está emocionalmente envolvido com a questão.

— É verdade. E sabem que estive em Denver, embora não me perguntassem nada. Estão esperando, me observando para ver se me ofereço. Desconfiam de tudo e de todos. — E suspirou esfregando os olhos. — Ouça: não quero que ponha os pés fora deste apartamento. Eles me seguiram até aqui mas acho que ninguém me observava quando cheguei. Não sei se sabem da sua existência, mas é melhor que não saibam. Pelo menos por enquanto.

— Por que não dorme? — ela perguntou, vendo-o bocejar.

— Não posso. Tenho muita coisa para fazer; uns telefonemas para dar.

— Mas está muito cansado.

— Talvez eu tire apenas um cochilo — concedeu, deitando-se. Me acorde daqui a meia hora.

— Claro.

Sam sabia que ela não o acordaria, mas estava acostumado a despertar no momento que desejasse. Talvez uma hora de sono o refizesse.

— Trouxe-lhe umas roupas — murmurou, sonolento — E mais comida também.

— Obrigada.

Sem mais uma palavra, ela deixou-o só.

CAPÍTULO IX

Elizabeth ignorou a pilha de sacos e caixas deixados perto da porta da frente. No momento, interessava-se mais por comida do que pelas roupas novas que Sam lhe trouxera. Aliás, nunca usara algo tão confortável quanto as roupas dele e não tinha pressa de trocá-las por peças novas, ainda com ares de loja.

Preferia não pensar em nada: nem na morte de Phil, de Mary Nelson, ou mesmo no estranho conforto que as roupas de Sam lhe proporcionavam.

Elizabeth pegou os pacotes e foi para a cozinha, adivinhar o que continham antes de abri-los: duas garrafas de cerveja preta, que foram direto para a geladeira; uma caixa de pizza congelada, para o freezer; o filé, para a gaveta de carnes; e o pacote de café extra-forte, que guardou no armário.

Ao tirar um vidro de nozes do fundo do pacote, deixou-o escorregar e cair no chão mas, por sorte, ele não quebrou. Tudo ali no apartamento era de primeira, e o piso, de vinil, impediu que o pote se espatifasse e lhe cortasse os pés descalços. O vidro rolou e acabou entrando embaixo da geladeira.

Sem se preocupar em apanhá-lo, Elizabeth abriu o outro pacote. E qual não foi a surpresa ao encontrar só produtos vegetarianos, iguais aos que tinha em sua casa, no Colorado: macarrão japonês, tortinhas de maçã, castanhas salgadas e até uma lata de sorvete. Sam se lembrara de suas preferências.

Ou será que não? Talvez também gostasse de comida japonesa e tortinhas de maçã. Não... impossível. Uma pessoa carnívora como ele, apreciadora de comidas bem temperadas e bebidas fortes, na certa não se interessaria pelo sabor mais ameno dos pratos vegetarianos.

Ocorreu-lhe, então, uma outra explicação: talvez tivesse um relatório tão completo a seu respeito que incluísse até suas preferências em relação à comida. Se fosse este o caso, quais outros segredos seus teriam sido revelados no tal relatório? Será que ele sabia daquele incidente em que empurrara Stevie Bishop num lago lamacento por tê-la chamado de bruxa? Sabia que seus tios lhe batiam, quando pequena, pensando que suas visões não passavam de fingimento? Será que Sam

Oliver sabia sobre Alan, será que sabia que ela ainda era virgem? Provavelmente sabia de tudo. A idéia arrepiou-a e, por sorte, o apartamento era bem mais quente do que seu chalé nas montanhas. Vinha sentindo muito frio ultimamente e reparara que Sam não tinha cobertor elétrico.

Cansado como estava, Sam na certa dormiria a noite toda. Mas e ela? Onde iria dormir? Se tivesse pensado no assunto antes, teria lhe pedido que dormisse no sofá e lhe emprestasse a cama.

"De que adiantaria?", indagou-se, apanhando o vidro de nozes para comer algumas. Sam não era do tipo cavalheiro, dado a gentilezas. Pelo menos, não com ela. Provavelmente teria sugerido que ela fosse dormir no sofá ou que dividisse a cama com ele.

Mas o que a fizera pensar assim? E por que sentia uma súbita onda de calor ao pensar na resposta? Por quê, afinal, ocupava-se em pensar em sexo quando seu único amigo tinha sido brutalmente assassinado havia menos de vinte e quatro horas?

Olhando para o quarto, lembrou-se de que ele não roncava. Através das paredes finas do seu chalé, no Colorado, era possível ouvir qualquer movimento de Sam, na sala, como agora.

Aproximando-se da porta pé ante pé, olhou para dentro do quarto. O sol tinha se posto já havia algum tempo, e a escuridão era quase total. Sam estava estirado na cama, dormindo sem travesseiro — como já sabia. Era de se admirar que tivesse alguns em casa, já que não os utilizava nem era dado a comprar coisas supérfluas. Provavelmente, tinha travesseiros para os — ou as — hóspedes. A idéia aborreceu-a e Elizabeth procurou não pensar mais no assunto.

Afinal de contas, Sam podia muito bem dividir a cama e os travesseiros com quem quisesse!

Preferindo não observá-lo, afastou-se da porta. O problema era que Sam era um homem bonito, acostumado a espalhar seu charme, e devia ter dezenas de amantes, de namoradas. Por sorte, nunca jogara charme para cima dela; a não ser naquela primeira noite que chegara ao chalé tentando se fazer passar por um esquiador preso pela neve. Era preferível uma hostilidade sincera a um carinho forçado. Mas o que mais precisava era de um carinho sincero, alguém que a abraçasse e a ajudasse a espantar os demônios que a perseguiam.

Porém, ninguém poderia salvá-la: os demônios assaltavam-na de surpresa, sem avisar. E ninguém poderia abraçá-la. Muito menos Sam. Um toque de outra pessoa só reforçava suas visões, tornando-as mais nítidas e fortes. Principalmente o toque dele.

Agitada, com frio e nervosa, não sabia se conseguiria dormir de novo. Voltando para a sala contornou as sacolas de compras e foi até a janela olhar a rua, levantando discretamente a persiana.

Não estava acostumada à multidão das grandes cidades. A rua fervilhava, repleta de carros, pedestres, pessoas indo e vindo de casa para o trabalho e vice-versa. Dali do sétimo andar, pareciam pessoas absolutamente normais, com filhos nas escolas e prestações da casa própria para pagar. Nenhuma lhe parecia um assassino; ninguém parecia estar vigiando-a, esperando para matá-la.

— Saia da janela.

A voz áspera de Sam assustou-a, fazendo-a soltar a persiana, que bateu com força contra o vidro.

— Você me assustou. Não sabia que já tinha acordado.

— Eu já lhe avisei, Elizabeth, para ficar longe das janelas — ele repetiu.

Sam tirara a gravata e desabotoara a camisa até a cintura. Os cabelos estavam despenteados, a barba por fazer, e sua fisionomia deveria ser de cansaço. Mas não: os olhos brilhavam, sempre alertas. O motivo para tanto alerta a inquietava.

— D-desculpe — pediu, sem jeito. — Esqueci. Sinto se o acordei; pensei que fosse dormir a noite toda.

Sem uma palavra, ele soltou o corpo no sofá e passou os dedos pelos cabelos.

— Não posso me dar a este luxo. Conseguiu dormir bastante de tarde?

— Várias horas. E nem cheguei a sonhar.

— Talvez fosse melhor.

— O que disse? — perguntou, confusa.

— Disse que talvez fosse bom sonhar, ou ter suas visões, o quanto antes. Não será através do Pentágono que iremos descobrir alguma coisa. Além do que a polícia de Denver e as notícias mentem. Só temos duas alternativas: sentar e esperar até que o assassino de Phil apareça ou

apelar para os seus poderes. Por que não armamos uma sessãozinha e, quem sabe, nossos irmãos do espaço nos ajudem.

— Você sabe que não é assim. Por que me pede que faça o que não posso? Sei que não acredita, que acha tudo uma farsa, mas...

— Se eu a julgasse uma farsante, não a teria trazido comigo.

— E onde eu estaria a esta altura?

Por sorte, ele não respondeu. Havia um lado rude e selvagem em sua personalidade que a assustava, mesmo sabendo que não seria alvo de tal brutalidade. Por outro lado, conhecendo-o bem, não poderia garantir que jamais a magoasse. Seu senso de dever e justiça era muito aguçado e Sam não vacilaria em liquidar qualquer um que o atrapalhasse no cumprimento do dever, na execução daquilo que ele se propunha a fazer diante de causas que considerasse justas.

Sam se recostou no sofá e a observou.

— Digamos que estou começando a ficar desesperado, E disposto a tentar qualquer coisa.

— Esqueça, coronel Oliver. Não gosto que me encarem com tanto cinismo!

Sem mais uma palavra, deu-lhe as costas e saiu, pretendendo refugiar-se no banheiro, mas Sam ergueu-se do sofá num pulo e segurou-lhe os pulsos. Assustada, Elizabeth perdeu o equilíbrio e teve que se apoiar nele para não cair. Assaltada por uma visão, Elizabeth entrou em pânico e começou a lutar para soltar-se, mas não conseguia.

— Pare — Sam murmurou-lhe junto ao ouvido, porém Elizabeth estava tomada por um verdadeiro terror.

A visão se repetia, uma vez mais.

Havia sangue por toda parte ao redor deles; o cheiro forte sufocava, sua consistência quente banhava-lhe as mãos. Elizabeth lutava contra a visão da mesma forma que tentava se libertar de Sam, gritando, chorando, murmurando coisas que não ouvia. Preocupado e chocado, Sam chacoalhou-a com força segurando-lhe o queixo.

Visivelmente transtornada, ela parou de se debater e o fitou. Todo o corpo doía-lhe: os pulsos vermelhos com as marcas das mãos dele, a cintura fina comprimida contra seu tórax. Mas ela sabia que era a única responsável por aquilo. Sam apenas procurara evitar que se machucasse.

Exausta, respirou fundo e soltou o ar bem devagar.

— Desculpe — pediu, baixando os olhos, preferindo não encará-lo.

— Está se sentindo melhor?

A voz dele era macia, carinhosa, e Elizabeth teve vontade de recostar a cabeça em seu peito e fechar os olhos. Esquecer o passado, esquecer o futuro e viver apenas o presente. Rolar naquela cama imensa, o vestido vermelho solto ao seu redor, sentir as mãos dele deslizando por seu corpo...

— Por favor, me solte.

— Não. Algo estranho acontece quando a toco e sei que não está morrendo de desejo por mim. Então, me diga: o que é que você vê? O que é que a assusta tanto?

— Nada, nada — afirmou, de olhos fechados, balançando a cabeça.

Mas Sam, insistente, segurou-a com mais força obrigando-a a encará-lo.

— Diga.

Não adiantava mais mentir; ele já percebera que tinha o poder de tornar suas visões mais nítidas e reais. Ela não sabia dizer por que ou como, mas o toque dele funcionava como um amplificador, aumentando seus poderes paranormais a níveis assustadores.

— Um homem — murmurou baixinho. — Um homem com uma faca.

As mãos de Sam deslizaram por seus braços em direção aos ombros mas Elizabeth já não relutava.

— Como ele é? Onde está? Aqui?

— Aqui, não. Há alguém vindo para cá. Vindo para nos pegar. Ele foi embora.

— Para onde?

— Não sei.

— Para onde? — ele insistiu.

— Há água. Água gelada, chuva fina caindo sobre barcos arredondados — descreveu, tentando enxergar através da mente. — Uma casa grande e vazia perto da água.

— Droga! — Ele a soltou e no mesmo instante a imagem desapareceu. — Não consigo, Elizabeth...

Ela se recostara junto à parede, zozna, desorientada.

— Não consegue o quê?

— Acreditar nesta palhaçada. Não acredito nisso tudo, e me sinto como um idiota tentando decifrar o que você fala.

— Eu jamais pensaria em fazê-lo de idiota. Aliás, seu senso de dignidade é mais importante do que as vidas de outras pessoas.

Seu sorriso irônico enfureceu-a.

— Por acaso acha que suas visões conseguem salvar a vida de alguém?

Ela se lembrou da morte de Alan, as águas escuras do Potomac fechando-se sobre ele, e estremeceu.

— Talvez. Quem sabe uma delas consiga salvar a minha. E a sua.

— Se chegar a tempo. Suas visões chegam muito em cima da hora; era preciso que viessem com mais antecedência e talvez tivessem salvado a vida de Phil.

Suas palavras cruéis feriram-na profundamente.

— Vá para o inferno! Você é mesmo um cretino!

Caindo em si, Sam se aproximou e a puxou para junto dele novamente, só que com ternura, visivelmente arrependido.

— Me perdoe. Às vezes, perco o controle. Me perdoe.

— Às vezes... Oh, Deus, por que não consegui evitar? Se tivesse visto tudo antes, se...

— Psss... — ele sussurrou. — Não foi culpa sua.

Com a cabeça pousada no peito largo, ouviu o coração lê bater disparado. De olhos fechados, deixou-se deliciar com o calor que lhe transmitia, o perfume másculo da loção que usava. Elizabeth estava consciente do perigo que corria. Se ao menos pudesse se livrar daqueles poderes... Viver como uma pessoa normal...

Desta vez, a visão surgiu lentamente e Elizabeth não relutou, deixando-se levar pelas imagens, permitindo que lhe viessem naturalmente.

Eles estavam numa cama de casal, pequena e confortável, o vermelho da roupa que ela usava era a única cor vibrante no quarto. O decote do vestido havia sido puxado, expondo-lhe os seios, os cabelos castanhos caíam soltos pelos ombros... Os braços dele apertaram-lhe a cintura com mais força.

— O que está vendo? — murmurou.

Uma última reserva de forças a fez relutar mas ele a, subjugou.

— Não relute, Elizabeth. Diga. Não é mais uma morte, é? Você está me vendo. Eu e você juntos, não é?

— Não — mentiu.

— Você me deseja — ele prosseguiu. — Tanto quanto desejo você, mas tem medo de encarar a verdade. Você nos vê mas foge. É isso, não é? — E, segurando-lhe o queixo com firmeza, obrigou-a a encará-lo. — Tem medo de mim, Elizabeth? Tem medo de sentir minhas mãos em seus seios? Meus lábios nos seus? Minhas mãos deslizando para baixo do vestido vermelho para tocá-la?

Ela se debateu, e desta vez Sam a soltou. Elizabeth tremia mas seus tremores não tinham relação alguma com as visões. Seu corpo ardia de desejo.

— Você não sabe de nada, está apenas adivinhando.

— E estou certo?

— Vá dormir, Sam — ela murmurou, cansada, indo para a cozinha. — Está exausto e precisa descansar. Quem sabe pela manhã você se lembre de que me despreza.

— E você? Será que uma boa noite de sono vai ensiná-la a não mentir mais para mim?

Para Elizabeth, já era demais. Estava sendo puxada em diversas direções, sentindo-se dividida, e não suportava mais aquela situação.

— Se não me deixar sozinha, vou abrir aquela porta e sair. Para nunca mais voltar.

— Experimente.

Não adiantava, ela sabia. Sam parecia ter um sexto sentido que o punha em alerta mesmo durante o sono.

— Você tem que encarar a realidade, Elizabeth. Eu e você estamos presos aqui e é melhor compreender isso. Facilitará as coisas para nós dois.

— É mesmo? — ela perguntou, irônica.

— Acredito que sim. E talvez não tenha percebido, mas sinto que logo seremos obrigados a sumir daqui também. Por enquanto, não atenda o telefone, não abra a porta e fique longe da janela, entendeu?

— Aonde você vai?

— Para a cama. E será bem-vinda se quiser se juntar a mim.

— Pare de me provocar.

— Estou falando sério.

Sam voltou para o quarto e Elizabeth afundou-se no sofá procurando não pensar em nada, imersa na escuridão.

Horas mais tarde, quando o relógio digital da sala marcava onze e quarenta e três da noite, foi que lhe ocorreu uma pergunta. Uma pergunta óbvia, ridiculamente óbvia. Erguendo-se do sofá, andou até a pilha de caixas e acendeu a luz. Não foi preciso muito tempo até que encontrasse entre as calcinhas de renda e as roupas diferentes que nem pareciam ter sido escolhidas para ela, estava o vestido vermelho.

Segurando-o entre os braços, correu para o quarto. Sam estava acordado, os braços cruzados sob a nuca. Os travesseiros estavam espalhados a sua volta, esperando por ela. Elizabeth ficou parada na porta, sempre agarrada ao vestido e perguntou num tom acusatório:

— Como você sabia que era vermelho?

CAPÍTULO X

Sam a fitou intensamente.

— Não sei do que está falando — mentiu, sem conseguir enganá-la.

Elizabeth entrou no quarto, aproximou-se da cama e jogou-lhe o vestido vermelho, de tal modo que sua saia farta se espalhasse sobre o torso de Sam.

— Você falou em vestido vermelho. Nunca tive um vestido vermelho!

— Mas agora tem. Talvez eu a estivesse imaginando já com ele.

— Não minta para mim! Este não é um vestido qualquer, que você tenha comprado por impulso.

— Ah, não? Por que não? — indagou com voz suave.

— Porque eu o vi e você sabe. Vi nós dois juntos, e estava com esse maldito vestido.

— Claro que viu; pelo que diz, consegue enxergar o futuro, não é?. Os espíritos do além devem ter lhe contado que eu ia comprar este modelo.

— Não.

— Não? Então, qual a sua explicação?

— É mais do que simples coincidência. — Decidida a esclarecer o caso, Elizabeth espalmou as mãos sobre o peito largo e musculoso, sentindo-o reagir imediatamente àquele toque. — Acho que você também é especial, Sam Oliver. Acho que também tem o poder de ver as coisas.

Ele segurou-lhe as mãos entre as suas, aquecendo-as com seu calor. Por um longo tempo, manteve-se calado, fitando-a. Elizabeth preparou-se para ouvir uma mentira, mas ele foi sincero.

— Talvez. Talvez eu tenha realmente uma sensibilidade mais aguçada que o normal, mas não vejo cenas completas como você vê.

— Idiota! — ela gritou, encolhendo as mãos e tentando afastar. — Hipócrita! Mentiroso! Todo este tempo me tratando como uma débil mental, uma paranóica, quando sabia perfeitamente tudo o que eu estava passando!

— Não é bem assim! — A raiva dela não o abalava. Muito calmo, tocou o vestido vermelho ainda jogado sobre seu colo e confessou: —

Não tenho os mesmos poderes que você. Isto é, se forem de fato como você diz. Só vejo flashes muito rápidos, não são visões propriamente ditas. Phil achava que era um tipo de sexto sentido muito desenvolvido, talvez seja mais do que isso. Infelizmente.

— E você não gosta de ser assim; despreza essa sensibilidade.

— Sim e não. Isso me ajuda, mas prefiro confiar no meu lado racional.

— Por isso vive dizendo que tudo não passa de bobagem e...

— Sim — ele repetiu, tocando o vestido.

Elizabeth manteve-se imóvel, consciente do que estava por acontecer, mas tentou ainda uma última escapada. Não conseguia ver um futuro para eles dois juntos e estava com medo.

Suspirando, caminhou até a porta, mas Sam a alcançou, aprisionando-a com suas mãos fortes; aprisionando seu corpo frágil e pressionando-a contra a porta; aprisionando seus lábios num beijo voluptuoso.

Elizabeth, imóvel, sentia-se como uma borboleta capturada. Não queria os beijos dele e tudo o que implicariam, temia a concretização do desejo que os consumia. Ninguém a beijara daquela forma; nem Alan, cujos beijos eram ternos e suaves. Nunca ninguém a aprisionara exigindo que retribuísse a um beijo. No entanto, era maravilhoso.

Procurando afastá-lo, pousou as mãos em seu peito mas, ao sentir-lhe a pele quente, o contorno rijo dos músculos, não resistiu. As mãos que antes o empurravam agora o puxavam para si. Pendendo a cabeça para um lado, ofereceu-lhe o pescoço num convite irresistível.

Sam ergueu o rosto e a fitou na escuridão do corredor, os olhos brilhantes de desejo.

— Vamos, beije-me! — exigiu, tornando a beijar-lhe a boca.

E ela o obedeceu sem vacilar, entreabrindo os lábios, lançando os braços em torno de seu pescoço.

Um simples beijo não deveria deixá-la tão atordoada, tão confusa, pensou. Só que o beijo de Sam não era um simples beijo: era completo, exigente, sedento e sua tentativa tímida de retribuí-lo só contribuía para aumentar o desejo de Sam. E o seu próprio, admitiu.

Quando ele se afastou, sentia-se zozona, como se flutuasse. As visões que tanto temia não a assaltaram — em seu íntimo só havia lugar para as sensações maravilhosas que Sam lhe despertava.

Excitada, puxou-o para si mas Sam afastou-se. O telefone começara a tocar.

Ofegante, ele o atendeu, com irritação:

— Alô.

Elizabeth continuou onde estava tentando recobrar as forças e teve pena do infeliz que telefonara naquela hora. Sam parecia descontar nele toda a frustração por terem sido interrompidos.

— Está brincando! Quando? Entendo. Qual a versão oficial? — E aguardou a resposta, atento. — E eles esperam que alguém acredite? Tudo bem, já sei. Mantenha-me informado. Está certo, não vou gritar mais com você. — Seu olhar cruzou com o de Elizabeth por um segundo. — Não, não vou fazer nada de importante.

Elizabeth sentiu um misto de alívio e desapontamento. Mas seus lábios ainda traziam a marca dos dele, sua pele ardia nos pontos onde ele tocara...

Depois de desligar o telefone, Sam acendeu a luz da sala.

— Você já comeu?

— Não.

— Vou preparar alguma coisa. Talvez uma pizza, ou um filé. Vai ser uma noite muito longa.

— Por quê? O que houve?

Ele parou bem à sua frente!

— Adivinhe.

Elizabeth fechou os olhos; em parte para não vê-lo e também para disfarçar a irritação.

— Como posso saber? Diga.

— O corpo de Shari Derringer foi encontrado.

Ele mesmo se surpreendia por ter lhe contado a verdade, já estava farto de mentir para Elizabeth. De mentir para próprio. Há muitos anos não revelava seu segredo a aliem e não saberia dizer por que a escolhera, entre tantas outras pessoas...

— Eu não como carne — ela anunciou, irritada, ao vê-lo tirar o filé da geladeira.

Sam vestira uma camisa; não porque sentisse frio mas por que ela lhe pedira para que o fizesse. Era muita tentação vê-lo circular ao seu redor com o torso nu. Ele, por sua vez, divertia-se em vê-la disfarçar a atração sentia, desviando o olhar para algo neutro, evitando encará-lo.

Elizabeth evitava principalmente olhar para seus lábios e Sam a compreendia. Constrangida, ela procurava agora fixar os olhos em seus pés descalços. Logo, logo ela tornaria a encará-lo olhos nos olhos mas, por enquanto, era melhor não insistir.

— Mas vai comer — garantiu, decidido. — E vai gostar. Você está magra demais e precisará de muita energia próximos dias.

— Sou vegetariana há dois anos — explicou olhando sobre o ombro dele.

— Há dois anos que é uma eremita neurótica, isso sim. Mas, agora, sua vida mudou, mocinha. Bem-vinda à realidade. Passado ou ao ponto?

— Nenhum dos dois.

— Recuso-me a fazer um filé bem passado no meu apartamento — declarou, pondo-o na grelha.

— Não vou comer carne. Prefiro o macarrão integral.

— Você deve ser do tipo que gosta de pizza de brócolos — Sam comentou num tom engraçado.

— Deve ser uma delícia.

Ele ficou satisfeito ao vê-la sorrir. Aquele era o segundo sorriso realmente espontâneo que Elizabeth lhe dirigia. Mas outros viriam.

— Você não vai me contar mais nada sobre o telefonema?

— Durante o jantar, enquanto estiver comendo seu filé.

Elizabeth não discutiu. Olhando atrás da porta, descobriu uma mesa dobrável e montou-a na sala, pondo-a para o jantar. Instantes depois, Sam trazia os filés — um para cada um — e uma lata de cerveja.

Calada, ela olhou para a carne durante algum tempo enquanto Sam, sentado do lado oposto da mesa, a observava:

— Por acaso acha um crime matar animais?

— Não. Eles se matam uns aos outros para comer a carne.

— Então, não gosta do sabor.

— Já apreciei o gosto, tempos atrás, e o cheiro está ótimo, mas não sinto vontade de comer. Aliás, há muito tempo que não sinto fome...

— Pois acho que isso não é bom para você... — E, cortando um pedaço, espetou-o no garfo e ofereceu a ela, com carinho. — Vamos, Eva, dê só uma mordidinha. Já é hora de sair do Jardim do Éden.

Elizabeth o fitou, afinal, e Sam arrependeu-se da brincadeira que fizera ao ver sua expressão de tristeza e cansaço. Então, sem alternativa, ela aceitou o pedaço.

Sam passou a saborear o filé e beber a cerveja preta de sua marca favorita. Enquanto comiam, pensou que talvez fosse um erro trazê-la de volta à cruel realidade do mundo.

A expressão tristonha de seus olhos poderia nunca mais desaparecer, o que o deixaria sinceramente arrependido. Talvez Elizabeth se apaixonasse por ele, o que complicaria a situação. Apesar de tudo o que lhe contara, não acreditava mais no amor, nem estava disposto a amar mais ninguém, porém, era exatamente daquilo que Elizabeth Hardy precisava, a crença no amor, em finais felizes, na possibilidade uma vida ativa e alegre. E de um pouco de fantasia também. Enfim: tudo o que ele não podia lhe dar. E quem era ele, afinal, para interferir daquela forma na vida dela? Nunca se portara como um príncipe encantado pronto a despertar uma donzela, ainda mais uma donzela tão sensível. Deveria deixá-la adormecida, as emoções encerradas no peito até que alguém mais adequado a despertasse. Alguém mais carinhoso e suave que pudesse compreendê-la, respeitá-la e... amá-la. Ele não seria capaz. No entanto, não podia deixá-la só. Se a deixasse, Elizabeth morreria. Era uma obrigação que devia à memória de Phil.

Portanto, estavam irremediavelmente unidos pelo destino e, mesmo sabendo que deveria manter-se longe dela, algo lhe dizia que em menos de quarenta e oito horas fariam amor.

— E então? — ela quis saber, já na metade do filé. — Não vai me contar?

— O corpo de Shari Derringer foi encontrado numa pedreira na Virgínia. Ela foi violentada e degolada como as outras vítimas do Colorado. Os legistas acham que foi há nove ou dez dias.

Elizabeth cruzou os talheres e ele não a culpou por ter perdido o apetite.

— Mary Nelson desapareceu há dez dias.

— O corpo de Shari já estava em decomposição mas o pai dela o reconheceu e a arcada dentária coincide. Pelo menos, é o que estão dizendo...

Ela arregalou os olhos e Sam indagou-se onde Elizabeth teria deixado os óculos de aro de metal que, na sua opinião, só serviam de barreira entre ela e o mundo.

— Então, é ela mesma.

— A menos que o secretário de Estado e o FBI estejam mentindo.

— Isso seria possível?

Ele deu de ombros, tomando mais um gole de cerveja.

— O que você acha?

— Não sei; pensei que você soubesse.

Sam esvaziou metade da lata pousando-a com força sobre a mesinha.

— Desacreditar do meu próprio governo, para quem trabalho há tantos anos? — ironizou. — Acha que eu poderia ser tão cínico?

— Acho.

Ambos riram com sinceridade.

— Engraçado. Quando Shari desapareceu, trajava um conjunto de linho branco. É claro que estava quase irreconhecível quando a encontraram, mas era o mesmo conjunto. Mas há um detalhe que me deixou pasmo, sabe...

Sam não precisou dizer do que se tratava.

— Está brincando? Não vai me dizer que...

— É exatamente o que pensou: Shari estava usando só um pé de sapato vermelho. E ninguém conseguiu encontrar o outro.

— Droga!

— Estão espalhando que ela foi vítima de um assassino qualquer, claro; que seu corpo devia estar na pedreira há dias.

— O assassino podia ter guardado o sapato como... lembrança. Isto é, se eu estiver enganada, pode ser que tudo não passe de um mal-entendido e haja de fato um assassino à solta fazendo vítimas em várias partes do país.

— Não acredito nisso. Você viu o carro da Spandau em seu transe, viu o sapato vermelho... agora encontram o corpo de Shari e... ela usa apenas um pé de sapato vermelho!

Elizabeth bebeu mais um pouco de cerveja.

— É, seria coincidência demais, eu concordo. O caso Mary Nelson e o Shari Derringer estão ligados, não há dúvida...

— Isso sem falar na grande semelhança física entre as duas.

Ela balançou a cabeça:

— Não sei onde vai dar toda essa história, Sam, mas parece tudo tão terrível! Não gosto nada disso e... — Depois de esvaziar o copo, olhou-o admirada: — Também não gosto de cerveja!

Sam recostou-se na cadeira e sorriu:

— É, você já não é mais a mesma: comeu carne e gostou; tomou um copo inteiro de cerveja sem reclamar, retribuiu os meus beijos. Logo, logo vai querer vestir o vestido vermelho e sabe-se lá como tudo irá terminar.

— Você sabe muito bem como vai terminar, por isso nada no mundo me fará vesti-lo. Pode devolvê-lo à loja. E as roupas que comprou são muito pequenas para mim. Uso tamanho quarenta e não trinta e oito.

— Sou um homem experiente e, acredite, pode ser que use tamanho quarenta mas seu corpo é tamanho trinta e oito. Suas roupas são muito largas.

— Confortáveis, eu diria. Além disso, que lhe importa saber qual o meu manequim?

Ele sorriu de modo malicioso e engoliu a resposta. Elizabeth ainda não havia se recuperado das experiências trágicas dos últimos dias, e não queria atormentá-la ou chateá-la fazendo brincadeiras provocantes demais.

— E agora? O que vai acontecer? — ela perguntou, curiosa.

— Amanhã, irei trabalhar normalmente e ficarei a par da versão oficial do caso, depois verei o que posso descobrir. Tenho amigos influentes que confiam em mim, por incrível que lhe pareça.

— De modo algum. Phil era seu amigo e acreditava em você. E olhe que não era homem de confiar em qualquer um.

— Então, quer dizer que sou digno de confiança.

— Não foi o que falei.

— Ou um amigo valioso?

— Talvez. Você se julga meu amigo?

Embora já não acreditasse no amor nem em Deus, a amizade era algo que Sam realmente prezava. Se a julgasse sua amiga, jamais lhe trairia a confiança. Nem a levaria para a cama se soubesse que a magoaria. No entanto, tinha certeza de que, cedo ou tarde, fariam amor.

Enquanto meditava, Elizabeth esperava pela resposta. Uma simples resposta.

— Claro — Sam afirmou sem convencê-la. — Não sou seu inimigo — disse, reelaborando a resposta, aproximando-se o máximo possível da verdade.

Porém, ao contrário do que imaginara, Elizabeth não se chateara.

— Agradeço-lhe por não ter mentido — disse simplesmente, o que foi suficiente para fazê-lo sentir-se um verdadeiro monstro. Que estava querendo dela, afinal? Sam sentia que ainda faria essa pergunta a si mesmo mil vezes, antes de chegar à resposta certa.

— Onde prefere dormir? — perguntou, então, mudando de assunto. — a cama é bem grande e não costumo me mexer muito durante o sono. Caso contrário, jamais teria conseguido dormir naquele seu sofá.

— Acho que, por uma questão de justiça, vou preferir o sofá.

— Olhe, você estará a salvo comigo na cama desde que não use o vestido vermelho — brincou.

— Ah, é? É só o vermelho que o excita?

— Quer que eu lhe prove o contrário? — provocou, entrando no espírito da brincadeira.

— Não, não. Não é preciso.

Sam gostaria que fossem de uma vez para a cama e esclarecessem logo aquela situação. Talvez só assim conseguisse tirá-la do pensamento e preocupar-se com Shari Derringer ou Mary Nelson; em descobrir por que o pai de Shari queria que todos acreditassem que ela estava morta.

Mas aquela era uma desculpa muito simplista. Havia um milhão de razões para querer tocá-la, para desejar fazer amor com ela até deixá-la exausta, até descobrir-lhe todos os segredos. Um milhão de razões para fazê-lo e apenas uma para não concretizar seu desejo — tinha medo de se apegar. Talvez, de se apaixonar por Elizabeth.

— Pode ficar com os travesseiros — afirmou, disfarçando a excitação com um bocejo. — Acha que vai conseguir pegar no sono?

— Claro.

— Ótimo. Mas faça-me um favor: não sonhe.

Viajar de primeira classe era bem diferente: as aeromoças tratavam Mohamed por sr. O'Donnel, que na verdade era um nome falso, mas mesmo assim ele se sentia respeitado.

— Mais alguma coisa, sr. O'Donnel? — a aeromoça perguntou.

— Não, obrigado — agradeceu Mohamed Ali Reza, satisfeito. — Acho que vou dormir um pouco.

Recostando-se no banco, fechou os olhos, feliz por estar rumando para um clima mais ameno e por ter deixado aquele... monte de problemas para trás. Não que não pudesse liquidado o caso de Oliver e da garota sozinho, mas toda vez que se envolvia demais numa missão preferia se

retirar de cena em alguns momentos. Mandar Kempton para Washington em seu lugar demonstrava apenas que era um homem superior, que não se deixava atingir por tais banalidades.

Ao se mexer, sentiu o cano da arma que trazia sob o braço apertá-lo as costelas. Preferia ter trazido sua faca, mas só estava acostumado a um tipo especial, feito de aço. A que trazia sob o braço era de material plástico e não causava problemas com o detector de metais do aeroporto. Não que pretendesse usá-la. Seu maior desejo era voltar para a casa azul às margens do rio Benedetto e aproveitar o calor. No entanto, jamais andava desarmado.

Enquanto descansasse, esperaria com ansiedade pelo relatório de Kempton e então a Spandau Corporation poderia completar seu trabalho, sem se importar com os joguinhos imbecis do governo americano. E jamais torna-a pôr os pés num lugar tão gelado como o Colorado.

— Pretende ficar muitos dias em Veneza? — perguntou a aeromoça, muito solícita.

— Não muitos — afirmou, imitando com perfeição o sotaque irlandês. — Vou passar umas semanas com minha namorada.

— Espero que se divirta, senhor...

CAPÍTULO XI

Quando Elizabeth acordou pela manhã, a luz amena do sol começava a se infiltrar pela persiana e Sam já havia saído. O sofá, apesar de confortável, não era dos melhores e a fez levantar-se com o corpo todo dolorido. O fato de estar presa dentro de casa, incomunicável, também a deixava irritada, e a isso somaram-se os protestos incessantes do estômago vazio.

Elizabeth preparou um café bem forte. Depois de comer uma tortinha de maçã e algumas nozes, lavou a louça e foi para o banheiro.

No armário sobre a pia, encontrou um pote de creme hidratante de uma linha de produtos femininos, provavelmente de alguma ex-amante de Sam. Sem se importar com isso, aproveitou para tomar um banho bem quente, e depois espalhou um pouco de creme sobre todo o corpo.

Sem opção, foi obrigada a usar a lingerie de renda que ele lhe comprara, pois recebera ordens expressas de nem sequer tentar achar a lavanderia do prédio. E, como não quisesse deixar suas peças íntimas torcidas penduradas na torneira do chuveiro, não teve escolha. Além do que Sam não ia mesmo vê-la usando aquele sutiã e as calcinhas de renda. Ou ia?

Ele tinha razão: o tamanho trinta e oito lhe ficava muito melhor. Ao ver o vestido vermelho pendurado na guarda da cadeira do quarto, Elizabeth evitou até tocá-lo e preferiu vestir o jeans e o blusão de moletom que ele lhe trouxera. Pelo menos estes faziam o seu estilo. Só que a calça era diferente das suas: em brim stone-washed supermacio, tinha um corte impecável, era mais justa e mais feminina. O blusão, em vez dos tons neutros a que estava acostumada, era de um rosa forte que tornava sua pele mais rosada e os olhos mais vivos.

Aborrecida por não ter muito o que fazer, serviu-se de uma porção de sorvete e foi para a sala, pensando em ouvir um pouco de música. Porém, ao ver os controles muito sofisticados do aparelho de som, preferiu ligar a televisão, já conformada em ter que se contentar com programas infantis da manhã.

Porém, ao mudar de um canal para outro, encontrou uma estação com um excelente programa com clips dos mais famosos astros de rock.

O ritmo eletrizante das músicas logo a contagiou e Elizabeth começou a dançar na frente da tevê, o som a todo volume. Era talvez uma das primeiras vezes que dançava na vida. Os tios que a tinham criado, extremamente severos, consideravam este tipo de prazer pecaminoso e na casa da vovó Mellon não havia sequer instalação elétrica. Na época em que namorava Alan, era tímida demais para dançar sozinha, e as músicas mais lentas não a agradavam.

Mas, hoje, era diferente. A porta estava trancada e só Sam tinha a chave. As janelas estavam hermeticamente fechadas e, se houvesse microfones de escuta espalhados pelo apartamento, só captariam o som altíssimo da televisão.

Na hora do almoço, cozinhou umas salsichas, abriu um pacote de batatas fritas e tomou uma lata de cerveja. Depois, voltou para a televisão para ensaiar mais uns passos de dança. Quando Sam chegou do trabalho com um pacote de comida chinesa nas mãos, encontrou-a exausta, mas bem mais alegre e descontraída que o seu normal.

Tendo deixado o pacote sobre o balcão da cozinha, Sam entrou no quarto e fechou a porta com força atrás de si, deixando-a de fora. Minutos depois, aparecia vestindo uma calça jeans e um blusão preto, desbotado, com o emblema da Universidade de Princeton. O que era novidade para ela — Sam não lhe parecia ser do tipo que tivesse cursado Princeton.

— Oi — disse ele, dirigindo-lhe a palavra pela primeira vez desde que chegara.

— Oi. O dia foi tão mau assim? — Elizabeth indagou, imaginando se deveria ser gentil e ir lhe preparar um drinque, mas sem querer se mostrar à vontade demais ali, na casa dele.

— Pior do que imagina. — Sam resolveu o dilema dela indo pessoalmente preparar um uísque. — Quer um?

Elizabeth agradeceu e recusou.

— Alguma novidade?

— Muitas informações, mas nenhuma novidade. — De repente, reparou-lhe nas faces rosadas e nos cabelos soltos. — Por que está usando óculos?

— Porque preciso.

— Mas passou o dia todo sem eles ontem. Vamos, tire-os.

— Não seja ridículo...

Mas Sam já os havia tirado e os experimentava para ver se eram mesmo fortes.

— São muito fracos, quase sem grau.

Elizabeth tentou arrancá-los de suas mãos mas Sam era mais alto e os ergueu a uma altura que ela não alcançava.

— Devolva-os, Sam.

— De jeito nenhum — ele afirmou e, sem mais uma palavra, guardou-os no bolso da camiseta.

Irritada, Elizabeth respirou fundo e pensou em tentar tomar-lhe os óculos, mas conteve-se. Sam era maior e muito mais forte e, na certa, só faria papel de tola tentando enfrentá-lo. Porém, não achava graça nenhuma na atitude dele.

Recuperando a calma, deu um passo para trás.

— Só porque teve um mau dia não significa que tenha o direito de me infernizar.

Sam devolveu-lhe os óculos e, por um segundo, ela pensou ter visto uma expressão de arrependimento em seus olhos azuis.

— Eu devolvo. Mas, por favor, não os use. Fica muito melhor sem eles — disse, em tom neutro. — Como foi seu dia?

— Ótimo. Dancei o tempo todo — Elizabeth respondeu, colocando os óculos sobre a mesa.

Sam achou graça quando a ouviu dizer que estivera dançando e pensou que fosse brincadeira.

— Assistiu o noticiário?

— Só algumas partes.

— Não sei como conseguiu, depois do noticiário, sentir-se assim tão alegre. — Sam foi para a cozinha e Elizabeth o seguiu.

Ele abriu uma das vasilhas de comida chinesa, e Elizabeth, a outra.

— Normalmente, sou muito mais alegre do que você... — ela observou.

— O que não é vantagem nenhuma.

— Tem razão. Não formamos um casal muito feliz, não acha? — indagou, desembrulhando os palitinhos chineses e colocando para trás da orelha uma mecha dos cabelos castanhos.

— Eu nem sabia que formávamos um casal.

Elizabeth sentiu as faces arderem enrubescidas. Encabulada, baixou o rosto concentrando-se na porção de peixe agri-doce.

— Uma dupla, se preferir.

Mas Sam, imerso nos próprios problemas, nem a ouviu.

— Droga! — exclamou, batendo o prato no balcão. — Não consegui descobrir nada. Todos parecem concordar entre si e só me contam essa versão oficial mentirosa.

— E você? — ela perguntou, começando a saborear o jantar.

— Fiz que acreditei. Sei jogar o jogo deles. Agi como se não discordasse de nada; só assim poderei descobrir o que de fato aconteceu. Mas o pior de tudo é que há um cara do FBI nos perturbando. A mim, em particular.

— FBI?

— É. Normalmente eles não se dão muito bem com o pessoal da Inteligência do Exército e este agente que eles mandaram agora parece desconfiar de mim por algum motivo. O sujeito está fazendo tudo para me complicar a vida.

— Por quê?

— Eles sabem que estive no Colorado. Estão encobrindo o motivo da morte de Phil, do mesmo modo como fazem mistério sobre o caso de Shari Derringer, mas estão tentando descobrir tudo o que eu sei.

— E por que não chegam e simplesmente perguntam?

— Porque sabem que eu não responderia — afirmou, bebendo um bom gole de uísque. — Não até descobrir o que está acontecendo de verdade; não até ter certeza de que eu e você não seríamos sacrificados em prol de uma causa maior, por exemplo.

— Sam, o governo americano não sai por aí matando cidadãos inocentes. Pelo menos eu não acredito nisso...

Ele não respondeu, não disse uma palavra, e seu silêncio foi mais significativo que qualquer explicação.

— Não importa; não acredito no que diz. Se corremos perigo é por causa de alguma organização internacional que possa ter se infiltrado no governo.

— Pode ser — Sam concordou, lavando o copo. — Para ser franco, não tenho certeza de mais nada, e acho que o único modo de sobrevivermos é levar em conta todas as possibilidades.

— Quem sabe esse tal agente do FBI seja um agente estrangeiro — ela sugeriu tentando aliviar a tensão.

— As coisas podem não ser tão fáceis e óbvias quanto imagina. Na maioria das vezes, o inimigo é quem menos se espera. Os bons sujeitos quase sempre são os piores. Não sei se podemos confiar nem mesmo no secretário Derringer. E se ele tivesse algum bom motivo para matar a filha, ou "tirá-la de cena"? Ele mesmo pode ter participado de toda a trama... ou pode ter preferido reconhecê-la como morta para evitar um escândalo maior...

Antes que Elizabeth percebesse o que ele tencionava fazer, Sam tirou-lhe o prato da frente, pondo-o fora de seu alcance. Ela pensou em brigar, exigir o prato de volta para que acabasse de jantar, mas desistiu. Sabia que toda aquela situação já o estava deixando desesperado.

— Faça-me o favor, sim? Toque-me.

Ela se levantou, nervosa, e se recostou no balcão.

— O quê?

— Ponha suas mãos em mim, Elizabeth. Feche os olhos e pense em Shari Derringer.

— Por quê?

— Quero saber se o corpo que eles identificaram com tanta certeza era mesmo o dela.

— Mas o que o faz pensar que eu possa encontrar uma resposta?

Sam segurou-lhe as mãos delicadas e pousou-as em seus ombros.

— Você sabe tanto quanto eu que suas visões se tornam mais nítidas, seus poderes aumentam quando me toca. Vejamos se conseguimos fazê-los trabalhar a seu favor e não contra você. Pense em Shari. — E a fez sentar-se novamente, agachando-se a sua frente.

Elizabeth pensou em fugir, mas conteve-se. Preferiu acomodar-se melhor no banquinho e afastar as pernas para que Sam pudesse chegar mais perto.

Com as mãos apoiadas em seus ombros, fechou os olhos e procurou se concentrar na figura de Shari Derringer. Vira uma das fotos dela nas colunas sociais, e também nos noticiários da televisão, enquanto esperava pela previsão do tempo. Tentou fixar-se em seu rosto perfeito de pele clara, mas só a imagem de Mary Nelson lhe surgia.

Então, começou o frio. Aquela sensação estranha que lhe gelava o sangue nas veias, fazendo-a tremer ao sentir a proximidade da morte. Inconscientemente segurou com mais força os ombros de Sam, como se ele fosse a única presença sólida e concreta no mundo. E deixou que a

onda fria a congelasse. Tremia tanto que chegou a pensar que aquela capa de gelo se despedaçasse, mas não; era grossa demais, impedindo-a de abrir os olhos e olhar para Sam. Mas imaginava se ele também estaria envolto pela tal capa.

— Shari Derringer.

A voz dele soou distante e Elizabeth, concentrando-se, conseguiu focalizar o rosto alegre e jovial de Shari: os olhos azuis muito brilhantes, a boca vermelha curvada num sorriso, os cabelos loiros soltos pelas costas nuas.

Mas, de repente, o rosto começou a se transformar, ficando pálido, sem vida. Os olhos tornaram-se acinzentados, cheios de medo, a boca se abriu num grito terrível. Porém, não se tratava mais do rosto de Shari, e sim do de Mary Nelson — uma inocente dona de casa de Golden, Colorado. Era Mary Nelson quem tinha morrido, cujo corpo fora identificado por um pai mentiroso e um grupo de autoridades. Era ela quem estava vestida com o conjunto branco e um único pé de sapato vermelho.

Elizabeth sentiu as mãos dele deslizarem por seus braços para apoiá-la. Exausta e sem forças, se apoiou nele sem hesitar. Com uma delicadeza surpreendente, Sam a ergueu nos braços e carregou-a para a cama.

Deitada, os olhos abertos, braços ao longo do corpo, procurou focalizar apenas o teto branco, as sombras vindas do banheiro, pensar somente nos programas musicais que vira, mas a imagem de Mary Nelson continuava viva em sua lembrança.

Ao sentir o colchão ceder ao seu lado, nem se preocupou em olhar. Uma toalha úmida foi posta sobre sua testa, cobrindo-lhe os olhos, mas nem assim a imagem de Mary se desfez. Elizabeth permaneceu imóvel. Algum tempo depois — horas ou minutos, não saberia dizer ao certo — sentou-se, deixando que a toalha lhe caísse no colo. Sam estava sentado de pernas cruzadas entre os lençóis desalinhados, observando-a com incrível paciência.

— E então? — ele quis saber, tentando segurar-lhe a mão.

— Não me toque — Elizabeth pediu. — Pelo menos por enquanto.

Aos poucos sua respiração voltou ao normal, o frio foi passando.

— É Mary Nelson, não é? — ele insistiu, ansioso. — Não é de Shari Derringer o corpo que está no Serviço Médico Legal, é?

Ela limitou-se a balançar a cabeça numa afirmativa.

— Você também viu?

— Não exatamente. Foram só flashes; porém, bem mais do que consigo ver normalmente. A pergunta é: onde está Shari? O que aconteceu com ela?

— Ela está sorrindo em algum lugar — Elizabeth garantiu segurando a toalha nas mãos. — Esperando.

— Esperando o quê?

— Não sei, nem quero saber.

— Ouça: estamos envolvidos nisso até o pescoço e nossa única arma é o conhecimento, são as informações que você consegue. Não sabemos em quem podemos confiar.

— Não há ninguém de confiança?

— Muito poucos, já lhe disse. Pessoas como Phil, com quem trabalhei durante anos, mas tenho que tomar cuidado com as perguntas. Aliás, todo cuidado será pouco.

— Por que Derringer iria mentir sobre a morte da própria filha? E a mãe dela?

— Eles são divorciados. Foi um divórcio muito complicado e a mãe saiu do país há muito tempo. Não voltou nem agora, para reconhecer a filha.

— Mas e quando Shari aparecer? O que eles vão dizer?

— Não sei, mas desconfio que esta moça esteja ligada a algo muito escuso, algo que o pai talvez prefira ocultar.

— Por que pensa assim?

— Não sou só eu. Muitas pessoas sabem que Shari arranjou muitos amigos um tanto suspeitos nos últimos anos, e adquiriu péssimos hábitos. Parece ter se envolvido, inclusive, com drogas pesadas. Além do mais, você disse que ela está sorrindo.

— Posso ter me enganado. Talvez ela nem saiba de Mary Nelson e tenha apenas decidido fugir com um amante.

— E você acredita nesta história?

— Não — reconheceu.

— Amanhã não irei trabalhar. Vou me encontrar com uns velhos amigos e ver se me mantenho longe do agente que está liderando a investigação — o tal de Kempton. Não o quero atrás de mim.

— Pelo menos ele é inofensivo.

— Espero que seja, mas não estou certo de nada. Agora, trate de dormir. Você está pálida como um fantasma.

— Puxa, que gentileza! Acorde-me quando quiser vir dormir e eu irei para o sofá — pediu, fechando os olhos para se livrar da claridade que, apesar de tênue, a incomodava.

— Claro — ele afirmou, apagando a luz e saindo. Mas Elizabeth sabia que não a acordaria.

CAPÍTULO XII

Ao despertar, Elizabeth não fazia idéia de que horas eram. Apesar de Sam garantir o contrário, ela precisava de óculos para enxergar de longe e esquecera-os na mesa da sala. A distância, não conseguia distinguir os números do relógio digital.

Devia ser mais de meia-noite e Elizabeth tinha aquela sensação estranha que sempre a invadia depois das visões. No entanto, desta vez, a sensação era diferente. Provavelmente porque as visões também haviam sido diferentes, mais rápidas, concluiu, os olhos fixos no teto. E talvez por este motivo tivessem lhe consumido tanta energia.

Nem deveria ter acordado. Exausta como ficara, deveria ter dormido diversas horas, para recuperar as energias. No entanto, mesmo tendo dormido pouco, suas forças pareciam estar voltando lentamente. As forças e o interesse pela vida. Sentia o sangue correr com mais força nas veias e até o estômago roncava de fome. Imóvel na cama, indagava-se se haveria sobrado comida chinesa do jantar, se ainda teria uma lata de cerveja na geladeira, se o vestido vermelho lhe serviria tão bem quanto a lingerie que ele lhe comprara.

Foi preciso uns segundos até perceber que ainda estava usando o conjunto de renda: o biquíni e o sutiã cor de pêssego realçavam-lhe o corpo bem-feito, apesar de um pouco magro.

E não era só: aquele murmúrio surdo que ouvia não eram as vozes do além; era a respiração de Sam ali ao seu lado. Ele a despira, sem acordá-la, e a cobrira com a manta azul e rosa. Vagarosamente, virou a cabeça para fitá-lo. De olhos fechados, dormia tranquilo, a respiração profunda e constante. E, por sorte, não estava nu. Usava uma camiseta branca e cueca escura. Durante o sono, Elizabeth puxara todo o lençol para si deixando-o sem coberta nenhuma. Um misto de lassidão e curiosidade a fez permanecer ali, parada, observando-o.

Sabia que as pernas de Sam eram longas, mas não tão longas quanto as que via agora. Longas, musculosas e... muito sensuais. Os pés eram grandes e estreitos. Casualmente, deslizou os olhos por todo o corpo dele, sem se deter em lugar algum, deleitando-se com a beleza da figura masculina. Nunca tinha tido a chance de observar um corpo de homem daquela forma, e achou a experiência fascinante.

A camiseta folgada havia subido expondo-lhe o abdômen coberto por uma camada espessa de pêlos escuros que escasseavam da cintura para baixo. O peito, como já vira antes, também era peludo e musculoso, dando-lhe uma beleza selvagem e muito viril.

Elizabeth nunca dormira com um homem; nem assim como agora, apenas para dividir o mesmo leito. Alan a entendia e nunca a forçara a nada, nem lhe impusera uma situação que sabia que a amedrontaria.

Mas, com Sam, ia ser diferente. Tão logo achasse oportuno, tentaria fazer amor com ela. E ela já tinha dentro de si uma estranha certeza: o receberia de coração aberto.

Porém, caindo em si, reconheceu que não havia amor no relacionamento que os unia. Não havia lugar para o amor em sua vida e, pelo visto, nem na de Sam, um homem complicado, duro e extremamente prático.

Será que aquela pele era tão macia quanto parecia?, indagou-se, sentindo um desejo crescente por ele. Será que se o tocasse as visões voltariam? Tornaria a ver o rosto pálido e sem vida de Mary Nelson? Ou pior, será que Shari Derringer lhe sorriria?

Sam continuou respirando profunda e lentamente e Elizabeth concluiu que ele era muito mais bonito que qualquer outro homem que já vira antes, mesmo os artistas de cinema.

Sem se reprimir, deslizou uma das mãos sobre o colchão na direção dele e tocou-lhe o ventre bem de leve.

Os pelinhos eram macios, e a pele abaixo, rija e quente. Nenhuma visão horripilante assaltou-a, nenhuma visão erótica surgiu-lhe...

A mão forte e rápida como uma serpente segurou-lhe o punho. Elizabeth, encabuladíssima, o fitou.

— Então, você estava acordado — disse, sentindo-se uma tola.

Seus dedos continuavam a tocá-lo e Sam segurava-lhe o pulso com menos força, sem intenção de machucá-la ou puni-la. Porém, mesmo que tentasse, ela não conseguiria soltar-se.

Sua mão estava perigosamente próxima do elástico da cueca; era só esticar os dedos e tocá-lo, mas Elizabeth não se mexeu, esperando que ele tomasse a iniciativa.

— Há uma frase de uma música que diz — ele murmurou num tom rouco e sensual, na escuridão do quarto:— "Se você não me quer, não me atormente com carinhos..."

E soltou-a, à espera.

Percebendo que o excitara com seu toque, ela encolheu depressa a mão, como se aquele contato a queimasse. Intimamente, seu coração exultava e batia acelerado.

Sam gemeu, frustrado, e virou de bruços.

— Durma, Elizabeth...

Mas ela não tinha sono. Seu desejo era aproximar-se dele e abraçá-lo. Pressionar o rosto naquelas costas largas, sentir o corpo dele sobre o seu, protegendo-a contra o resto do mundo.

Assustada, puxou o lençol até o pescoço, sem se oferecer para dividi-lo com Sam. Jamais o tocara de novo, jurou a si mesma sabendo que mentia. Aliás, deveria até levantar-se e ir dormir no sofá, mas não o faria. Sam dificultava-lhe uma aproximação, aguardando que tomasse a iniciativa. Pois que esperasse. Conhecendo-o bem, sabia que sua paciência não era de ferro e, se a desejasse, teria que dar o primeiro passo.

Como já esperava, começou a sonhar assim que pegou no sono, mas felizmente não sonhou com a morte e cenas de sangue — eram cenas de sexo. Sonhou com as mãos de Sam deslizando por sua pele, despertando desejos que a torturavam. Sonhou com suas pernas fortes enroscadas nas dela; seu ventre comprimindo-lhe o corpo contra o colchão. O desejo crescia em seu íntimo, escapando-lhe ao controle, e Elizabeth finalmente acordou, banhada de suor. Sam não estava mais ao seu lado.

Já passava das dez da manhã. Ele já havia saído. Após tomar uma xícara de café, Elizabeth comeu um sanduíche. O telefone tocou várias vezes mas ela obedeceu às ordens de Sam para não atendê-lo. Só que, desta forma, ele não teria como entrar em contato com ela caso precisasse. E se fosse um acidente? Já se aborrecia por cumprir ordens sem reclamar.

Aquela manhã, nem se preocupou em trançar os cabelos, deixando-os soltos, sem se importar com o fato de que logo embaraçariam. Aliás, tão logo se livrasse daquele caso, a primeira coisa que faria seria cortar os cabelos. Sentia-se como uma crisálida transformada em borboleta e queria livrar-se de todos os pesos inúteis que carregava — no físico e na consciência.

Um pouco antes das três horas da tarde, alguém bateu na porta. Elizabeth, que decidira se distrair assistindo a um filme de televisão, pulou de susto. E, numa reação natural, já caminhava para a porta quando lembrou-se das ordens que recebera.

Petrificada, deteve-se no meio da sala. Infelizmente, por causa do volume alto da televisão, o visitante logo saberia que havia alguém em casa.

Logo ouviu mais uma batida, rápida e insistente.

— Srta. Hardy? — uma voz chamou através da porta de madeira e metal.

Era uma voz suave com um ligeiro sotaque sulista e Elizabeth ficou mais calma. Afinal, ninguém saberia que ela estava ali a menos que Sam houvesse contado, portanto devia ser uma pessoa de confiança.

Mesmo assim, manteve-se calada, aguardando. Seu senso de autopreservação era aguçadíssimo e a prevenia contra atitudes precipitadas.

— Srta. Hardy — tornou a voz masculina. — Elizabeth, preciso falar com Sam. Sei que ele não está em casa mas ficou de me encontrar aqui às três. Disse que você me deixaria entrar.

Sam repetira várias vezes para que não deixasse ninguém entrar, e certamente não marcaria encontro com um amigo ali, não sem antes avisá-la. Por outro lado, talvez se tratasse de algum assunto particular que ele preferisse discutir num lugar onde houvesse privacidade, e talvez tivesse tentado lhe telefonar avisando, mas Elizabeth não atendera o telefone.

— Ouça, Elizabeth, não teria vindo até aqui se já não o tivesse combinado com Sam. Só quero entrar para esperá-lo. É perigoso para mim esperar aqui fora no corredor. Ele me disse que lhe pedisse para entrar. Eu lhe peço em nome da memória de Phil.

O nome de Phil tocou-a. Sam certamente sabia do efeito que tal menção teria sobre ela e não poderia ter escolhido uma senha melhor para o amigo.

Insegura e temerosa, destrancou a porta, mas teve o bom senso de conservar a corrente. O homem do outro lado era baixo, gordo e com pouco cabelo.

— Quem é você?

— Um dos colegas de trabalho de Sam. Ele resolveu confiar em mim, mesmo a contragosto. Aqui está minha credencial. — E esticou o

braço mostrando uma carteira com o distintivo oficial e uma foto. Era o agente do FBI, pensou Elizabeth.

— Tudo bem, sr. Kempton. Acredito no que diz, mas não quero deixá-lo entrar. Por que não desce e espera no carro? Já são quase três horas e o senhor verá quando Sam chegar.

— Moça — ele respondeu, já um tanto irritado —, se acha que Sam vai chegar normalmente pela porta da frente, caminhando pela calçada, está enganada. Várias pessoas estão vigiando o prédio e eu mesmo não entrei pela entrada da frente. Nem pretendo ficar sentado no carro para servir de alvo para um bando de lunáticos. Deixe-me entrar ou será responsável pelo que possa me acontecer.

Lembrando-se da morte de Phil, Elizabeth puxou a corrente e o deixou entrar.

— Srta. Hardy, não é fácil convencê-la, não? Poderia me servir um café?

. Elizabeth não imaginara que um agente do FBI pudesse parecer tão inofensivo. Ele era mais baixo do que ela, mais gordo e suas mãos rosadas lhe pareciam incapazes de segurar uma arma.

— S-sim — disse, tentando disfarçar a preocupação. Sam a aconselhara a não deixar ninguém entrar e ela o desobedecera. E o pior: justo com Kempton, um sujeito com quem Sam não simpatizava. Sua esperança era que ele não estivesse mentindo.

Por outro lado, não acreditava que o sr. Kempton pudesse lhe fazer algum mal. Talvez tentasse apenas extrair-lhe umas informações, e não havia muito o que lhe dizer, exceto pelo que via em sonhos.

Da cozinha, enquanto preparava duas xícaras de café solúvel, viu-o perambular pela sala sem tocar em nada.

— Obrigado — ele agradeceu ao ser servido. — Está gostando mais de Washington do que do Colorado?

— Mais ou menos... — respondeu, sem saber o que dizer.

— É uma cidadezinha ótima. Isto é, para quem gosta de política. — Depois de provar o café, elogiou-o: — Do jeito que eu gosto. Como adivinhou?

Ela sorriu e um medo estranho cresceu em seu íntimo.

— Devo ser adivinha — brincou.

— Conhece Sam há muito tempo? — ele perguntou num tom casual indo olhar pela janela. Atenta, viu-o espiar por entre as lâminas,

afastando-as com os dedos. Fez isso três vezes. Elizabeth arrepiou-se, sentindo um frio repentino.

— O aquecimento destes prédios novos é péssimo, não? — comentou, esperando sinceramente que ele concordasse.

— Para mim, está quente aqui dentro — ele respondeu, surpreso, pondo a xícara na mesinha.

"Tenho que tocá-lo", pensou, assustada. "É o único modo de saber se estou presa aqui com um assassino." Sim, porque trancara a porta de novo e, caso ele a atacasse, não teria tempo de escapar.

— Mais um café?

— Não, obrigado. Por que não se senta? Eu queria lhe fazer umas perguntas.

— Eu preferia esperar até que Sam chegasse.

O sorriso dele, antes tão amigável, tornou-se irônico.

— Como queira.

Kempton sentou-se no sofá e pôs a mão no bolso. Ela sabia o que ele ocultava: não a faca que matara Phil, Mary Nelson e tantas outras, mas uma arma com silenciador. Kempton estava apenas aguardando.

— Vou tomar mais um café — disse, voltando vagorosamente para a cozinha, consciente de que seria o alvo perfeito para uma bala.

A televisão continuava alta e o controle remoto estava perto da mão dele. Tudo o que tinha a fazer era aumentar o volume ainda mais, e atirar.

Chegando à cozinha, apoiou-se no balcão e respirou fundo. Só podia estar maluca: aquele sujeito era inofensivo, tudo não passava de imaginação. Tudo o que queria era arrancar-lhe umas informações e fora um erro ter permitido que entrasse.

Tinha que dar um jeito de tocá-lo... Ao virar-se para voltar à sala, percebeu que ele mudara de canal, para um clip barulhento, e aumentara o volume.

Elizabeth soube, então, que tinha pouco tempo. Já sabia que não havia na cozinha nenhuma faca afiada que pudesse servir de arma, e a arma que Sam lhe deixara estava no quarto, fora de seu alcance.

Mesmo sem vê-lo, sentiu-o aproximar-se. Cansara-se de esperá-la e vinha ao seu encontro.

A pesada frigideira de ferro ainda estava em cima do fogão. Sem refletir ou fazer barulho, ergueu-a no ar e girou-a no exato instante em que Kempton surgia na porta da cozinha, golpeando-o na cabeça.

O agente caiu no mesmo instante, bloqueando a passagem. Elizabeth continuava segurando a frigideira com as mãos trêmulas e suadas, lembrando-se do impacto horrível que sentira ao atingi-lo.

E se estivesse enganada? E se ele tivesse vindo apenas pedir mais café? E se tivesse ferido um inocente?

Aproximando-se do corpo imóvel, tocou-o de leve mas Kempton não se mexeu. Uma sensação estranha a invadiu, mas Elizabeth não saberia dizer do que se tratava. Talvez fosse apenas medo de ter matado um inocente. Mudando a frigideira de mão, começou a virá-lo.

Então viu Kempton abrir os olhos e apontar-lhe uma arma com silenciador. Parecia tenso e atordoado. Sem pensar duas vezes, Elizabeth atingiu-o de novo. Kempton não mais se mexeu.

Elizabeth não esperava que houvesse sangue, e ficou perplexa ao vê-lo surgir nos lábios do homem. Consciente de que não precisaria mais da frigideira, colocou-a no chão. Pulando o corpo sem vida, correu pelo corredor e foi para o quarto.

Algun tempo depois, ouviu a batida de Sam na porta mas não teve coragem ou forças para se levantar. Sam a chamava pelo vão da porta, presa pela corrente. Ela tentou responder mas a voz faltou-lhe, como se estivesse em estado de choque. Então, procurou levantar-se, mas suas pernas se recusavam a sustentá-la e Elizabeth caiu no chão, perto da porta do quarto. Sam teria que encontrar algum modo de entrar. Foi então que ouviu um enorme estrondo e o barulho surdo de madeira partida. Sam arrombara a porta com um pontapé. Em seguida, veio o silêncio. Segundos depois, ele surgia na porta do quarto, apavorado.

— Você está bem? — perguntou, ajoelhando-se ao seu lado. — Ele te machucou?

— Não...

Sam fechou a porta do quarto atrás de si.

— Quem o matou?

Elizabeth queria que Sam a tocasse mas não sabia como pedir. Mas não foi preciso. Ele abraçou-a, pondo-a de pé, mantendo-a bem junto de si e aquecendo-a com seu calor.

— Fui eu — confessou, o rosto enterrado no tecido grosso do casaco dele. — Ele queria me matar; tinha uma arma com silenciador.

Sam abraçou-a com carinho, confortando-a.

— Tudo bem, Elizabeth. Tudo bem.

Então ela conseguiu sentir-se um pouco melhor.

CAPÍTULO XIII

Sam foi até a cozinha, empurrou o corpo de Kempton para dentro e fechou a porta. Depois voltou para o quarto e sentou-se ao lado dela, que havia se deitado. Acariciando-lhe o braço com uma das mãos, apanhou o telefone de teclas com a outra e digitou alguns números.

Elizabeth parecia agora acostumada à onda de desejo que a inundava quando Sam a tocava.

— Sou eu — Sam disse ao telefone, rude e abrupto. — Sim, eu sei. Tenho uma encomenda para você; preciso que se livre dela para mim. — Ele aguardou enquanto a pessoa do outro lado da linha respondia. Elizabeth tentou, mas não conseguiu escutar. — Sem balas. Traumatismo craniano... Há quanto tempo? Bem, talvez uma hora...? — E olhou para Elizabeth, que assentiu. — Sim, está morto há uma hora. Não, não eu, cara. Um amigo.

Um amigo... Elizabeth repetiu em pensamento. De repente, tudo lhe parecia muito confuso: não saberia dizer como tivera coragem de deixar para trás o pequeno chalé do Colorado, tão tranqüilo, para vir se meter neste apartamento de Washington, com um homem praticamente estranho. Tampouco imaginava quando conseguiria ver-se livre daquela enrascada. Só sabia que Sam agora era seu melhor amigo, e cuidaria de tudo.

— Até lá, já teremos ido embora — Sam garantiu sem olhar para Elizabeth. — Veja se consegue sumir com tudo, para não deixar qualquer prova. Não, não estou querendo lhe ensinar como agir, só estou tentando ajudar com uma sugestão. Ah... Danny, é alguém que você também conhece: Kempton. Ele invadiu minha casa e tentou matar meu amigo. Depois lhe explicarei com detalhes.

Sam desligou o telefone e permaneceu imóvel por uns segundos. Então, seus olhares se cruzaram e Elizabeth notou sua preocupação.

— Você está bem? — ele insistiu.

— Acho que sim.

— Vamos ter que ir embora daqui. Fique onde está e deixe as malas por minha conta.

— Para onde vamos? — perguntou, procurando participar de alguma forma.

— Ainda não sei, mas garanto que ninguém vai nos encontrar. Maldito Kempton! Não sabia que ele tinha se virado contra nós. Ou melhor, já desconfiava, mas não tinha provas concretas. Tem certeza de que ele não te machucou?

— Ele nem encostou as mãos em mim.

Sentada na cama, Elizabeth contou-lhe rapidamente a história e o viu arrumar a mala. Quase se manifestou quando o viu pegar o vestido vermelho, mas calou-se. Não tinha forças para falar ou pensar em mais nada. Só sabia que acabara de matar um homem. E isso lhe parecia um horrível pesadelo.

— Pronta?

Elizabeth teve vontade de balançar a cabeça numa negativa, fugir, se esconder, mas não havia escolha.

— Estou pronta — respondeu, a voz trêmula.

Sam apanhou a mala pesada com uma das mãos e, com a outra, ajudou-a a se levantar.

— Vamos — ordenou e, abraçando-a pela cintura, guiou-a para fora do apartamento.

Já no corredor, ouviu-o fechar a porta, toda arrebatada pelo pontapé que dera ao chegar. De repente, viu um casal saindo de um dos apartamentos e estremeceu de medo.

— Eu os conheço; está tudo bem — Sam murmurou baixinho e, afastando-lhe os cabelos da testa, afirmou: — Só que suas roupas estão um pouco amassadas.

Elizabeth pensou que talvez houvesse manchas de sangue em suas roupas mas recusou-se a olhá-las, temendo não conter um grito de horror. Por outro lado, raciocinou, Sam não a deixaria ter saído suja de sangue. Então, olhando para baixo, viu que a roupa que usava estava apenas amassada, dando a impressão de que dormira de roupa.

— Não se preocupe — Sam tranqüilizou-a. — As pessoas vão pensar que passamos umas horas bem divertidas na cama.

A brincadeira deixou-a furiosa e Elizabeth o teria fuzilado com o olhar, caso lhe restassem forças.

— Você acha que se tivéssemos estado na cama eu teria os olhos molhados de lágrimas?

Sam aproximou-se e deslizou a ponta de um dedo pelo decote em "V" do suéter de Elizabeth, dizendo com ternura:

— Há bons e maus motivos para se chorar, sabia? — A voz soara, a um só tempo, terna e sensual.

Elizabeth corou violentamente e a onda de calor espalhou-se por todo seu corpo. Não era preciso muita imaginação para ver-se deitada sob ele, as pernas enlaçadas em torno de sua cintura, os olhos molhados de lágrimas. Lágrimas de prazer. Um prazer tão intenso como jamais pudera imaginar. Caindo em si, retraiu-se, reclinando-se por se permitir delirar daquela forma tendo acabado de matar um homem.

Sam sorriu ao vê-la reagir, nem um pouco arrependido.

— Não há motivo para se culpar, se torturar. Kempton era um assassino, Elizabeth, e pelo que me contou pretendia executá-la sem compaixão. E, na certa, iria esperar lá no apartamento para me matar também.

— Você acha mesmo?

— Tenho certeza.

— Bem... acho que ele jamais o pegaria desprevenido...

— É bom saber que tem tanta confiança em minhas habilidades. Normalmente ele não me pegaria mesmo, mas suponho que tentasse usar você para me armar alguma cilada. Kempton tentaria acabar com nós dois de uma vez só.

— E teria dado certo?

— Não sei... já vi muita gente morrer, Elizabeth, muita gente importante para mim... mas não pretendo deixar que nada de mal lhe aconteça. Nem Kempton nem ninguém iria machucá-la, se eu estivesse por perto. E, a partir de agora, estarei sempre por perto.

— Estou com medo, Sam — ela disse, pela primeira vez, sem se envergonhar por isso.

— Sei que está. Mas tudo vai ficar bem, você vai ver.

— Será mesmo?

— Tenho certeza. Olhe, se o Kempton tivesse armado uma cilada, eu pensaria num jeito de sairmos da situação, nós dois daríamos um jeito de escapar.

— Como pode estar tão certo disso?

— Sei lá. Mas sei que seria assim. Afinal, somos especiais, srta. Hardy. E, quer admita, quer não, você gosta de viver. E eu também.

Ela o fitou, calada. Sam tinha razão: queria mais do que nunca viver. E, para provar que ele estava certo, ergueu-se, na ponta dos pés e o beijou.

Foi um beijo rápido, sincero e, um segundo depois, ela saiu correndo. Quando Sam alcançou-a, Elizabeth já estava perto do elevador. Ao entrarem, ele a segurou pelo cotovelo, num gesto mais possessivo do que protetor.

— Vamos sair pela porta da frente? — ela perguntou ao vê-lo apertar o botão do térreo.

— Vamos.

— Mas será que ninguém vai nos seguir?

— Sim, vai. Espero que todo mundo nos veja e nos siga, os bons e os maus sujeitos.

— Seria muita ingenuidade minha perguntar por quê?

— Não quero ninguém por perto quando Danny vier se livrar de Kempton. Prefiro que nos sigam e tentem descobrir para onde estamos indo e deixem o caminho livre para Danny.

— E se nos alcançarem?

— Eles não vão conseguir.

Sam afirmou com tanta segurança que Elizabeth não discutiu. O elevador chegou ao térreo e as portas se abriram.

— Tome — disse Sam entregando-lhe uns óculos escuros. — É melhor usá-los.

— Pensei que não se importasse com meus olhos inchados de tanto chorar.

— O problema é que seus olhos estão arregalados de medo, e qualquer um que repare vai estranhar. Não quero que um policial qualquer me prenda por seqüestro ou por maltratar minha mulher. Ponha os óculos, olhe sempre para mim e sorria.

Ela fez como Sam indicou e ensaiou um sorriso, dizendo num tom deliberadamente artificial:

— Que tarde agradável...

— Esplêndida! — ele concordou, conduzindo-a até a porta giratória. — Meu carro está logo aqui perto. Isto é, a menos que o tenham guinchado. Aí, sim, estaremos encrencados.

— Você parou aqui? Na zona proibida?!

— Sorria — ele sussurrou com a boca torta. — Eu estava com muita pressa.

— Por quê?

— Porque sabia que você estava em apuros.

— Como?

— Não me pergunte, guru. Consulte sua bola de cristal.

Elizabeth detestava quando ele a chamava de guru. Revoltada, aprumou os ombros e ergueu a cabeça. Só então caiu em si e percebeu que ele a provocara de propósito. A provocação surtira o efeito desejado, fazendo-a empinar o nariz sem se importar com os pedestres à volta.

Por sorte o Audi prateado não havia sido guinchado. Depois de jogar a mala no banco de trás, Sam ajudou-a a sentar-se no de passageiros e ocupou o volante. Sempre atento às aparências, voltou-se para Elizabeth e deu-lhe um beijo estalado no rosto.

— Faça cara de quem está gostando — murmurou. — Só espero que não tenham tido tempo de esconder um microfone no carro.

— E se tiverem escondido? — ela perguntou, continuando a sorrir.

— Neste caso, não vai ser fácil despistá-los. Vou procurar balançar bastante o carro, para fazer o máximo de barulho possível, isso os atrapalhará. Mas, se dentro de meia hora ainda estiverem nos seguindo, terei de ser mais imaginativo.

— E se tiverem posto uma bomba em vez de um microfone?

— Não creio que tivessem tido tempo suficiente para pôr uma bomba.

— Mas e se tiverem posto?

— Então, vou me arrepender amargamente de nunca tê-la feito usar o vestido vermelho. Nossa única chance é pegar esse carro e sair daqui agora!

Dizendo isso, Sam deu a partida e, aliviado por o carro não haver voado pelos ares, misturou-se à corrente de tráfego combinando arrojo e cautela. Elizabeth afundou-se no assento e tirou os óculos.

— Alguém está nos seguindo?

Sam assobiava baixinho e arriscou uma olhada rápida pelo retrovisor.

— Dois carros: um Buick, provavelmente do FBI, e um Mercedes, provavelmente dos amigos de Kempton. Mas não creio que um saiba da existência do outro, o que conta a nosso favor.

Ele manteve uma marcha moderada, parando civilizadamente em todos os cruzamentos, sempre assobiando a mesma canção.

— Vou dormir — Elizabeth anunciou, prendendo o cinto de segurança.

— Acha que vai conseguir? — ele perguntou, irônico.

— Depois que sobrevivi àquela viagem pelas montanhas com o Toyota em nosso encalço, nada mais me assusta.

— Pode ser. Não se esqueça de que não sou tão bom motorista quanto Phil. — E mudou de assunto: — Você acha que era Kempton quem nos seguia no Colorado?

— Não.

— Acha que ele está metido no rapto de Shari Derringer?

— Shari não foi raptada.

Sam pisou fundo no freio e Elizabeth quase bateu a cabeça no vidro. As palavras dela o surpreenderam ainda mais que a súbita mudança no semáforo. Atrás deles, diversos outros carros frearam, cantando os pneus.

— Acha que ela foi por vontade própria? — Sam perguntou quando o sinal abriu.

— Para mim, ela está envolvida nesta sujeira toda. Não que eu tenha visto alguma coisa; é só um pressentimento.

— Acha que Shari sabia que Mary Nelson foi morta para substituí-la?

Num impulso, Elizabeth olhou rapidamente pelo retrovisor e viu que os outros dois carros continuavam a segui-los.

— Penso que sim.

Sam praguejou ruidosamente.

— Não é à toa que estão loucos para nos pegar. Se a pequena Shari estiver mesmo metida voluntariamente nesta história, farão de tudo para nos calar. A atual administração não suportaria mais um escândalo. O pai tentaria esconder tudo para não ser desmoralizado. Segure-se.

Sam aumentou a velocidade e entrou numa estrada à direita.

— O Buick ficou para trás — Sam disse, minutos depois — mas o Mercedes continua firme.

O sol tinha se posto e ambos rumavam para fora da cidade.

— Será que o Buick vai voltar para o apartamento?

— Acho que não, não é necessário. Eles sabem que já saímos, e não creio que pensem em revistar o apartamento. Acho mais provável que voltem à base e tentem imaginar para onde iremos.

— E será que vão conseguir?

— Duvido. — Sam seguia a uma marcha incrivelmente lenta e o farol do Mercedes iluminava todo o interior do carro. — A esta altura, Danny já deve ter cuidado de tudo. Se eles decidirem voltar, não vão encontrar prova nenhuma.

— Mas, Sam, acho que havia sangue na cozinha...

— Não se preocupe, não vão encontrar nada. Danny cuidará de tudo, com cuidado e eficiência. E consultou o relógio do carro.— Já é hora de nos livrarmos do Mercedes. Quero parar num telefone e fazer umas chamadas.

As estradas de Washington eram bem pavimentadas e largas, mas cheias de carros e caminhões. Elizabeth preferiu fechar os olhos assim que os outros motoristas começaram a buzinar por causa das manobras arrojadas de Sam. Ocasionalmente ouvia o cantar de pneus e a batida de dois carros que não haviam conseguido frear em tempo. Sam dirigia o pequeno carro como se fosse um automóvel de corrida.

Então, o ruído à volta diminuiu consideravelmente e Sam voltou a dirigir com calma.

Abrindo os olhos, Elizabeth perguntou:

— O Mercedes ficou para trás?

— Acho que sim. A não ser que tenham implantado um emissor de sinais em nosso carro, não conseguirão nos encontrar.

— E se tiverem instalado?

— Simples: mudamos de carro.

— É tão simples assim?

— Poderia revistar o carro mas, nesta escuridão, não conseguiria enxergar muito bem. Está com fome?

— Não.

— Não minta. Vamos parar num posto e comprar alguma coisa.

— Nada de carne.

— Nada de carne. Um pacote de castanhas e um sanduíche vegetariano.

— Afinal, para onde estamos indo?

— Você vai ver. — Ele parou num posto e desligou o motor. — Abaixese; volto num minuto. Se alguém se aproximar, tranque as portas e toque a buzina.

— Mas você disse que eles haviam ficado para trás.

— Se podemos mudar de carro, eles também podem. Fique atenta.

— Você já passou por uma situação destas antes?

— Já, mas prometo que será a última vez.

Minutos depois, ele estava de volta balançando as chaves na mão. As chaves de outro carro. Aproximando-se, abriu a porta do lado dela e ordenou:

— Vamos, desça.

— O-onde vamos?

Ele não respondeu, apenas pegou a mala no banco de trás e tornou a fechar a porta.

— Onde vamos, Sam? — Elizabeth insistiu.

— Mudar de carro. Fiz uma troca com Marcy Lou..

— Marcy Lou? Quem é ela?

— A feliz proprietária de um Audi 87, enquanto acabamos de adquirir a caminhonete velha do namorado dela.

E apontou para a caminhonete laranja toda enferrujada parada no pátio atrás da lojinha do posto.

— E ela não se importa?

— Quem se importaria no lugar dela?

— Mas e se tiver um emissor de sinais no carro? Ela não corre perigo?

— Sei que me julga um inconstante mas eu não arriscaria a vida de uma jovem inocente. Expliquei-lhe a situação e sugeri que deixasse o carro aqui até amanhã de manhã. Se ninguém aparecer, estará tudo bem.

O estofamento velho cedeu quando Elizabeth sentou e a cabine cheirava a laranjas.

— Acha que conseguiremos viajar nesta lata velha, Sam?

— Não precisamos ir muito longe.

— Até onde, mais precisamente?

Sam negou-se a responder e tornou a pegar a estrada. Elizabeth olhou, nostálgica, para o Audi, imaginando se os novos proprietários iriam gostar dele. Foi quando o viu explodir e pegar fogo.

CAPÍTULO XIV

Sam não se voltou, não diminuiu a marcha, não parou a velha caminhonete. Manteve os olhos fixos na estrada, sem sequer importar-se em olhar se Marcy Lou tinha saído para ver o que acontecera com sua nova aquisição.

Elizabeth ficou aliviada ao ver a loirinha sair da loja e correr para o pátio, ilesa, observando com ar desolado o carro que continuava em chamas. À exceção das vitrines da loja do posto, o prejuízo parecia mínimo.

Ela virou-se no banco e olhou para Sam.

— Ninguém se machucou. Foi você quem ligou a bomba?

— Claro que não! Alguém queria nos eliminar de vez. E não conseguiu por pouco.

— E se a garota tivesse morrido?

— Não havia nada que eu pudesse fazer. Não sabia que havia uma bomba no carro. Os companheiros de Kempton são mais profissionais do que imaginei. Jamais teria feito aquela troca se achasse que um inocente fosse morrer. Mas o fato é que ninguém morreu, portanto não quero mais ficar pensando no que passou. Era para estarmos nós dois naquele carro e fico feliz por ter raciocinado com clareza, me livrando dele ainda a tempo.

— Você é mesmo um insensível, não? Não tem um pinga de sentimento!

Ele nem se incomodou em fitá-la. Mais atrás, começaram a soar as sirenes de um caminhão de bombeiro, mas Sam não se abalou.

— Faço o que posso. Além do mais, avisei a moça para que não se aproximasse do carro até amanhã de manhã.

Elizabeth não tinha o que dizer.

Quando o vira pela primeira vez, achara que o coronel Oliver era um homem de pedra, de modos duros e frios, ;O frios quanto seus olhos azuis. No entanto, a convivência a fizera compreender que se enganara no julgamento, apesar das couraças de proteção, havia em seu peito um coração humano que não se abatera com aquele estilo de que levava. Batia forte e, quem sabe, batesse por ela... Recostando a cabeça no banco, Elizabeth gemeu quando uma mola quebrada espetou-lhe as costas. A

caminhonete era mesmo uma lata velha se comparada ao Audi. Contudo, o belo carro não tinha sido uma boa aquisição para Marcy Lou.

O ruído das sirenes foi ficando para trás e, alguns quilômetros adiante, Sam pegou uma outra estradinha. Elizabeth quis perguntar para onde iam mas mudou de idéia. Já perguntara várias vezes e ele se recusava a responder.

— A polícia não virá à procura da caminhonete?

— Sim, virá.

— E não vai encontrá-la?

— Não.

Cansada daquelas respostas curtas, ela se calou e lembrou os acontecimentos da tarde. Queria ter algo mais em que pensar em vez de ficar procurando uma justificativa para os fatos, uma saída. Já não tinha mais dúvidas de que Kempton planejava matá-la, e a Sam também; no entanto, nem esta certeza era suficiente para convencê-la de que agira certo matando-o. Jamais imaginara um dia vir a tirar a vida de alguém.

Arrepiada, fechou os olhos. Uma chuva fina começava a cair. No Colorado, seu único amigo estava morto e o chalé não era mais seu refúgio. Não lhe restava no mundo nenhum lugar para onde pudesse voltar, onde pudesse se refugiar; nada que a fizesse esquecer tantas mortes...

Passara a vida toda atormentada por sonhos terríveis e aprendera a conviver com eles mas, naquele instante, a realidade conseguia ser ainda mais terrível que seus sonhos e visões. Teria que aprender a enfrentá-la com coragem.

Elizabeth adormecera. Sam não pensava que ela conseguisse, tamanha a tensão que vivera mas, de novo, a subestimara. Elizabeth enfrentara com bravura os acontecimentos traumáticos do carro. Tudo sem perder o controle emocional, como Sam chegara a temer; apenas ficara zangada com ele por haver trocado de carro com a moça, pondo sua vida em perigo. Sam deu uma olhadela para Elizabeth. Sim: ela era uma mulher especial, pensou.

Maldito Kempton e seu bando! Gostaria de tê-lo matado com as próprias mãos, evitando assim que Elizabeth sofresse ainda mais, agora, com um problema de consciência. Ele, Sam, não sofreria como ela; já se acostumara a lutar contra o inimigo e a matá-lo, caso fosse necessário. Tudo se transformara numa questão de sobrevivência para ele.

Não perdoava o infeliz agente por ter se aproveitado da ingenuidade de Elizabeth, forçando-a a matá-lo de maneira tão absurda e chocante.

Porém, Elizabeth não era assim tão frágil e indefesa quanto parecia e, atrás daqueles olhos meigos, escondia-se uma pessoa forte, capaz de matar para não morrer. Não iria ser fácil para ela conseguir dormir à noite; entretanto, Sam sabia exatamente o que fazer para que não pensasse mais naquelas cenas terríveis. Aquela noite, ela seria só sua. Toda sua. E ele a faria feliz.

Elizabeth não acordou quando o carro parou diante do portão de grade alta e Sam digitou o código de segurança do painel eletrônico. A chuva caía cada vez mais forte, anunciando que a primavera estava próxima. Adoraria vê-la correndo pelos campos floridos, o rosto iluminado pelo sol, os cabelos castanhos soltos ao vento.

Alguns minutos depois, estacionavam em frente a uma pequena casa. O lugar era totalmente isolado e ninguém os encontraria ali. Por alguns dias teriam absoluto sossego até planejarem qual seria o próximo passo.

A casinha estava toda fechada e sua aparência era pouco convidativa. Sam pensou em deixá-la dormindo na caminhonete enquanto descia para abri-la mas mudou de idéia. Elizabeth ia se assustar se acordasse e se visse só, num lugar escuro e estranho.

— Chegamos — disse baixinho, acariciando-lhe o braço por sobre o suéter grosso.

Elizabeth levantou o rosto, sonolenta, e Sam teve pena de precisar trazê-la de volta à realidade. Então, ela sentou-se direito e esfregou as mãos, com frio.

— Chegamos?

— Sim.

— E vai me contar que lugar é este ou terei que adivinhar? — perguntou num tom áspero que o fez rir.

Ela continuava alerta e guerreira, e isso era bom.

— Esta é uma casinha escondida dentro de uma grande propriedade aqui na Virgínia. Ninguém nos seguiu nem nos encontrará aqui. Por uns dias, poderemos pensar bastante e planejar o que fazer depois. Ela assentiu sem discutir.

— Vou ser processada pela morte de Kempton? — quis saber, tentando inutilmente disfarçar a apreensão.

— Não. Não creio que o corpo dele será encontrado. E, se for, não haverá dúvida de que Kempton teve uma "morte acidental", e você jamais será implicada. — Elizabeth enrijeceu o pescoço e Sam adivinhou-lhe o pensamento com uma clareza que já não o surpreendia. — Isso não a agrada, não é mesmo? Você preferia pagar por seus pecados imaginários.

— Matar uma pessoa não é pecado imaginário.

— Foi em autodefesa. E este não é o melhor lugar para se discutir o assunto. Você precisa comer, eu preciso beber e ambos precisamos de uma lareira para nos aquecer e uma boa noite de sono. Venha.

Elizabeth o seguiu, estremecendo de frio sob a chuva enquanto ele desbaratava o complicado sistema de segurança. Lá dentro o ar estava úmido, cheirando um pouco a mofo, e o frio parecia pior do que do lado de fora. A primeira providência de Sam foi ligar o aquecedor e acender as luzes. A casinha era cercada por árvores altas e frondosas, e a luz da janela não avançava mais do que poucos metros na escuridão, o que a tranqüilizou.

Parada no meio da sala, Elizabeth reparou nos estofados confortáveis, na mobília de pinho, nos quadros primitivos, no tapete persa sobre o assoalho. As paredes eram brancas e uma escadinha estreita conduzia ao mezanino, onde ficavam o dormitório e o banheiro. Ela devia estar se perguntando quem morava ali, Sam concluiu ao pôr lenha no fogão da cozinha; quem lustrara o assoalho com tanto capricho, quem escolhera os quadros e a mobília com tanto gosto.

Elizabeth deteve-se à porta da cozinha e o observava. Seus cabelos continuavam soltos e despenteados, e Sam nunca a vira tão pálida. Os olhos, no entanto, brilhavam de curiosidade.

— Esta casa é sua, não é?

— Como adivinhou?

— Intuição. Eu conhecia este lugar mesmo sem ter estado aqui antes, e tudo aqui lembra você. Aquele apartamento horrroso de Washington não tem nada de seu.

— Sinto desapontá-la, mas não é verdade. — Sam serviu dois copos com uísque e deu um deles a Elizabeth. — O apartamento tem tanto de meu quanto esta casinha. Só que aprendi a separar muito bem minhas várias facetas.

— Entendo — Elizabeth murmurou, tomando um gole de uísque. — Não vou comer nada.

— Vai, sim — Sam afirmou entregando-lhe um vidro de castanhas e duas maçãs. Então, remexeu as compras que fizera no posto. — Não tinha sorvete; vai ter que se contentar com um chocolate.

— Tudo bem.

Sam conseguiu fazê-la comer as maçãs e dois punhados de castanhas salgadas, enquanto ele próprio devorava uma pizza.

Enquanto Elizabeth explorava melhor a casa, ele aproveitou para reforçar o fogo do fogão de lenha.

Sam sabia que Elizabeth, àquela altura, já devia ter descoberto o banheiro e a única cama da casa — menor e mais aconchegante que a do apartamento. Jamais dividira aquela cama com ninguém.

— Sam.

Elizabeth estava apoiada no parapeito do mezanino, os cabelos castanhos soltos pelos ombros tal qual uma heroína romântica, Julieta ou Rapunzel.

— Sim?

— Vou tomar um banho e vou para a cama, está bem?

— Ótimo.

— Onde quer que eu durma?

"Que pergunta boba", ele pensou, com um sorriso.

— Na cama.

Ela não discutiu. Talvez o julgasse um cavalheiro, deixando-a passar a noite no lugar mais confortável da casa. Ou, ainda, já soubesse o que estava por vir. Fosse o que fosse, não importava.

Sam lavou-se na pia da cozinha e quando Elizabeth saiu do banheiro estava ao telefone. Sabia que ela podia ouvi-lo e falou mais alto do que o necessário.

— Danny, estamos a salvo. Não importa onde mas, se tentar, não vai ser difícil adivinhar. Cuidou do nosso problema? — Sam olhou para cima e a viu fitá-lo com olhos arregalados. — Obrigado, amigão, fico lhe devendo um grande favor. Tem certeza de que ninguém o viu? Não quero que se prejudique por minha causa. Claro que tenho confiança na sua capacidade, ou não o teria chamado. Não há muita gente em quem se possa confiar. Sim, para você também. Telefone amanhã. — E desligou.

Os cabelos dela estavam úmidos e se encaracolavam, emoldurando-lhe o rosto. Elizabeth usava a camisola que ele lhe comprara e por um momento Sam se perguntou por que teria escolhido na loja aquele modelo branco virginal.

Quando Sam começou a subir a escada, Elizabeth recuou, arisca, fazendo-o sentir-se culpado.

— Danny cuidou de Kemptom; pôs o corpo num carro em chamas e o jogou num rio. Seria impossível suspeitarem de alguém. O fogo destrói qualquer pista e não há mais nada com que se preocupar...

— Por favor, não diga mais nada. Não quero mais pensar nisso.

Os pés dela estavam descalços e esse foi um dos primeiros fatores que o atraíram, embora não soubesse explicar por quê. Elizabeth não era o tipo de mulher que normalmente o atraía, mas Sam admirava-lhe a fragilidade, a bravura; seu jeito doce, e também o modo como o desafiava. Por algum motivo, sentia-se mais atraído por Elizabeth do que por qualquer outra garota em toda sua vida.

— Não pode deixar de pensar nisso? Só ficará bem quando aprender a aceitar e conviver com a realidade: você matou um homem porque não tinha outra saída, uma vez que ele iria matá-la. Fim.

— Vá embora, Sam.

— Consulte sua bola de cristal, guru — murmurou baixinho. — Esta será a nossa noite. Você não vai passar as próximas doze horas presa neste seu casulo remoendo o passado. Vai passar a noite comigo.

— Sam — ela pediu, quase em pânico, ao dar vários passos para trás. — Você não entende...

Sua voz era entrecortada pelo fôlego curto e Sam esticou a mão para segurá-la, temendo que tropeçasse e caísse.

— Por que está com tanto medo? — perguntou realmente curioso. — Não vou machucá-la, sabe disso. E me deseja tanto quanto desejo você. Sabe que não estou mentindo.

— Eu não...

— Diga que não — ele sugeriu de modo afável, os dedos acariciando-lhe a pele dos braços nus. — Tudo o que tem a fazer é dizer que não me quer e prometo que irei dormir no sofá.

— Eu...

As palavras estavam presas em sua garganta e Sam tirou proveito da situação, roçando-lhe os lábios pálidos com os seus.

— Não consegue, não é mesmo? — Ele tornou a beijá-la, com mais vagar, e dessa vez os lábios doces se prenderam aos seus. Sam ergueu o rosto, sempre fitando-a bem dentro dos olhos. — Vamos, Elizabeth, não há o que temer. Parece até que nunca esteve com um homem antes...

Ele nem terminara a frase quando caiu em si. Sua vontade era soltá-la e correr, fugir daquela armadilha, mas não pôde. Não conseguiu soltá-la, não conseguiu correr nem deixar de desejá-la.

— Elizabeth, esta é... é sua primeira vez, não é? — sussurrou.

Evitando encará-lo ela apenas balançou a cabeça numa afirmativa.

Sam segurou-lhe o queixo e, empurrando-a com carinho até a parede do quarto, pressionou o corpo ao dela, deixando evidente o quanto a desejava. Elizabeth fitou-lhe os olhos azuis numa atitude que dizia mais do que mil palavras.

— Então, já está na hora de saber como é — disse, beijando-lhe a boca.

Só que, agora, de forma mais exigente e, para sua satisfação, Elizabeth correspondeu sem se encabular lançando-lhe os braços ao redor da cintura ao mesmo tempo em que entreabria os lábios.

Suave e macia, ela tremia em seus braços. Quanto mais a beijava, mais a desejava; queria mergulhar naquela boca úmida que o recebia, faminta.

Quando Sam afastou-se, Elizabeth o fitou pasma, absolutamente vulnerável. Vendo-a ali tão frágil, Sam olhou para aqueles olhos castanhos e entendeu que, se avançasse mais um passo, não conseguiria mais parar. Então, disse a si mesmo que devia ser paciente, calmo, dar-lhe tempo para se acostumar com a idéia.

Com todo carinho, ergueu-a nos braços e levou-a para a cama pequena e antiga, coberta com uma colcha grossa e muito macia. Deitou-a bem no centro do leito, admirou-lhe o rosto bonito emoldurado pelos cabelos. Depois, recostou-se ao seu lado e apagou a luz.

Sam não sabia por onde começar. Não sabia se podia tocá-la sem assustá-la; se teria paciência e autocontrole para desabotoar todos aqueles botõezinhos da camisola sem se precipitar; se conseguiria acariciá-la, excitá-la, dar-lhe prazer antes que o próprio desejo o consumisse.

— Sam? — Elizabeth segurou-lhe a mão, e sua voz não era mais do que um sussurro na escuridão.

Sam acariciou-lhe o rosto. Apagara as luzes por causa dela, pois sabia que Elizabeth era tímida. E para não ver o quanto estava vulnerável, admitiu a si mesmo. Ali, mesmo na escuridão, sabia que Elizabeth era toda sua.

CAPÍTULO XV

Elizabeth estava deitada imóvel na escuridão e segurava uma das mãos de Sam. Sua vontade era dizer a ele: "Não, eu não quero"; pedir-lhe que lhe desse um tempo para pensar melhor, que a deixasse sozinha.

E Sam com certeza acataria seu pedido, pois, apesar de ser impetuoso e, muitas vezes, insensível, jamais a magoaria. Se lhe pedisse, ele iria dormir no sofá da sala.

E então, muito devagar, Sam deitou-se sobre ela.

— Talvez não devêssemos fazer amor, Elizabeth, mas não posso mais me controlar, a menos que você me detenha.

Sam esperou pela resposta, o rosto colado ao dela, seu hálito morno acariciando-lhe as faces.

— Não pare — Elizabeth murmurou deslizando as mãos sob a camiseta dele para acariciar-lhe as costas. — Não pare.

Sam gemeu baixinho e a beijou com volúpia, introduzindo a língua em sua boca, descobrindo-a. O beijo foi retribuído com paixão e medo. Ela sabia que não haveria volta e não se arrependia da escolha que fizera; no entanto, temia o que viria pela frente.

Sam jamais a magoara e jamais a machucaria mas, movido pelo desejo, talvez não tivesse a calma necessária. Elizabeth tremia. E se tivesse visões ruins, e ele não percebesse? — indagava-se, assustada.

Sam rolou ligeiramente para o lado para poder se movimentar melhor. Os nove botõezinhos da camisola foram desabotoados com destreza e, em seguida, ele beijou-lhe os seios, fazendo-a prender o fôlego, surpresa com o efeito da carícia íntima, arrebatadora. Uma onda de calor percorreu-lhe o ventre e se espalhou por todo o corpo, envolvendo-a deliciosamente. Já estava acostumada àquele friozinho no estômago mas o enrijecer dos seios, o formigamento na pele, os tremores eram novidade.

Sam, então, segurou-lhe uma das mãos e pousou-a sobre o zíper de seu jeans, bem devagar, para não assustá-la, e ensinou-a como acariciá-lo. Quando soltou-a, a mão de Elizabeth continuou a tocá-lo, movida pelo instinto.

Ela gostou da experiência e, a princípio, ficou excitada com a barreira que a calça representava. Mas, instantes depois, tocá-lo por sobre

o tecido já não era suficiente. Queria sentir seu calor, tocá-lo com mais liberdade.

Tentou abrir o zíper com cuidado, mas ele emperrou, e nem com um pouco mais de força conseguiu fazê-lo descer. Sam sorriu baixinho e, sentando-se na cama, tirou-lhe a camisola, deixando-a só de calcinha.

— O zíper enguiçou — ela murmurou, sem fitá-lo, contendo o desejo de cobrir os seios.

Tinha consciência de que eram pequenos, quase infantis, e que um homem como Sam devia preferir mulheres mais curvilíneas, de quadris arredondados e...

— Seus seios são perfeitos — ele murmurou de modo sexy, beijando-os mais uma vez.

Numa fração de segundo, terminou de abrir o zíper e Elizabeth manteve os olhos fixos em seu rosto enquanto ele se despiu. Ela sabia que Sam agora estava completamente nu, mas não conseguia olhá-lo. Nem quando ele tornou a deitar-se ao seu lado e abraçou-a.

— Você vai ter que me dizer o que prefere — Sam sussurrou-lhe junto ao ouvido ao mesmo tempo em que lhe tocava os seios. — Vai ter que me contar o que lhe dá prazer, o que a assusta. — E deslizou os polegares sobre os mamilos rijos fazendo-a gemer baixinho. — Gosta? — Seus lábios percorriam os mesmos caminhos dos dedos. — E assim?

— Hum-hum — Elizabeth murmurou, enquanto Sam beijava-lhe o bico dos seios bem de leve, descendo em direção ao elástico da calcinha.

Então, ele a beijou sobre o tecido fino da calcinha, provocando-a com seus dedos, seu hálito quente, mordiscando-a. Elizabeth apoiou as mãos em seus ombros tencionando empurrá-lo mas suas mãos acabaram fazendo o movimento contrário, puxando-o para si. Antes que pudesse impedi-lo, Sam deslizou os dedos sob o elástico e a despiu. Enquanto a beijava e acariciava ia, aos poucos, afastando-lhe as coxas com carinho.

Elizabeth, a princípio, ofereceu resistência, mas foi só a princípio. Imersa num prazer infinito, sentia a língua quente deslizar por seus pontos mais sensíveis, mais recônditos, fazendo-a arquear as costas, abandonando de vez a timidez.

Então, gritando baixinho, experimentou o êxtase pela primeira vez. Todo seu corpo se enrijeceu por um segundo para, em seguida, mergulhar numa sensação deliciosa, numa paz incrível.

Elizabeth tentou se recompor. Estava emocionada e assustada com o que acabara de viver, assustada com a escuridão, com a descoberta do próprio corpo, do prazer que podia sentir. Então, percebeu que Sam a abraçava, seu corpo sobre o dela, o coração acelerado, secando-lhe as lágrimas com uma das mãos. Elizabeth procurou esconder o rosto mas ele impediu e a beijou.

— Não quero que sinta dor — disse Sam com certa apreensão. — Se estiver sentindo dor, me diga, está bem? Você é tão bonita e tão delicada...

Ela segurou-lhe o rosto entre as mãos e o beijou.

Quando Sam começou a penetrá-la, Elizabeth estremeceu e teve vontade de afastá-lo, mas não pôde. Ele sussurrava-lhe palavras doces ao ouvido, palavras de amor, palavras sem sentido que a faziam sentir-se orgulhosa, sexy, encabulada. Mesmo pronta para recebê-lo, ainda temia que a machucasse e o fez parar, segurando-o pelos ombros, mostrando-se tensa.

Meio sem jeito, tornou a tocá-lo suavemente, fazendo-o estremecer com suas cadeias leves, explorando-o, conhecendo-o. As carícias excitavam a ambos e, lentamente, o desejo de tê-lo dentro de si afastou o medo e ela relaxou, dando-lhe o sinal de que podia continuar.

Percebendo que o momento chegara, ele se apoiou num dos cotovelos e avisou:

— Vai doer um pouquinho. Grite, Chore, faça o que tiver vontade, mas não tenha medo.

— Não, eu...

E, antes que acabasse de falar, ele a possuiu com muita calma, utilizando todo seu autocontrole para não feri-la.

Então, ficou imóvel por uns segundos, dando-lhe tempo para se recuperar. Elizabeth prendeu o fôlego e o pânico ameaçou invadi-la. Sam percebeu e não deixou que se retraísse. Segurando-lhe o queixo, obrigou-a a fitá-lo, olhos nos olhos:

— Não, não fuja. Fique comigo. Eu e você juntos. Fique comigo, Elizabeth... Assim — assegurou, fazendo-a lançar as pernas em torno de seus quadris. — Não tenha medo. Vai dar tudo certo.

Sam começou a se movimentar e Elizabeth ficou tensa, temendo que doesse de novo. Mas enganou-se. Lentamente foi acompanhando os movimentos dele. Seus corpos estavam molhados de suor e a fisionomia

de Sam se transfigurava de prazer. Ela queria prolongar aquele momento de tanto desejo e ternura, mas o êxtase — ainda mais intenso que o primeiro — a impediu.

— Oh, Sam, eu não...

— Solte-se, Elizabeth, não lute.

Vê-la atingir o orgasmo o excitou mais que tudo e Sam intensificou o ritmo de seus movimentos. Emocionada, Elizabeth começou a chorar baixinho e, segundos depois, era a vez de Sam atingir o clímax.

Exausto de tanto prazer, ele rolou para o lado trazendo-a consigo. Foi quando o telefone começou a tocar.

— Não atenda — Elizabeth pediu, escondendo o rosto para que ele não a visse chorar.

— Não se preocupe. Não vou atender.

Respeitando sua reação, Sam abraçou-a com mais força e permitiu que chorasse à vontade. Paciente, esperou até que os soluços cessassem e as lágrimas secassem.

— Você está bem? — perguntou, então, vendo-a mais calma.

— Não — ela respondeu tentando afastar-se, mas Sam a impediu.

— O que foi? Eu machuquei você? Olhe, Elizabeth, eu...

— Você não me machucou. Só quero ficar calada um pouco. Ou, se precisa mesmo falar alguma coisa, diga que gosta de mim, que sou bonita, que foi uma das experiências mais maravilhosas de sua vida.

— Foi uma das experiências mais maravilhosas da minha vida — ele afirmou e Elizabeth acreditou. — E você é linda.

Era mais do que ela esperava e, talvez, mais do que merecesse. Afinal, Sam não tinha culpa por ela haver se apaixonado.

— Preciso dormir — disse na esperança de que ele a deixasse só. E o odiaria por isso.

— Eu sei.

Sam não era um homem paciente ou gentil, mas o fora com ela aquela noite. Fora amoroso mas não a amava, e Elizabeth não sabia como conviver com esta verdade.

— Venha... — E Sam ajeitou-a de tal modo que Elizabeth adormeceu em segundos. Envoltos por braços que não a amavam, acariciada por mãos que não a amavam, a boca que não a amava pousada em seus cabelos. Mas adormeceu.

Sam sabia que fora preferível não mentir para Elizabeth. As experiências amargas por que passara lhe haviam roubado a capacidade de amar, mas importava-se com ela, queria-a muito bem. Sua intenção fora a de lhe proporcionar algum prazer, mas jamais imaginara que ela fosse se entregar tão completamente, que seus corpos e suas mentes se integrassem numa harmonia tão perfeita.

Acordado e alerta, Sam ficou ouvindo a chuva bater no telhado.

Horas mais tarde ela despertou. A chuva tinha passado e o sol começava a surgir no horizonte. Elizabeth abriu os olhos e olhou para a janela. Depois, olhou para Sam de modo solene.

— Acho que você me meteu numa confusão.

— Por quê? — ele quis saber, afastando a manta que lhe cobria os seios.

— Gostei de fazer amor com você.

— Ótimo... — O corpo de Elizabeth estava ligeiramente rosado sob a luz da manhã. E ele tocou os mamilos rijos, tentando puxar as cobertas mais para baixo. Mas Elizabeth impediu, puxando-as de volta até o pescoço.

— Não faça assim — ele pediu. — Deixe-me olhar para você, quero vê-la nua e...

— Não. Quero tomar um banho, vestir uma roupa limpa. Precisamos conversar.

— É mesmo? — perguntou preguiçoso, beijando-lhe as pálpebras. — E o que eu quero, não conta?

— Imagino o que seja...

— Não precisa imaginar — Sam assegurou-lhe, pressionando o corpo ao dela.

E beijou-a com ardor, fazendo o possível para demonstrar que a queria bem. Faria de tudo para deixá-la feliz, menos mentir.

— Bem, talvez nossos desejos não sejam tão diferentes assim... — ela confessou, arrancando de vez as cobertas e se deixando levar pelas carícias de Sam.

Mohamed Ali Reza olhou para a mulher loira deitada na cama estreita. Dentro de pouco tempo, ela tornaria a acordar sentada. Nunca vira uma mulher tão ardente, sempre em busca de aventuras eróticas. E imaginava se haveria outras mulheres como Shari Derringer nos Estados Unidos. Corpo de moça com alma de devassa.

Contudo; seu desejo agora já o enojava, seu corpo o repelia, mas Shari se negava a aceitar um "não" como resposta, e ele acabava fazendo o jogo, já que ainda não podia se livrar dela.

No entanto, a brincadeira para ele já se esgotara. Além do que tinha outras coisas em que pensar. Fora avisado de que Kempton não retornara no dia marcado e torcia para que não passasse de um pequeno atraso no cumprimento da missão, mas sua intuição lhe dizia que Kempton falhara. Descobrira que Sam Oliver era um profissional excelente, inimigo ferrenho da Spandau Corporation. Mas que prejuízo poderia lhe causar quando não sabia de nada, ou quase nada? Ainda assim, cuidadoso como sempre, tentara fazer com que o americano jamais pudesse descobrir ou revelar algo importante a seu respeito. Por isso mandara Kempton eliminá-lo. E também à moça com olhos de assombração. Quisera ter fechado aqueles olhos para sempre, mas não conseguiria. Lera nos jornais que ela era paranormal, que enxergava coisas que as pessoas comuns não enxergavam, e isso o assustava. Tão logo tudo acabasse, tencionava voltar àquele maldito país e liquidá-la de vez para que aqueles olhos não mais o atormentassem nem em sonho.

Claro que Kempton já deveria ter completado a missão mas, quanto mais o tempo passava, mais certeza tinha de que o colega falhara. Portanto, a solução estava mais uma vez em suas mãos.

A americana mexeu-se a seu lado e Ali preparou-se para mais uma batalha. Fora muito conveniente o pai dela ter acobertado a farsa, com medo do escândalo. O plano seria executado até o fim. Todos os detalhes haviam sido estudados com cuidado e, agora, faltava pouco para chegarem aonde queriam. Até que a encontrassem, e se a encontrassem, o pior já teria acontecido. E, se tudo dependesse só de sua vontade, no final, Shari estaria realmente morta.

CAPÍTULO XVI

Já passava do meio-dia quando Elizabeth finalmente decidiu se levantar. Durante a manhã, o sol desaparecera e uma chuva fina o substituíra. Sozinha na cama, ouviu Sam movimentar-se no andar inferior, preparando algo cheiroso na cozinha.

Sua intenção era escovar os dentes e tomar um banho de imersão na banheira antiga que vira na noite anterior. Apesar de ter o corpo um pouco dolorido, sentia-se muito bem disposta.

Ainda sentada na cama, deixou o pensamento divagar, consciente de que era perigoso sem se reprimir. "Não é uma visão", disse a si mesma, sonhando acordada. A casinha de Sam era muito aconchegante. Tão aconchegante quanto os braços dele, tão confortável quanto seu calor. Era impossível deixar de imaginar o quanto seria bom viver ali e ter filhos com ele.

Estirando-se novamente na cama macia, encolheu os dedos dos pés e deixou a imaginação voar, as imagens coloridas transportando-a para um mundo lindo, longe da realidade. Da realidade tão distante dos sonhos.

Não foi preciso esforço algum para saber que a manta sob suas mãos fora tecida manualmente por uma senhora negra da Carolina do Sul. Alguém que conhecia Sam, que gostava dele. De olhos fechados, Elizabeth sentiu todo o carinho e o amor aplicados em cada trama do tecido grosso e rústico. Ah... se todas as suas visões fossem tão amenas, tão ternas...

Então, um flash vermelho infiltrou-se nos tons pastéis e ela tornou a ver o vestido vermelho. Sentiu também uma certa urgência, uma sensação estranha de... medo, e procurou concentrar-se. Mas o barulho das louças na cozinha fez a visão desaparecer, trazendo-a de volta à realidade. Elizabeth levantou-se da cama, prendeu os cabelos e foi para o banheiro, arrependida por ter dormido com a cabeça úmida. Ia levar muito tempo para desembaraçá-los.

Depois de encher a banheira, entrou na água bem quente e suspirou de satisfação. Fazer amor não era uma atividade tranqüila e serena como imaginara. Pelo menos, não com Sam.

Ao contrário de Alan, que respeitava seus medos, Sam ajudara-a a vencê-los, avançando aos poucos numa dose certa de firmeza e carinho. A simples lembrança dos momentos que vivera em seus braços a excitava.

O vestido vermelho estava pendurado na porta e Elizabeth riu com malícia ao perceber que Sam o colocara ali de propósito. E por que não usá-lo?

Na noite anterior, despedira-se para sempre do celibato, reconheceu, erguendo a ponta dos pés para fora da água. E Sam tinha toda razão — já não era sem tempo. Mas o mais importante, para ela em particular, fora a constatação de que nenhuma visão horrenda a assaltara mesmo durante um contato tão íntimo entre seus corpos. Na cama, só havia os dois. Nenhum herói ou vilão para interferir, e Elizabeth indagava-se por quê.

Como a água esfriasse depressa, resolveu pegar a toalha e sair antes que pegasse um resfriado. E, enquanto se enxugava, ouviu o telefone tocar.

Sam continuava conversando ao telefone quando Elizabeth saiu do banheiro vestindo apenas o vestido vermelho e debruçou-se sobre o parapeito do mezanino, os cabelos soltos. Sam olhou-a com uma expressão sensual, tão cheio de desejo que a fez corar. Porém, um segundo depois, tornou a se concentrar na conversa, fechando-a para fora de seu mundo.

Por mais que tentasse, Elizabeth não conseguia ouvir o que ele falava e, antes que chegasse à sala, Sam já havia desligado. Depois de pegar um café na cozinha, Elizabeth voltou para a sala e o encontrou sentado no sofá com uma fisionomia distante, pensativa, meio triste.

— Quem era? — perguntou, sentando-se na cadeira em frente.

— Danny.

— Más notícias?

— Depende do ponto de vista. Kempton foi encontrado e a polícia está dando o caso como mero acidente de trânsito. Duvido que percam tempo investigando mas, mesmo que o façam, Danny sabe quem procurar para fazer com que as investigações parem. Afinal, Kempton era um agente duplo. A polícia está à procura da caminhonete. Marcy Lou não gostou do negócio que fizemos e seus patrões querem que o culpado pague pelos prejuízos no posto.

— Não se pode culpá-los. O que faremos?

— Nada. Ninguém vai conseguir encontrar a caminhonete aqui e estamos protegidos por um dos melhores sistemas de segurança. Quando partirmos, usaremos um outro carro meu, que sempre mantenho aqui.

— Por que todo este esquema de segurança? Você tem tantos inimigos assim?

— É provável. No entanto, não fui eu que instalei o sistema. Apenas possuo parte da propriedade. O dono da outra casa nesse local paga pelo esquema.

— Quem é ele?

— Você não deve conhecer. Ele foi meu chefe nos velhos tempos e é um dos poucos em quem confio. Já está muito idoso e ficou paralisado depois de uma série de derrames, mas ainda há gente querendo matá-lo. É por isso que tem toda esta segurança. Sorte nossa.

— O que mais Danny disse?

Ele riu; era impossível mentir para Elizabeth.

— Que Mary Nelson partiu do Aeroporto Kennedy, em Nova York, rumo a Orly, na França.

— Então é por isso... Eles queriam seus documentos. Shari Derringer deve ter viajado com os documentos de Mary...

— Faz sentido. Foi um amigo de Danny que trabalha na central de computação do aeroporto quem contou.

— Mas não podemos esquecer que Mary Nelson é um nome comum. Pode ser uma homônima.

— Tem razão. Mas Danny foi conversar com o encarregado da companhia aérea e descobriu mais coisas. A moça pagou em dinheiro, coisa rara nos dias de hoje, e isso lhe chamou a atenção. Era uma moça bonita, chamativa, e tentou flertar com o rapaz. É o retrato de Shari Derringer, não acha?

— Ela foi para Paris? — Elizabeth murmurou, pensativa, tomando mais um gole de café. — Não creio que ela esteja na França.

— Danny está verificando. Parece que ela pegou uma conexão para Frankfurt mas não sabemos o que houve depois. Ele volta a ligar daqui a uma hora e disse que vai ficar furioso se eu não atender.

Sam lançou-lhe um olhar malicioso e um sorriso sexy.

— Não se preocupe. Estou pretendendo sentar para comer alguma coisa e acho que só vou parar quando a comida acabar.

— Temos sopa, carne no congelador, castanhas salgadas e bolacha.

— As bolachas eu dispenso — brincou ela, indo para a cozinha.

Será que Sam ia comentar alguma coisa? Será que a seguiria? Que a tocaria?

Mas, em vez disso, Sam esticou-se no sofá usando apenas a calça do agasalho e uma camiseta azul-marinho já desbotada. Porém, fizera a barba ao acordar de manhã. Calado, observava-a com o canto dos olhos e Elizabeth sentiu o rosto arder em brasa.

No armário, encontrou o maior estoque de sopa enlatada que jamais vira e, nervosa, começou a abrir uma das latas, pondo-a para esquentar.

— Sabe de uma coisa? — ele disse num tom casual. — Eu sempre achei que daria tudo para vê-la com este vestido vermelho.

Elizabeth virou-se e inclinou-se sobre o balcão que separava a cozinha da sala.

— E mudou de idéia?

— Mudei. Agora daria tudo para vê-la sem ele — confessou com voz meiga e muito sensual.

— Pois use a imaginação — ela sugeriu, apanhando um prato e uma colher no armário.

— Vou usar mais que isso — Sam brincou, já erguendo-se. O telefone tocou e ele o atendeu: — Sim?

Elizabeth colocou a sopa no prato e foi para a sala, comendo. Não era preciso ser paranormal para saber que as notícias não eram nada boas e, enquanto tomava a sopa, procurou ouvir a conversa.

Minutos depois, Sam desligou o telefone e praguejou.

— O que foi?

Ele se recostou no sofá e olhou-a com o canto dos olhos.

— Por que você não me conta?

A princípio ela o compreendeu mal e ficou chocada.

— Não vai me dizer que ainda suspeita que eu esteja envolvida...

Sam balançou a cabeça.

— Claro que não, Elizabeth, você não entendeu. Por que não consulta a bola de cristal? Estamos num beco sem saída. Mary Nelson voou de Frankfurt para Amsterdã e, de lá, desapareceu. Não há mais sinal dela. Nem haverá. Deve ter apanhado um avião particular, e agora não teremos mais informações.

— Como sabe? — indagou, levando o prato vazio até o balcão.

— Danny já falou com todo mundo que pudesse ajudar. Agora, cabe a você encontrá-la.

— Não posso.

— Mas precisa, Elizabeth! Senão, a morte de Phil não será vingada. Ninguém pagará pelo crime.

— Eu já falei que...

— Isso para não falar em Mary Nelson, as outras moças do Colorado e sabe Deus quantas mais. Qualquer que seja a causa que os move, é algo muito sério pelo qual vale à pena matar e nada irá detê-los. Já que você não faz mesmo parte do grupo, na certa virão a sua procura assim que tudo terminar. E a minha, também. Só que, desta vez, não cometerão mais erros.

— Quantas vezes tenho que repetir que não é assim tão simples? — perguntou, quase em lágrimas.

Sam levantou-se do sofá com a agilidade de um felino Elizabeth teve vontade de sair correndo. No entanto, permaneceu exatamente onde estava e ergueu o queixo num desafio.

— Você esqueceu? Já tentamos antes, e deu certo. Podemos tentar de novo, Elizabeth...

— Talvez eu tenha perdido meus poderes... Não há uma lenda que diz que as bruxas perdem os poderes quando deixam de ser virgens?

— Não — ele disse, segurando-a pelos braços. — Elas perdem os poderes quando se apaixonam.

Ela sabia que Sam a estava testando.

— Neste caso, estou fora de perigo.

— É claro que só as virgens conseguem capturar os unicórnios — comentou, puxando-a para si. — Por acaso tencionava sair caçando unicórnios?

— Não, Sam... — E tentou soltar-se, mas não conseguiu. — Estou muito... fraca. Preciso de um tempo, de um descanso, por favor.

— Tempo é só o que não temos. — Quando Elizabeth quis correr, Sam segurou-a, de modo que suas costas se apoiassem em seu peito e seus braços se cruzassem sobre os seios dela. — Feche os olhos, Elizabeth, e me diga o que consegue ver.

Não havia como escapar. Os braços dele a prendiam, e, ao mesmo tempo, a abrigavam. De repente, ela viu. O perigo, a escuridão, a dor. Aos poucos a tensão foi dominando-a, como uma onda.

As visões vieram mas Elizabeth não queria contar o que ia.

— Não relute. Diga o que está vendo.

Era inútil insistir. O vermelho escuro estava espalhado por toda parte. Canais vermelhos de sangue.

— Canais de sangue — disse quase sem perceber.

— Canais... — Sam repetiu. — Então, ela ainda está em Amsterdã?

— Azul. A casa é azul e muito velha. Ele está com ela, mas há outros.

— Ele quem?

— O assassino de Phil. Ele está com ela! — E abriu os olhos fixando-os nas paredes sem enxergá-las. — Vejo sangue sobre mim. E... é o seu, Sam!

Dessa vez foi Sam quem se afastou, assustado.

— Minha nossa! — exclamou, atônito.

Mas ela não notou. Estava com tanto frio que talvez jamais conseguisse aquecer-se novamente. Sam ia morrer, e ela iria assistir a sua morte.

— Não posso deixar que aconteça de novo — disse ela em voz alta.

— Acontecer o quê?

— Não quero ver mais ninguém morrer. Primeiro foram meus pais, depois Alan. E Phil. Já chega. Não quero mais bancar a detetive, não quero encontrar estes sujeitos; quero que estas tragédias parem.

— Elizabeth, isso é impossível. Coisas ruins acontecem para todos. A única coisa que pode fazer para ajudar é descobrir esses sujeitos e impedi-los de agir. Não pode mudar o passado e não sei se poderá mudar o futuro.

— Neste caso, não vou fazer mais nada.

— Mas eu posso estar enganado. E se a minha única chance de sobreviver for tê-la a meu lado para me ajudar?

— E se sua única chance de sobreviver for não encontrar aquela casa? Aquela mulher doente e este homem, este... assassino?

— Você sabe que, cedo ou tarde, eu irei encontrá-los.

— Mas não quero estar lá para ver.

— Ou pode ser que eles me encontrem. E você estará comigo. E o sangue pode ser seu, não meu! — disse, com medo das próprias palavras.

E, sem dar-lhe chance de responder, abraçou-a e a beijou.

Indefesa, Elizabeth segurou-lhe o rosto com as duas mãos e confessou:

— Não quero que você morra, Sam!

— Eu não quero morrer. Não vou morrer, Elizabeth! Me ajude e ambos sairemos ilesos desta confusão.

Era impossível para ela resistir a um pedido dele.

— Está bem.

— Você sabe onde fica a casa azul?

— Não, mas a reconhecerei quando a vir.

Então, vou providenciar uns passaportes falsos e paremos o quanto antes. Já não sei mais em quem confiar, acho que daqui para diante teremos que agir sozinhos, ao menos, não teremos que nos preocupar com os falsos amigos.

— Tudo bem... mas agora preciso subir e dormir o mais que puder. Sozinha.

— Boa idéia, mas é melhor comer antes. Precisa se alimentar direito!

— Já tomei um bom prato de sopa. Mais tarde tomarei lanche.

— Certo! Aliás, vamos comer bem em Amsterdã. Os holandeses são famosos por sua culinária. Você vai gostar.

— Não vamos para a Holanda, Sam! — ela disse, como se acabasse de descobrir a informação mais importante do mundo. — Shari Derringer está em Veneza!

CAPÍTULO XVII

Quando Sam subiu para o mezanino já passava da meia-noite. Ao ver Elizabeth adormecida, os cílios molhados de lágrimas, recriminou-se por tê-la tratado com certa rispidez, mas a única coisa que poderia ajudá-los agora era sua par anormalidade, suas visões. E, mesmo que isso a esgotasse, teria que fazer uso de seus poderes.

Sam quis consolar-se dizendo a si próprio que se preocupava antes de tudo com a vida dela, mas não conseguiu. Afinal, sabia que, apesar de querer muito protegê-la, a teria forçado a tentar encontrar Shari mesmo que Elizabeth não corresse perigo de vida. Já carregava a culpa da morte de Amy Lee na consciência e não pretendia repetir a mesma experiência, mas ainda assim acabava colocando o trabalho em primeiro lugar. Sempre.

Amy Lee... Ficara parte da noite sentado no sofá, olhando para as chamas da lareira e lembrando-se da mulher que perdera por devoção ao serviço. Amara-a como nunca conseguiria amar novamente; por mais atraído e envolvido que estivesse com Elizabeth Hardy, não era o mesmo que sentira por Amy. Não acreditava mais no amor, e não queria pensar no que poderia acontecer a alguém por quem se apaixonasse.

Amy Lee tinha só vinte e cinco anos quando os canalhas a pegaram. Alegre e cheia de vida, acreditava cegamente que Sam jamais permitiria que algo de mau lhe acontecesse. Mas ele e Phil saíram à procura de um assassino e, enquanto estavam fora, os homens da Spandau a tinham apanhado como refém. E, antes que pudessem atender às exigências, Amy estava morta.

Vivia remoendo aquilo dentro de si havia dez anos e não permitiria que nada parecido voltasse a acontecer. Sam não tinha culpa, mas seu amor pela esposa o impedia de enxergar a verdade. Sentia-se culpado por não ter abandonado o Serviço de Inteligência antes que ela morresse. Elizabeth não o compreendia, e julgava-o um idiota sem sentimentos. Não compreendia que depois daquilo jamais voltara a confiar plenamente em alguém. Melhor assim. Quem sabe um dia conseguisse contar-lhe a história toda, contar-lhe sobre Amy Lee, mas ainda não estava preparado.

Olhando para o rosto de Elizabeth, constatou que precisava desbaratar a Spandau Corporation o quanto antes e voltar a sua existência

tranquila. Sentia-se atraído e perturbado por ela, física e emocionalmente, e isso não era bom. Não para ele.

Além do mais, sabia que o próprio bem-estar emocional de Elizabeth terminara. Estava, na certa, convencida de que o amava, o que era de se esperar depois do que lhes acontecera. Na verdade, se não achasse que o amava, ela não teria se envolvido a tal ponto. Sam sabia que era sensível demais para fazer amor com alguém de quem não gostasse muito.

Mas, em breve, Elizabeth superaria a ilusão. Porque só podia estar iludida, não podia realmente amar um homem como ele. Teria que sair um pouco, circular, e ver que havia dúzias de homens mais carinhosos, mais gentis, prontos a se apaixonarem. E então o deixaria. Não tinha do que se culpar — despertara a Bela Adormecida e, tão logo ela se julgasse pronta para enfrentar o mundo, o abandonaria sem olhar para trás.

E ele não ia morrer por causa disso. Contudo, tinha plena consciência de que jamais a esqueceria.

Cuidando para não acordá-la, deitou-se ao seu lado. Se ela acordasse, fariam amor e, enquanto fisicamente Elizabeth o desejasse, Sam não poderia evitar o conflito interior. Era mais fácil tentar se convencer de que tudo acabaria bem sem ter que fitar aqueles olhos castanhos. Um dia ela encontraria alguém que a merecesse.

Durante o sono, Elizabeth se mexeu na cama e esticou o braço a sua procura. A mão delicada roçou-lhe o peito e Elizabeth se aconchegou a ele, em busca de um conforto que Sam não podia lhe dar. Então, ela abriu os olhos, confusa, à espera.

Sam não ousou mexer-se. Elizabeth cheirava a flores, a chuva de primavera e ele teve vontade de amá-la uma vez mais, de entrelaçar seus corpos como se fossem um só. Mas esperou, calado, que ela lhe pedisse que a deixasse sozinha; esperou que ficasse zangada e começasse a chorar; esperou que tornasse a dormir. Mas Elizabeth o beijou.

Os lábios dela sobre os seus eram macios, úmidos, provocantes. A língua tímida deslizava por seus lábios provando-os, acariciando-os, e Sam, apelando para todo seu autocontrole, limitou-se a recostar-se e corresponder discretamente ao beijo, o suficiente para encorajá-la.

Elizabeth apoiou-se num cotovelo e seus cabelos escorregaram-lhe pelos ombros numa cortina de seda.

— Por que demorou tanto?

— Você disse que queria dormir sozinha.

— E você acreditou?

— Não. Só lhe dei um tempo para que percebesse que estava mentindo.

Sam pensou que ficaria irritada, mas ela sorriu de maneira tímida e sexy, fazendo-o arder de desejo.

— Sou uma boa aluna. Aprendi a lição depressa.

E afastou a manta. Elizabeth ainda usava o vestido vermelho.

Sam não pensou nas visões, suas ou dela; nem no futuro, no destino ou no que teriam de enfrentar nos próximos dias. Só conseguia pensar naquelas pernas longas e bem-feitas sob o vestido.

Então, deslizou uma das mãos por sua coxa, o tecido vermelho contrastando com a pele clara. Foi subindo a mão devagar, tocando-a, sentindo-a absolutamente nua sob o vestido, pronta para recebê-lo. Aquilo era mais do que podia suportar. Não havia autocontrole que resistisse. Sam cobriu-a com seu corpo e Elizabeth o abraçou, beijando-o com abandono.

Ele já havia se despido ao chegar ao quarto e agora lutava com o vestido vermelho, querendo-a nua sob si. Mas Elizabeth o impedia de despi-la e guiava-lhe as mãos, fazendo-o tocar-lhe os seios sob o vestido, vendo-o excitar-se ao erguer a saia e insinuar as mãos sob o decote. Ao percebê-lo pronto para possuí-la, entreabriu as pernas num convite irrecusável.

— Espere — ele murmurou. — Você ainda não...

— Venha — ela pediu, aninhando-o no vão entre as coxas — Não agüento mais esperar...

Com um gemido abafado, Sam penetrou-a de modo profundo, impondo um ritmo rápido aos seus movimentos. Sentindo o corpo estremecer de desejo e prazer, mas gostaria de ser capaz de se conter para prolongar o prazer de Elizabeth, seduzi-la, vê-la alcançar o êxtase, mas já não tinha mais controle sobre as próprias emoções. Suas mãos se agarraram ao tecido vermelho do vestido e Elizabeth arqueou o corpo.

Sam estava quase fora de si, atormentado pelo desejo, sentia a cama sacudir sob seus corpos, a pele suada colada à dela.

— Oh, Sam... — ela gemeu e, pendendo a cabeça para trás, gritou ao atingir o orgasmo.

Sam ergueu o rosto para vê-la, as feições transfiguradas, as unhas cravadas em suas costas. Segundos depois, também atingia o clímax.

Foi preciso algum tempo até que conseguisse se mover, seu corpo ainda estremecia, molhado de suor. Exausto, enrugou a testa e tentou rolar para o lado, mas Elizabeth o abraçou com mais força em forma de protesto. Foi quando viu que, mais uma vez, ela estava chorando.

— Eu machuquei você?

— Não. Você sabe que não... Sabe que estou chorando de emoção, e não de dor, Sam.

— Não sei o que me aconteceu — justificou, desejando ler adivinhar-lhe o pensamento. — Perdi totalmente o controle.

Ela esticou o braço e secou-lhe o suor das têmporas com mãos trêmulas.

— Às vezes é bom perder o controle e deixar que as coisas aconteçam naturalmente.

— Mas e se eu a machucasse?

— Não machucaria.

— Mas você gritou. Um grito tão... agudo — ele alegou, fazendo-a sorrir docemente.

— Foi diferente. — Então, tornou a abraçá-lo. — Agora, durma; amanhã vai ser um longo dia.

Ele rolou para o lado e acomodou-se em seus braços de modo confortável. Sentia-se ainda pouco à vontade, meio desorientado, mas não sabia o que fazer. Dormir talvez fosse a melhor solução.

Sam fechou os olhos, permitindo que seu corpo voltasse ao ritmo normal. Quando já estava quase dormindo, Elizabeth o chamou e ele era capaz de adivinhar o que ela iria lhe dizer. Sabia que Elizabeth não conseguiria dormir sem falar o que sentia e lamentou não poder detê-la.

— Sim? — perguntou com voz sonolenta na esperança de desencorajá-la.

— Estou apaixonada por você.

E, depois da declaração, suspirou profundamente, aninhando-se melhor para dormir.

Sam permaneceu quieto por alguns momentos, procurando algo que pudesse dizer sem magoá-la.

— É normal uma garota achar que está apaixonada pelo primeiro homem com quem vai para a cama, mas acho que você está enganada... só se sente atraída por mim, mas isso não é amor, Elizabeth. Eu sei...

Era inútil prosseguir com o discurso. Ao seu lado, ela ressonava, profundamente adormecida.

Sorrindo, Sam a puxou para junto de si ajeitando-lhe os cabelos sobre o ombro, e dormiu também.

Pela manhã, o amor entre os dois foi mais calmo, o vestido vermelho jogado ao pé da cama. Desta vez, foi ela quem tomou a iniciativa e impôs seu próprio ritmo à relação, posicionando-se sobre ele. Agora que descobrira o quanto era bom, Elizabeth não se cansava de fazer amor.

E quase experimentaram se amar sob o chuveiro, mas Sam teve medo de voltar a se descontrolar, e sugeriu que agissem como dois adultos razoáveis, limitando-se apenas a algumas carícias mais ousadas.

Ao descer para o café, Elizabeth sentiu as pernas trêmulas e sua fraqueza era tal que temeu desmaiar de fome. Sam colocou um prato de ovos com bacon a sua frente, uma xícara grande de café e observou-a devorar a comida.

— Não sei por que acordei com tanta fome — ela comentou, já satisfeita, ao tomar a segunda xícara de café, pondo os cabelos para trás da orelha. — No Colorado, eu comia pouquíssimo.

— É que tem despendido mais energia — Sam lembrou, tanto distraído.

— Tem razão. — Ela percebeu a mudança de humor. — Algum problema?

— Não, não. Danny passou por aqui enquanto dormíamos e nos trouxe umas roupas e dois passaportes. Devemos sair dentro de uma hora para conseguirmos pegar o voo que sai do aeroporto de Nova York daqui a sete horas. Vamos para Veneza.

Elizabeth sentiu um friozinho no estômago, mas ignorou-o.

— Como conseguiram fazer um passaporte para mim sem minha foto?

— Nunca subestime meus amigos. Danny viu uma foto sua num jornal do Colorado, depois deu uma olhada nos arquivos do setor de identificação, arranjou uma moça bem parecida e arrumou a foto em apenas algumas horas. Veja. — E entregou-lhe o passaporte.

Ao abri-lo, Elizabeth ficou pasma ao ver a moça que bem poderia ser sua irmã gêmea. Só então compreendeu o significado da crença que diz que cada pessoa tem um similar idêntico em algum ponto da Terra. A única diferença eram os cabelos da moça. Eram bem curtos. Elizabeth fechou o passaporte e olhou para Sam.

— Por que não arrumaram uma peruca para ela?

— Eles tentaram mas ficou muito artificial.

Elizabeth, então, puxou os cabelos para o lado e os prendeu numa trança.

— Tem uma tesoura?

Por um segundo, ele vacilou.

— S-sim — respondeu, afinal, indo até a cozinha.

Quando voltou, ela lhe deu as costas sentindo-se a própria condenada à guilhotina. Mas Sam não se mexeu. Finalmente, voltou-se para fitá-lo, e viu os olhos azuis muito tristes, atormentados.

— E-eu não posso cortá-los, Elizabeth! — ele admitiu, jogando a tesoura ao seu lado sobre o sofá.

E, batendo a porta, saiu da casa.

Elizabeth não cortava os cabelos havia vários anos, desde a morte da avó. Eram sua única vaidade, a única coisa com que se preocupava e da qual se orgulhava. O fato de Sam ter se recusado a cortá-los era uma demonstração de sensibilidade, e a deixou feliz. Afinal, ele não era tão cruel quanto se fazia parecer. Sorridente, apanhou a tesoura e foi para o banheiro.

Foi preciso calma para cortá-los. Caso fizesse uma bobagem, não teria tempo de passar num cabeleireiro; portanto, tomou todo cuidado.

Quase meia hora depois, viu uma mulher completamente diferente sorrir-lhe no espelho. Não era a do passaporte, nem a comportada moça do Colorado. A mulher do espelho tinha uma expressão alegre, cheia de vida, apaixonada, disposta a manter-se assim e a salvar a vida daquele que amava.

Já no quarto, vestiu um macacão caqui que Danny trouxera, penteou os cabelos de lado e desceu. Sam estava na cozinha e, ao vê-la se aproximar, deteve-se para admirá-la.

Por um momento, Elizabeth entrou em pânico. E se ele não gostasse? E se não a achasse mais atraente? E se...

Sam cruzou a sala com passos longos, segurou-lhe o queixo e beijou-a, pondo fim a todas as suas dúvidas. Então, sorriu e disse:

— Vamos cair fora daqui já, senão não pegaremos jamais aquele avião.

CAPÍTULO XVIII

Fazia frio em Veneza. Elizabeth puxou a gola do casaco e resistiu ao ímpeto de abraçar-se a Sam enquanto o vaporetto os conduzia através dos canais movimentados. Ela esperava encontrar sol e calor; não aquela chuva fina que parecia umedecê-la até os ossos. Romântica, esperava viver dias inesquecíveis e agradáveis ali em vez daquela sensação horrível que crescia em seu íntimo. Imaginara a cidade bonita, contudo a achava decadente e inóspita. Na certa, eu humor se refletia sobre a cidade, tornando impossível qualquer boa impressão.

— Nada lhe parece familiar? — Sam murmurou baixinho.

Seu jeito não era carinhoso, apenas falava baixo por cautela. A barca pública estava lotada e não se podia confiar ninguém.

Elizabeth ainda não se acostumara a ter os cabelos curtos e estranhava o vento frio na nuca. Os últimos tempos de sua vida tinham sido intensos, repletos de emoções fortes — boas e más. E, ao seguir na moderna barca pelos canais de Veneza, sua confusão aumentava, dando-lhe uma estranha sensação de desorientação.

Já estavam na cidade havia três dias. Três longos e infrutíferos dias, perambulando pelas ruas úmidas, pelos canais movimentados. Durante o dia, não se tocavam. À noite, faziam amor com paixão, como se quisessem recuperar todo o tempo perdido.

Às três da manhã, após outro dia inútil, insone, Elizabeth resolveu tentar. Precisava com suas visões descobrir alguma pista, algo que os ajudasse.

Sentada na cama, observou-o com atenção, reparando-lhe a respiração profunda e ritmada, os cílios escuros sobre a pele morena. Cuidando para não acordá-lo, tocou-o de leve à altura das costelas. Então, fechou os olhos e esperou.

Nada. Tentou relembrar as visões que tivera antes, o vestido vermelho, o sangue, mas foi inútil.

Subitamente, Sam abriu os olhos e segurou-lhe a mão com força. Ela não percebera que o acordara, mas continuou concentrada.

E viu sangue espalhado por toda parte. Viu-se vestida de vermelho escuro.

Instantes depois, Elizabeth estava no chão, encolhida num canto, olhando-o aterrorizada, sem saber como chegara ali.

Preocupado, Sam sentou na cama:

— O que foi que viu?

— Sangue.

— Oh, droga! — exclamou ao acender a luz da cabeceira. — Nada da casa? Nada que nos diga onde Shari está?

— Não era isso que eu estava tentando ver. Quis ver se você sobreviveria.

— Não me importo em sobreviver! Quando a hora chegar, não terei como escapar. Não gaste sua energia comigo; trate de encontrar Shari Derringer, isto sim.

— Amanhã — ela afirmou, imperturbável.

— É tão simples assim?

— Não. Só o que posso fazer é sair andando por aí até encontrar a tal casa azul.

— Você pode morrer de cansaço procurando algo que não sabe onde está!

— E você também, Sam... também pode morrer... — ela garantiu voltando para a cama. — Mas, ao que parece, isso agora não importa. De qualquer forma, a encontraremos amanhã. Boa noite.

Meia hora depois, a voz dele quebrou o silêncio do quarto:

— Não acho que vou morrer.

— Ninguém acha.

Sam segurou-lhe uma das mãos e a beijou.

— Prometo fazer o possível para que não aconteça. E o que posso prometer.

— Então, o jeito é torcer para que permaneçamos vivos.

CAPÍTULO XIX

Elizabeth esperou até o momento certo para agir, sem o conhecimento de Sam. Não que ele desconfiasse dela — tinha certeza de que Sam confiava em sua palavra, mas não saberia como explicar-lhe que ele estava interferindo em seus poderes.

Prometera ajudá-lo a encontrar Shari Derringer e seus amigos, mas só conseguiria se fosse sozinha.

E aguardou até que ele entrasse no banheiro. A pensão tinha vários folhetos sobre excursões pela cidade, passeios, lojas. Elizabeth tomou um remédio contra enjôo e saiu disposta a passar o dia todo fora, sozinha, na esperança de encontrar a tal casa azul.

E, para tanto, o meio mais seguro era a barca pública. Em Veneza, uma cidade perigosa e palco de muitos assassinatos, circular na barca seria mais fácil, fazendo-se passar por uma simples turista. Se os amigos de Shari eram tão eficientes como Sam falava, toda precaução seria pouca. Àquela altura, talvez até já soubessem que estavam em Veneza.

Esperava que Sam a compreendesse. Deixara um bilhete pedindo que a encontrasse aquela tarde na Piazzetta, na esperança de já ter alguma pista. Sam ficaria furioso ao descobrir que saíra sem a companhia dele; mas era a única forma de ajudá-lo. Não havia escolha.

Tivera o bom senso de pôr uma capa de chuva, cobrir os cabelos com um lenço e usar enormes óculos de sol antes de subir na barca lotada, como sempre.

O guia do grupo da excursão na qual se inscrevera na portaria da pensão anunciava que aquele era o primeiro dia quente das últimas semanas, e os turistas começaram a tirar os casacos. O sol havia saído, iluminando os canais, o famoso Ca d'Oro, e até os gondoleiros cantavam.

Mas, apesar do calor, Elizabeth continuava com a capa, fingindo prestar atenção às informações que o guia fornecia em três línguas. Porém, intimamente, pouco lhe importava o Palácio dos Doges, a Catedral de São Marcos, a Ponte Idos Suspiros. Noutra ocasião, teria ficado encantada, mas, no momento, tudo o que queria era encontrar a casa azul. Seus companheiros formavam um grupo alegre: havia turistas de vários países da Europa, um casal de americanos em sua segunda lua-de-mel, provavelmente com os filhos já formados mas ainda sem netos, e um

estudante universitário, também americano, viajando só. Elizabeth não estava com vontade de conversar, tentando se concentrar nos palácios e casas por onde passavam, mas o rapaz parecia ansioso por trocar idéias com alguém.

Por ironia do destino, teria perdido a casa azul se não fosse por ele. Haviam parado para almoçar numa trattoria com mesas para fora, tudo incluído na excursão, mas Elizabeth, com o estômago enjoado, não estava com apetite para macarrão com lula. Seu amigo, no entanto, devorou a porção com entusiasmo e Elizabeth chegou a pensar em oferecer-lhe sua porção sem ofendê-lo, mas não soube como. Após almoçarem, o rapaz jogava migalhas de pão para os pombos e Elizabeth, sem saber por quê, se emocionou com aquele gesto.

— Não está se sentindo bem? — ele perguntou, sorrindo. O rapaz tirara o suéter e, por baixo, usava o traje mais comum nas universidades americanas: uma camiseta com o emblema de uma universidade.

— Só saudades — comentou, imaginando se Sam a esganaria quando se reencontrassem.

E o pior era que o dia mostrava-se infrutífero.

— Quer esticar um pouco as pernas? — Martin, o rapaz, indagou.

Elizabeth aceitou sem vacilar. O rapaz não representava perigo e já estava cansada de ficar só, entregue às dúvidas e aos temores.

— Claro — concordou, tirando o lenço. — Para que direção vamos?

Eles estavam no centro de uma das dúzias de praças que existiam em Veneza.

— Você escolhe — ele brincou, pondo a mochila nas costas.

— Não precisa levá-la. Não temos tempo de ir muito longe.

— É uma questão de segurança. Aqui está tudo o que possuo.

— Entendo. — Olhando à volta, ela apontou para uma viela onde um canal secundário brilhava ao sol. — Por ali.

A cidade estava lotada de turistas por causa do bom tempo. Martin contava a respeito das dificuldades que encontrava na Universidade de Indiana e Elizabeth o ouvia sem muita atenção. De repente, saíram do sol e ela começou a sentir frio. Muito frio.

— Algo errado?

Ela tornou a vestir a capa que havia tirado.

— Não. Só um pouco de frio.

— Mas está fazendo calor — o rapaz alegou, mostrando a testa molhada.

— Devo ter pego um resfriado — Elizabeth disse, agitada, tomando a dianteira da caminhada, deixando-o para trás.

Ao chegar à beira do canal, parou bruscamente, quase perdendo o equilíbrio. Ali, as casas eram menores e mais velhas do que no Canal Principal. E, duas casas adiante, na outra margem, ficava a casa azul.

Elizabeth ficou paralisada, os olhos fixos na construção, ignorando a presença do rapaz. Não havia dúvidas — era a casa. Ao seu lado, havia uma pequena faixa de jardim cercado por uma grade alaranjada de ferrugem. Por trás das grades, Elizabeth vislumbrou a silhueta de Shari Derringer.

Imobilizada, sentiu o frio penetrar-lhe os ossos. E viu vultos na janela. Vultos que a observavam. Que idiota! Claro que haveria pessoas vigiando a casa. E, na certa, não a tomariam por uma simples americana de férias. Dando um passo atrás, chocou-se contra Martin.

— Desculpe — murmurou e perdeu a voz ao sentir a pressão inconfundível do cano de uma arma em suas costas.

— Não tem problema — ele disse, contente. — Caminhe comigo, com cuidado, e ninguém vai notar.

Martin contornou-a e deu-lhe o braço num gesto de companheirismo. Elizabeth percebeu que a arma, muito pequena, cabia na palma da mão dele.

— E se eu gritar e correr?

Por que não desconfiara de tanta amabilidade? Que tipo de poderes eram os seus que a atormentavam com cenas sangrentas mas falhavam na hora em que corria perigo?

— Morreria antes de tentar — ele garantiu, com voz calma e didática, conduzindo-a de volta pela viela estreita. — Você não faria uma bobagem dessas, não é, Elizabeth?

Mas Martin não a conduziu até a pequena ponte que cruzava o canal e representava a maneira mais rápida de se chegar à casa azul. Ele a levava para longe dali e Elizabeth teve esperança de que ele fosse um amigo de Sam. Fitando-o de relance, percebeu a frieza do olhar. A mesma dos olhos de Sam — olhos de quem já vira muita tragédia.

O grupo já tinha deixado a praça quando voltaram mas Martin, pelo visto, já esperava por isso. Ela o seguia sem resistência imaginando

se conseguiria fugir pulando num canal; mas seria inútil. Não sabia nadar e as águas eram muito poluídas.

— O que pretende fazer comigo?

— Depende de como se comportar, depende de Sam Oliver, e do que você está fazendo por aqui. Onde estão hospedados?

— No Hotel Danieli — mentiu.

— Não minta. Onde vocês estão? — ele insistiu, pressionando a arma com mais força como se quisesse lembrá-la do perigo que corria.

— Pensione dei Zaglia.

— É bem provável mesmo. Sam sabe onde você está? Não sabe, não é? O que acha de voltarmos e fazermos uma surpresa para ele?

— Não pense que vou lhe dar o endereço.

— Nem precisa; basta olhar numa lista telefônica. Só que a demora pode me irritar e acho que você não gostaria de me ver nervoso. Posso descarregar minha raiva em Sam.

— Fica em Rio Branco.

— Ótimo.

O caminho de volta para a pensão no vaporetto parecia eterno. O sol havia se posto e a tarde ficara fria e escura.

Chegando ao quarto da pensão, Martin segurou-a pelo braço e a fez sentar-se na cama.

— Agora é só esperar — ele constatou, satisfeito. — Se o conheço bem, ele não vai demorar.

— Você e Sam se conhecem?

— Pode-se dizer que sim.

— Você faz parte da Spandau Corporation?

Martin não respondeu, permanecendo calado. Elizabeth sentiu quando Sam entrou na pensão; sentiu seus passos na escada, sua respiração logo atrás da porta. Mas não pôde fazer nada. Martin encolheu-se atrás dela na cama e apontou-lhe a arma.

A batida na porta a assustou. Tinha certeza de que era Sam, mas ele possuía a chave.

— Pergunte quem é.

— Quem é? — ela conseguiu perguntar com voz trêmula.

— Serviço de quarto — Sam respondeu.

Martin achou graça.

— Diga-lhe que entre.

— Não.

— Diga — ordenou pressionando a arma contra sua têmpora.

Ela não precisava avisá-lo de mais nada. Sam já sabia.

— Entre.

A porta abriu bem devagar, revelando a figura de Sam com uma arma três vezes maior que a de Martin na mão. Com muito cuidado, ele fechou a porta e disse:

— Danny, seu engraçadinho, que piada é esta?

O rapaz saiu de trás dela, guardou a arma e abraçou o amigo. . .

— Foi só para mantê-lo alerta. Por que deixou sua garota sair sozinha por aí?

Sam observou-a. Elizabeth estava pálida e as lágrimas rolavam por suas faces.

— Elizabeth, por que fez isso? Você quase me matou de susto saindo sem que eu percebesse. O que acha que ia conseguir saindo por aí sozinha?

— Eu... Eu... — Apelando para seu orgulho, ela se recompôs e os fuzilou de ódio. — Vão para o inferno! — exclamou, afundando-se na cama.

— Onde você a encontrou? — Sam perguntou ao amigo. — E o que faz por aqui, afinal?

— Fui designado para cá.

— Puxa, eu já tinha esquecido que o Departamento de Estado pode mandá-lo para qualquer lugar.

— Eu os convenci a me deixarem acompanhá-lo.

— Então, eles sabem que estou aqui?

— Sabem que está em algum lugar da Europa e torcem para que eu o encontre. Só vou entrar em contato com o chefe daqui a três dias. Até lá, espero que você invente uma boa história.

— Senão... você terá de contar onde estou? Isso não seria bom para ninguém.

— Isso pode simplesmente salvar sua vida.

— Ora, Danny, você sabe que não é verdade. Se eu precisar da ajuda do governo para me defender...

— É para mim que você vem contar isso? — E ambos riram. — Sua garota teve sorte em estar comigo; quase lhe estouraram os miolos. Ela entrou por uma viela e, ao chegar diante de uma casa, ficou pasma,

observando a construção, e nem percebeu que um sujeito lhe apontava uma arma no terraço do andar superior.

— A única arma apontada para mim era a sua — Elizabeth alegou.

— Se Danny diz que havia uma arma apontada na sua direção, você devia agradecer por ainda estar viva. Onde foi isso?

— Onde você acha que poderia ter sido? — perguntou, irônica. — Na casa azul.

Houve um silêncio profundo no quarto. Elizabeth esperava uma reação mais entusiasmada da parte de Sam ao saber que ela encontrara Shari Derringer, mas ele recebeu a notícia com uma frieza incrível.

— Que bom. Como é a casa?

— Muito velha. E vi três ou quatro pessoas por lá.

— Que casa azul é esta? — Danny quis saber.

— O que você veio de fato fazer aqui? — Sam redarguiu. — O que há por trás do desaparecimento de Shari Derringer e por que a farsa, Danny?

— Como posso saber?

— Você não estaria aqui se não soubesse. Quase ia me esquecendo de que já foi destacado pelo velho MacDonald Derringer há alguns anos, e ele está cercado por gente leal ao seu comando. Por acaso veio prestar um favor particular a ele?

— Sam, eu já disse por que vim. Que eu saiba, ninguém tem idéia do que Shari está tramando. Ela é voluntariosa, perigosa e todos temem que, caso não seja desprogramada a tempo, a situação vá engrossar.

— Desprogramá-la... É este o plano?

— Aparentemente. Detê-la antes que coloque o governo americano numa situação constrangedora com suas gracinhas. Pô-la num hospital de segurança máxima e mantê-la internada, dopada, até que tudo se resolva.

— E o pai dela aprova?

— Foi sugestão dele. E então? Que casa azul é esta?

— Não vou enganar você, Danny: há alguém relacionado ao desaparecimento de Shari naquela casa azul. Acho que ela está em Beirute, mas seria impossível encontrá-la sem ajuda. Sei que a ajuda está na casa mas preciso armar um plano.

Elizabeth o viu mentir para o rapaz, em quem dizia confiar, e ficou ainda mais confusa.

— Quem mora lá? — Danny perguntou.

— Riffraff. Um ex-terrorista muito perigoso. Mas que decidiu sair da ativa há alguns anos.

— Entendo. Qual a relação deles com a Spandau Corporation?

— Quem disse que há relação?

— A sua garota. Enquanto tentei aterrorizá-la, ela me perguntou se eu fazia parte da Spandau.

Sam lançou um olhar desaprovador em direção a Elizabeth.

— Não sabemos. Por enquanto, só ouvimos rumores.

Elizabeth já estava farta de tanta mentira e já não sabia mais em quem confiar. Mal via a hora de livrar-se daquele caso maldito.

— Vamos ver se conseguimos nos aproximar da tal casa — Sam explicou. — Vou me comunicar com nosso contato e...

— Quem é ele?

— Ora, você é um expert no assunto; veja se consegue descobrir — ele blefou.

— Tudo bem. Até lá, vou fazer o possível para manter os chefões afastados.

— Por quê?

— Para preservar nossa amizade. Por que acha que arranjei os passaportes e me livre do corpo de Kempton para você? — E olhando para Elizabeth: — Foi ela quem o matou?

— Não. E saiba que sua súbita presença aqui me deixa desconfiado.

Danny deu de ombros.

— Isso acontece. Qualquer novidade, avise-me, está bem? Fique de olho na sua garota. Ela pode se meter em confusão.

Sam trancou a porta assim que o amigo saiu e olhou para Elizabeth com uma expressão indecifrável.

— Droga!

— Ele me deixou apavorada.

— Ótimo; você também me apavorou ao sair sozinha!

— Você não confia mais nele?

— Não sei... Eu tinha esquecido que ele já trabalhou para Derringer. Minha preocupação maior é encontrar Shari e o idiota que matou Phil. Tentar detê-los antes que nos detenham. Você viu Shari na casa azul?

— De longe; mas tenho certeza de que era ela.

— Bem, não temos mais tempo a perder. Vou ter que agir por minha conta, mas algo me diz que Danny sabe o que está acontecendo. Ouça: não quero que se meta em confusão. Já não vai ser fácil cuidar de minha segurança e não posso me descuidar de detalhe algum.

— Mas, se eu conseguisse tocá-la, saberia...

— Nem ouse se aproximar de Shari! — ele esbravejou. — Onde fica a tal casa?

— Não vou contar se não me levar junto! Seria sua sentença de morte!

— Você não tem escolha. Se não me contar, terei que perguntar a Danny; afinal, ele esteve lá com você. Só que isso seria entrar num jogo mais incerto e perigoso, e eu teria ainda menos chance de me sair bem. Vamos lá, Elizabeth... onde fica a casa azul?

Mohamed Ali Reza estava cortando as unhas quando Shari se aproximou, curiosa por saber o motivo de tanta movimentação na casa.

— Para onde estão indo todos?

— É hora de agir. Não diga que tem medo de ficar aqui em casa sozinha comigo, querida...

— Claro que não. Só achei estranho porque não me avisaram de nada, não me disseram quais são os planos...

— Os planos não mudaram, meu bem. Só que alguém conseguiu nos seguir até aqui. Precisamos eliminá-los. Depois, vamos ver se essa sua cabecinha começa a funcionar e você nos dá todas aquelas maravilhosas informações, certo? Mas, antes, tenho um outro "servicinho" para você.

— Qual?

— Você vai servir de isca para uma bobinha. Eles estão a sua procura e faremos o possível para que a encontrem. Então, já os terei sob minha mira.

— Vai ser preciso usar de violência? — ela quis saber, os olhos azuis muito arregalados.

— Acho que sim. Mas você não se incomoda, não é mesmo?

— Claro que não — ela respondeu, com um estranho sorriso. — Quando começamos?

CAPÍTULO XX

Era um dia frio de muito vento. O céu estava azul sobre a praça de São Marcos e, ao longe, nuvens brancas se aproximavam. Elizabeth estava sentada numa das mesinhas do café observando os pombos, Olhando para Sam do outro lado da mesa, lembrou-se dos acontecimentos da véspera e daquela manhã. Haviam feito amor de modo quase desesperado, como se temessem ser a última vez, e ele tornara a insistir na mesma pergunta. Onde fica a casa azul?, Elizabeth suspirara e revelara o endereço.

Desde então, Sam quase não lhe dirigira a palavra, mergulhado nos próprios pensamentos.

— Está muito frio para ficarmos num café ao ar livre — ela comentou, pondo a xícara de lado.

Ele ergueu o rosto e a fitou.

— Há uma porção de turistas aqui.

— Mas eles pagaram caro pela excursão e não podem perder uma tarde trancados no hotel. Não viemos aqui para passear.

— Tem razão.

— Então, por que temos que ficar aqui fora com este frio?

— Pensei que quisesse um café.

— Podíamos ter tomado no quarto mesmo. Diga, Sam: o que estamos esperando?

Ele suspirou:

— Este é um dos lugares mais seguros para você em Veneza. É amplo, cheio de gente e ninguém poderia lhe dar um tiro pelas costas.

— Por outro lado, qualquer um pode nos ver sentados aqui.

— Isso mesmo. Quem quer que esteja a nossa procura já deve estar nos observando.

— Então, diga logo por que viemos — insistiu, já perdendo a paciência.

— Estamos esperando por Danny, Não que ele seja de absoluta confiança, mas é mais confiável do que qualquer outro. Sei como ele raciocina pois fomos treinados na mesma escola. O problema é que o inverso também é válido, e não vai ser fácil esconder alguma coisa de Danny.

— E é preciso esconder?

— Não tenho outra escolha.
— Então, por que não vamos embora?
— Porque ele vai cuidar de você, mantê-la a salvo enquanto vou à procura de Shari.

— Sam, não pode fazer isso!

— Posso e vou.

Ele segurou-lhe as mãos frias e fitou-a com determinação.

— Não quero que você morra, Sam.

Sam deu de ombros mas Elizabeth sentiu-o estremecer.

— Antes eu do que você. Não quero que nada lhe aconteça, por isso vai me obedecer, entendeu?

Elizabeth sabia que, tão logo Danny os encontrasse ali, Sam iria desaparecer.

— Por favor, não me deixe — pediu, mas ele ignorou-a. — Por favor, Sam. — Então, apelou para seu último recurso. — Quem era Amy Lee?

Finalmente Sam voltou toda a atenção para Elizabeth, os olhos repletos de ódio e dor.

— Minha esposa. Ela morreu, Elizabeth. Mas você não vai morrer.

E, sem mais uma palavra, levantou-se, deixando-a só.

Elizabeth olhou à volta, mas nem sinal de Danny. Então, pensou em seguir Sam mas logo desistiu. Ele iria seguir o endereço falso que lhe dera da casa azul, à margem direita do Canal Principal. Mentira para salvar-lhe a vida, para ganhar um pouco mais de tempo. Porém, ao retornar à pensão, ele saberia que mentira e não haveria mais como escapar.

Preocupada, olhou a sua volta e viu um rapaz magro de olhos castanhos numa mesa próxima. Mesmo nunca o tendo visto, era como se soubesse quem ele era. O moço olhava para a esquerda, sem prestar-lhe atenção, e, seguindo a direção de seu olhar, Elizabeth deparou com Shari Derringer.

Shari ocupava uma mesa sozinha e parecia não notar os olhos do rapaz, nem a expressão de espanto de Elizabeth. Seus cabelos loiros eram mais curtos do que nas fotos. Vendo seus olhos azuis tão inocentes, Elizabeth indagou-se se não haveriam cometido um engano; Shari talvez não passasse de simples vítima de um plano monstruoso. Só havia uma

maneira de saber e era melhor agir o quanto antes. Antes que a perdesse de vista, antes que Sam morresse.

Elizabeth pousou o guardanapo na mesa, pagou a conta e aproximou-se da garota, que a olhou com curiosidade.

— Desculpe incomodá-la, mas você me pareceu ser americana e sinto-me muito só aqui em Veneza, sem ter com quem conversar. O que acha de tomarmos um café e conversarmos um pouco?

A desculpa lhe soou falsa mas, para sua surpresa, Shari sorriu e apontou-lhe a cadeira oposta.

— Claro, sente-se. Estou aqui há dias sem ter com quem conversar — disse com seu sotaque nativo da Virgínia, e pediu dois cafés ao garçom. — Está vendo aquele homem ali? — E apontou discretamente para o moço moreno.

— Aquele que olha para cá?

— Isso; ele lhe é familiar? Tenho a estranha impressão de já o ter visto antes. A princípio, pensei que fosse um destes tipos conquistadores mas, agora, não tenho certeza.

O garçom se aproximou com dois cafés e Elizabeth se voltou para olhar em direção ao moço. A expressão de seus olhos não era definitivamente a de um conquistador.

— Não, nunca o vi antes. Mas é um homem bonito.

— Não faz meu tipo. A propósito, chamo-me Mary Nelson.

Elizabeth engasgou, derramando parte do café no suéter.

— Desculpe — disse, enxugando-se com o guardanapo. — Eu me engasguei. Meu nome é Amy Lee Oliver.

— Puxa, este café é uma delícia. Uma das melhores coisas que já provei aqui em Veneza.

Elizabeth tomou outro gole e tentou concentrar-se na garota. Será que Shari não sabia mesmo seu nome e sua identidade verdadeira? Se fosse realmente uma vítima na mão dos terroristas, talvez tivesse sido submetida a alguma técnica de lavagem cerebral ou algo parecido.

— Por que veio a Veneza?

— Para ser franca, não sei — revelou Shari. — Estava viajando pela Europa com um grupo de amigos e acabamos parando aqui. O resto do grupo foi para Marrakesh e ficou de me buscar na volta, mas acho que ainda demorarão alguns dias. Quer mais um café?

Elizabeth tinha que tocá-la para saber da verdade. Tudo o que tinha a fazer era esticar o braço e tocá-la casualmente.

Contudo, sentia tanto frio que a cabeça chegava a doer-lhe. O sangue parecia congelar-se em suas veias e até suas batidas cardíacas pareciam alteradas. Então, estendeu uma das mãos em direção a Shari, mas seu braço estava tão pesado, tão... será que... ela colocara algo no café? — pensou, indagando-se a seguir: — Onde está Danny? Onde está Sam? Onde...

— Ali — Shari disse para o moço que se aproximou. — Acho que Elizabeth está doente. É melhor levá-la para casa.

Elizabeth ainda quis protestar mas sua vista escureceu e ela não viu mais nada.

Quando Elizabeth acordou, estava tudo escuro, mas havia vozes abafadas por perto. O barulho da chuva batendo contra as paredes da casa, uma briga de gato lá fora, uma mãe brigando com o filho. Seus braços estavam atados às costas e a dor era quase insuportável, mas Elizabeth procurou não pensar na dor física e tentou rolar para o lado.

Estava sobre um estrado improvisado no chão de cimento, pernas e braços amarrados, boca amordaçada. Não era preciso apelar para seus poderes para saber que estava presa na casa azul. Com muita calma, conseguiu sentar-se e apoiar as costas na parede, e só então percebeu que não usava a mesma roupa de antes. Havia lhe colocado uma espécie de camisola, larga e escura. Vermelho-escura.

Desesperada, começou a chorar, molhando a mordaça que a sufocava. Indefesa, não havia mais nada a fazer senão esperar.

Então, a luz do quarto se acendeu fortíssima e ofuscou-lhe a vista. Elizabeth fechou os olhos até que sentisse uma mão delicada tocar-lhe os cabelos.

— Pobrezinha — disse Shari, ajoelhada a sua frente. — Não chore.

Elizabeth lançou-lhe um olhar letal mas a garota limitou-se a abraçá-la e apertá-la de encontro a seu vestido de seda, envolvendo-a com seu perfume.

— Você verá que não é tão ruim assim; até vai se acostumar com a dor. Ali é muito bom nisso e você não vai nem se importar quando ele a matar.

Nesse instante Elizabeth fechou os olhos, horrorizada. Não por causa do que ouvira, mas o abraço de Shari trouxe-lhe, de súbito, uma

visão claríssima, nítida como um filme, esclarecendo de vez certos detalhes que até então não havia conseguido entender. Agora compreendia por que a garota era tão importante para aquele grupo terrorista, a ponto de terem inventado aquela farsa do "Degolador do Colorado".

Dentro daquele cérebro entorpecido por drogas e álcool, havia informações secretíssimas tiradas do pai, capazes de matar milhares de pessoas. Apesar de seu baixo Q.I, Shari, de alguma forma, sabia da localização exata de uma dúzia de depósitos de mísseis espalhados pela Europa e América Latina. Não só a localização como os meios de burlar a segurança. Nos próximos dias a Spandau Corporation ia fazê-la despejar as informações e usá-las para desencadear uma série de acidentes que levaria o mundo todo a uma situação caótica. E só havia um meio de evitar a tragédia: deter Shari Derringer!

— Sei que não me compreende — Shari continuou —, mas procure não se preocupar. Não há como evitar.

— Shari! — O moço a quem ela chamara Ali estava parado na porta, furioso. — Afaste-se dela!

Shari afastou-se, cabisbaixa como uma criança.

— Mas eu só estava tentando confortá-la e...

— Você sabe muito bem que ela vai morrer! E ela também sabe; é por isso que está chorando. Vou matá-la como matei as outras! Volte para baixo, Shari.

— Ali! Você prometeu que ia me deixar ficar aqui também!

— Não prometi coisa nenhuma. Afaste-se daí. Não confio nela.

— Mas a moça está amarrada. O que poderia fazer?

— Já olhou para os olhos dela? Parecem olhos de assombração. Ela vê coisas que ninguém vê. — E se aproximou, agarrando Elizabeth pelos cabelos. — Mas, agora, não adianta. Pode me olhar o quanto quiser pois vou fechar estes olhos para sempre. E, se seus amigos descobrirem onde você está, morrerão também. Venha — ele disse, arrastando Shari consigo. — Você vai ter trabalho pesado logo mais, mocinha...

Ali apagou a luz ao sair, deixando-a novamente no escuro, e Elizabeth ouviu seus passos se afastando. Seu único consolo era saber que, ao menos, Sam não morreria. Àquela altura já devia estar revirando Veneza de cabeça para baixo, mas talvez jamais encontrasse a casa. Pela manhã, ela estaria morta; Shari e Ali já teriam fugido. E a única coisa que

restaria a Sam seria vingar-se. Mais uma vez, a vingança seria seu maior motivo para viver.

Talvez a única coisa que ela tivesse a fazer, no momento, fosse não dar chance aos terroristas de matá-la selvagemente, como haviam feito com as outras. Para tanto, bastava atirar-se da janela e afundar nas águas escuras do canal.

Decidida a pôr o plano em ação, Elizabeth levantou-se, sempre apoiada na a parede. Então, viu um vulto na janela. Seu primeiro ímpeto foi atirar-se no chão, fazer algum tipo de barulho mas, depois, concluiu que, quem quer que fosse, não poderia ser pior do que Ali.

O intruso pulou como um gato, sem fazer o mínimo barulho, e veio direto ao seu encontro com olhos azuis que enxergavam no escuro.

— Eu deveria deixar que eles a matassem — disse Sam ao tirar-lhe a mordaca e beijá-la.

CAPÍTULO XXI

Os lábios adormecidos de Elizabeth ganharam vida sob os dele, e ela quis abraçá-lo para sentir-se definitivamente viva, mas as amarras a impediram. Quis dizer-lhe que fosse embora antes que o matassem, mas sua boca estava mais preocupada em corresponder ao beijo de Sam. Seu único ponto de equilíbrio era ele e, quando Sam quis afastar-se, ambos acabaram caindo sobre o estrado.

Ele a cobriu com seu corpo e havia um brilho divertido em seus olhos.

— Você é mesmo uma maluca, Elizabeth! Se soubesse que era tão corajosa, a teria indicado para o Serviço Secreto.

Ela se manteve calada, enquanto Sam cortava as cordas que a prendiam e, quando o sangue voltou a circular por suas mãos, a dor era tanta que Elizabeth precisou morder o lábio para não gritar. Em seguida, Sam abraçou-a e sussurrou-lhe palavras carinhosas.

Tão logo ela se recuperou da dor, ele abaixou-se e cortou-lhe as amarras dos tornozelos, praguejando ao vê-la descalça.

— Não vai ser fácil para você sair correndo por Veneza sem sapatos. — E ergueu-lhe o rosto. — Você está bem?

— Estou. Sam, por favor, vá embora. Foi a sua morte que eu previ naquele dia...

— O que não significa que esteja a salvo; ou que eu vá mesmo morrer.

— Sam, eu não lhe disse, mas vi seu sangue manchando... um vestido vermelho.

— Então, diabos, por que escolheu esta roupa vermelha?

— Ora, não fui eu. Eles me trocaram enquanto estava desacordada. Sam, você não sabe o que eles estão planejando.

— Sei, sim. Veja se consegue ficar em pé.— E ajudou-a a erguer-se devagar. — Convenci Danny a me contar tudo. Ele se sentia culpado por ter permitido que a levassem e sabia que eu o teria matado se não me revelasse o que sabia.

— Teria mesmo? — ela quis saber.

— A única chance que eu tinha de encontrá-la era saber o que se passava e Danny era o único que sabia. Ele tinha visto a casa azul e sabia

o que se passava aqui dentro. Sim, eu o teria matado. Talvez a culpa também fosse minha por tê-la deixado sozinha ali no café, embora não soubesse que ele fosse se atrasar tanto, mas eles poderiam tê-la matado e eu não suportaria sua morte. Tenho que encontrar Shari Derringer e impedir que o pior aconteça antes que seja tarde demais.

Elizabeth estremeceu. O dia já ia nascer.

— Então você já sabe sobre os mísseis? Shari vai dar a localização a eles, e vão sabotar as bases. Será o caos. Danny já sabia sobre isso?

— Sim, o governo já sabe o que pode acontecer, mas não tiveram coragem de avisar a OTAN ou os países onde estão as bases. É embaraçoso demais para eles, já que a fonte de tudo é a filha de um secretário de Estado. Ainda têm esperança de conseguir minimizar o desastre, embora eu ache que já seja tarde. Metade dos sabotadores já deve estar agindo.

— Não. Ela ainda não revelou as informações.

Sam fitou-a com um brilho de esperança no olhar.

— O que a faz pensar que não?

— Consultei minha bola de cristal.

— Ora, Elizabeth, vamos.

— Eu a toquei e vi. Shari parece não compreender a importância das informações. Não sei se por ignorância ou por excesso de drogas. Mas tenho certeza de que ainda não revelou tudo o que eles querem saber; caso contrário, Ali já a teria matado.

— Ali?

— O sujeito que matou Phil, o chamado "Degolador do Colorado". Ela o chama de Ali.

— E o que eles estão esperando?

— Não sei.

— Estamos esperando a droga certa. — Elizabeth e Sam não ouviram Ali entrar. Ele movia-se como um gato, absolutamente silencioso, e postara-se entre a janela e eles dois. A faca brilhou em seu cinto, cintilando sob os primeiros raios da manhã, mas a arma automática que trazia na mão, parecia mais eficiente. — Não sabe como estamos frustrados... — comentou fechando a janela atrás de si. — Planejamos isso tudo há cinco anos e agora corremos o risco de pôr tudo a perder por causa de uns errinhos bobos.

— Ali— Sam murmurou entre os dentes. — Mohamed Ali Reza.

Ali sorriu de modo largo e intimidante.

— Claro que já ouviu falar de mim, embora eu tenha feito o possível para me manter no anonimato estes anos todos. Seu país pensa em alguns detalhes mas esquece outros. Veja Shari, por exemplo. Em lugar algum do mundo é permitido à família de um político, mesmo que tão importante, ter acesso a este tipo de informação ultra-secreta. Isso me deixa curioso, sabe?

— O que posso dizer? — Sam comentou, dando de ombros, mantendo Elizabeth bem próxima, segurando-a com força pelo braço. — O pai dela tem uma porção de problemas que ninguém sabia. Meu governo possui o péssimo hábito de tentar acobertar os embarços, e McDonald Derringer é um deles. Seu ponto fraco é o álcool, o que o tornou um risco para a segurança nacional. Começou a ter delírios e a falar demais. Mas a última pessoa de quem ele poderia desconfiar era da própria filha.

— Ele não passa de um idiota — Ali disse, dispensando a explicação. — Tão idiota que não descobriu que os "fornecedores" de sua filha eram, na verdade, agentes da Spandau. Ficamos muito "amigos" da filha dele! Tão amigos que ela concordou em trabalhar para nós! Shari, na verdade, foi um presente dos deuses. Ela sempre adorou espionar o pai, ouvir suas confissões, ler seus documentos secretos. Também tinha uma fascinação por drogas e aprendeu a conhecer outras, com efeitos mais interessantes. Há uma em especial que lhe permitiu armazenar um sem-número de informações "quentes" no fundo do inconsciente. Infelizmente, a droga afetou-lhe outras partes do cérebro, mas o que se pode fazer?

— Entendo — Sam murmurou, flexionando os dedos de leve sobre a pele de Elizabeth.

Ela entendeu a mensagem: assim que chegasse a hora, Sam a jogaria para um lado e se lançaria sobre o bandido. Apesar do revólver e da faca, ia tentar matá-lo e, naquele exato momento, Elizabeth decidiu que não o permitiria afastá-la para o lado.

— A pobre americana gostava tanto de brincar com drogas que já não conseguia lembrar o número do próprio telefone se não fosse com o auxílio delas. O problema é que precisa de um medicamento especial para se lembrar das informações que queremos em detalhes, e temos tido problemas na fabricação da droga. Um dos componentes é muito perigoso

e instável, e algumas mulheres já morreram depois de testá-lo. Algumas belas mulheres do Colorado...

— Que pena! — Sam disse, irônico, compreendendo melhor a utilidade prática do "Degolador do Colorado".

Elizabeth sentiu Sam tenso ao seu lado. Sabia que ele tinha uma faca com a qual cortara as cordas e sentira em seu bolso um volume que poderia ser o de uma arma parecida com a de Danny. Mesmo assim, não seria páreo para Ali Reza.

— No entanto, acho que chegamos à dose certa. A última pessoa a testá-la não morreu. Aliás, parece estar se sentindo muito bem... — explicou, olhando para Elizabeth. — O que indica que Shari já pode ingeri-la. Depois que despejar todas as informações que traz em seu pequeno cérebro, saberemos como nos livrar dela.

Sam olhou para Elizabeth, preocupado. Eles haviam testado a droga nela.

— Você está bem?

— Sim, estou bem. Só um pouco tonta...

Ali tornou a sorrir exibindo os dentes claros e perfeitos.

— Será que faz diferença, já que vocês dois vão morrer agora?

Sam tentou uma última argumentação.

— Muita gente morrerá se levarem esse plano adiante, Ali! É pura loucura.!

— O sangue será derramado em prol de um bem maior — Ali garantiu e Elizabeth o viu segurar o revólver com mais força. — Tudo será purgado pelo fogo.

A ação parecia desenrolar-se em câmara lenta mas, por outro lado, era rápida demais para qualquer raciocínio ou reação lógica. Antes que Ali disparasse, Sam empurrou Elizabeth. Não para o chão, como ela esperava, mas contra Ali Reza.

Numa reação automática, o sujeito ergueu a arma tentando escapar mas Elizabeth o atingiu em cheio e a arma caiu rodopiando no chão. Ao ver-se preso sob seu peso, os olhos transfigurados de ódio, Ali puxou a faca que trazia no cinto. Mas, antes que pudesse atingi-la em cheio na garganta, Elizabeth deu-lhe um pontapé violento e rolou para longe. E quase perdeu o fôlego ao ver Sam lançar-se contra o bandido, parecendo não ter visto a faca.

Elizabeth gritou, apavorada, e ajoelhou-se no chão, assistindo a tudo em estado de choque.

A cena aconteceu muito depressa. Num segundo, Ali Reza estava bem vivo, lutando, cheio de ódio; no outro, jazia morto, a faca cravada nas costas, os olhos sem vida, arregalados. Sam desvencilhou-se do morto e abraçou-a.

Ao afastar-se, viu-se manchado de sangue.

— Você está ferido — ela murmurou. — Oh, Sam, eu avisei... — disse, começando a chorar, desesperada.

— É você quem está machucada — Sam alegou, tocando-lhe de leve o pescoço. — O maldito conseguiu atingi-la de raspão. Há um corte em seu pescoço, mas não é fundo.

Ela tocou o ferimento e suspirou aliviada ao ver a mão coberta de sangue. Seu próprio sangue.

— Que bom.

— Ora, não diga isso, Elizabeth! A sorte é que ele não conseguiu atingir nenhuma artéria, mas é melhor vermos isso o quanto antes. Só que, no momento, temos que encontrar Shari. — Sam ajudou-a a erguer-se e ambos abriram a porta do quarto. — Não podemos deixá-la escapar. Se Shari encontrar-se com os outros, eles podem lhe dar a tal droga. Temos que levá-la de volta aos Estados Unidos para um tratamento.

A casa azul estava deserta. A porta da frente se encontrava aberta e Elizabeth teve certeza de que seus gritos deviam ter assustado Shari.

— Fique aqui — Sam ordenou, indo olhar a pequena viela.

— Não.

— Elizabeth, não discuta.

— Ela não foi por aí — garantiu com absoluta certeza. — Fugiu pelo canal. Venha.

Movendo-se como um autômato, Elizabeth o levou até a beira do canal secundário que passava perto da casa. O dia amanhecera cinzento e frio, prometendo garoa. A distância, ela viu um vulto se esgueirando pela calçada estreita, quatro ou cinco casas adiante.

— Lá está ela — apontou.

Sam saiu correndo em seu encalço numa velocidade incrível, resultado de anos de treinamento. Em menos de um minuto, já quase a alcançara. Shari olhou para trás, apavorada, e continuou correndo.

— Vá embora! Deixe-me em paz! — gritou a moça.

Sam não deu atenção e agarrou-a pelo braço, mas a loira conseguiu escapar, gritando obscenidades, mordendo-lhe a mão. Ele tentou de novo mas Shari o unhou e, mesmo a distância, Elizabeth adivinhou que ele praguejava.

Da terceira vez, Sam conseguiu segurá-la com força e virou-a de frente para si.

De repente, sem que Elizabeth entendesse como, Shari caía nas águas escuras do canal.

Sem hesitar, Sam atirou-se atrás dela e Elizabeth, apavorada, viu a figura de um homem parado a alguns metros de distância. Então, saiu correndo ao encontro de Sam, pensando em mergulhar a sua procura, mesmo não sabendo nadar.

E já enchia os pulmões quando ele surgiu sozinho na superfície das águas poluídas. Não havia barcos por ali naquele instante e Sam alcançava a calçada.

Elizabeth atirou-se em seus braços.

— Oh, Sam, pensei que ele também o tivesse matado.

— Não — disse ofegante. — Ele sabia o que estava fazendo. Bastava um tiro certo naquele cérebro comprometido e fim. Tudo acabado. Não precisava me matar. Shari era o alvo. — E olhou para o homem do outro lado do canal, com a arma na mão. Uma automática com silenciador. — Droga! — murmurou. — Ela não precisava ter morrido.

Puxando Elizabeth para trás de si, protegendo-a com seu corpo, gritou:

— Tiro certo, como sempre, Danny. Ela está morta.

— Eu sei, Sam. Foi melhor assim. Agora todos poderemos dormir tranquilos, inclusive o pai dela.

— Foi ele quem o instruiu, não foi? Ele mandou matá-la?

Danny guardou a arma e sorriu, mas não respondeu à pergunta. Nem precisaria.

— Adeus, Sam. Nos vemos em Washington.

— Já estou saindo para que acabe o "serviço", Danny. Adeus e... boa sorte.

Sam segurou-a pelo braço e ambos saíram caminhando como se nada tivesse acontecido. Danny acenou-lhes e se afastou. Na certa, já tinha um modo certo para cuidar do corpo.

Para surpresa de Elizabeth, ao se aproximarem do Canal Principal, Sam fez sinal para um gondoleiro com a maior naturalidade. Como se não estivesse todo molhado com as águas sujas do canal; como se ela não estivesse descalça e usando aquela roupa ridícula.

— Pensione dei Zaglia — indicou. — E não tenha pressa.

Elizabeth, pasma, acomodou-se ao seu lado na gôndola e ambos seguiram pelos canais românticos como dois apaixonados.

— Não entendo como pude me enganar — ela comentou. — Eu tinha certeza de que era o seu sangue na minha roupa.

— Ora, convenhamos, você não é infalível. Mas eu preferia que fosse o meu e não o seu. — E tocou-lhe o pescoço de leve. — Shari não precisava ter morrido. Muitas pessoas já perderam a vida neste caso.

— É verdade... — Ela acariciou-lhe o rosto e disse baixinho: — E eu te amo.

Sam não respondeu.

Caía uma garoa fraca quando Sam e Elizabeth deixaram Veneza. Era a primeira vez em semanas que Sam não tinha a sensação de estar sendo observado: Danny desaparecera, a casa azul fora fechada e nenhum corpo surgira flutuando nas águas do canal. A farsa terminara bem.

Vários agentes da Spandau foram detectados e presos, e o governo advertiu o secretário de Estado de que não toleraria mais falhas da parte dele. Derringer, por sua vez, parecia disposto a se "emendar". Afinal, pusera a segurança de várias nações em risco com sua imprudência, e acabara tendo de mandar eliminar a própria filha.

O vôo para Nova York foi longo e cansativo e ambos acabaram adormecendo. Sam tinha tanta coisa para lhe dizer mas, como poucas vezes em sua vida, sentiu medo.

Depois de haverem desembarcado e passado pela alfândega, pediu licença e foi dar um telefonema. Então, esperou até que tivessem cruzado o terminal a pé e revelou:

— Estou apaixonado por você.

A frase soou muito natural, fazendo-o admirar-se por não ter engasgado com o croissant que mastigava.

— Eu sei. — Foi a resposta, ainda mais natural, de Elizabeth.

Sam deteve-se e a olhou, furioso.

— Então, por que esperou que eu dissesse?

— Porque fez bem a você. Agora quero saber se pretende casar-se comigo quando chegar a Washington.

— Não vamos para Washington. Pedi demissão.

A notícia a surpreendeu.

— Não sabia que pudesse pedir demissão do Serviço de Inteligência.

— Posso. Sei de muita coisa importante e ninguém vai ousar se opor ao meu pedido; eu poderia complicá-los. Pensei em morarmos na Virgínia. Já tive umas ofertas de trabalho por lá há uns tempos. Mas também poderíamos simplesmente cultivar tulipas. Você não pensa em voltar ao Colorado?

— Jamais.

— Concordo. Não sei se percebeu, mas quase não nos conhecemos. Elizabeth achou graça do comentário.

— Mas estes poucos dias que passamos juntos nos tornaram mais unidos que muitos casais que já comemoraram bodas de prata. Além do mais, não temos segredos um para o outro.

— Eu tenho. Amy Lee. Eu devia lhe contar tudo a respeito dela.

— Não precisa, eu já sei. Pelo menos já sei o fundamental. Ela foi sua esposa, e você a amou muito, mas a perdeu numa das tentativas de desbaratar a Spandau.

— Como é que você... Ora, que pergunta idiota. — E respirou fundo. — Sabe, nunca tive uma família de verdade. Sou filho único e meus pais já tinham bastante idade quando nasci. Eles morreram cedo e eu entrei para o Exército. Depois que perdi Amy Lee, pensei que jamais conseguiria amar de novo. Mas vejo que me enganei. Só que, desta vez, sei que será para sempre. — E, sem se importar com os olhares que atraía, segurou-a pelos dois braços e pediu: — E então? Aceita?

— O quê? — ela perguntou, fazendo-se de inocente.

— Aceita tornar-se a sra. Oliver e me ajudar a formar uma família?

FIM

Cega paixão - Anne Stuart
Momentos Íntimos 216

Um romance real como a vida!
Edição 217

O LAGO ENCANTADO

Patrícia Carro

O sol se põe no horizonte e tinge de vermelho as águas do lago Cumberland. Ben e Carrie se beijam apaixonadamente, os corpos trêmulos, antecipando o prazer. O momento esperado há anos chegara. Nada mais pode detê-los. Ben, então, a possui. Céu e terra se unem num instante mágico, pleno. Nada mais existe, só os seus gritos de paixão, êxtase, entrega...

Após o amor, Carrie se pergunta quais segredos esconde o homem que a amara com tanta urgência. Por que voltara? Em quem realmente se transformara após tantos anos de separação? Mas não tem respostas para suas perguntas. Só sabe que Ben Coulter se tornou um amante audaz, impetuoso, que a realizara plenamente como mulher!

Um romance real como a vida!
Edição 218

CAVALEIRO INDOMÁVEL

Doreen Roberts

Um amor do passado... É isso que Kate pensa de Slade. Mas quando ele captura-lhe os lábios num beijo possessivo, enquanto as mãos acariciam-lhe o corpo, deixando um rastro de fogo a queimar sua pele, tem certeza de que ele faz parte do presente! Abandonando o medo e a desconfiança, Kate procura o corpo daquele homem viril, cola-se a ele, provocando-lhe as mesmas sensações inebriantes de que desfruta. É preciso viver o momento, deixar que as mãos mágicas de Slade lhe proporcionem prazer. E preciso esquecer o passado e o segredo que ele

Cega paixão - Anne Stuart
Momentos Íntimos 216

esconde e deixar-se levar pela paixão incandescente que lhe assola. Mesmo que depois a realidade venha ofuscar o brilho de uma louca noite de amor!